



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

FLÁVIA MONTEIRO DO AMARAL

**INSERÇÕES PARENTÉTICAS EM AULAS PARA OS
ENSINOS MÉDIO E SUPERIOR**

LONDRINA
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FLÁVIA MONTEIRO DO AMARAL

**INSERÇÕES PARENTÉTICAS EM AULAS PARA OS
ENSINOS MÉDIO E SUPERIOR**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck.

LONDRINA
2010

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central
da Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

A485i Amaral, Flávia Monteiro do.

Inserções parentéticas em aulas para os ensinos médio e superior /
Flávia Monteiro do Amaral, 2010.

67 f. : il. + Anexos no final da obra.

Orientador: Paulo de Tarso Galembeck.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade
Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa
de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2010.

Bibliografia: f. 65-66.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Análise da conversação –
Teses. 3. Comunicação oral – Teses. I. Galembeck, Paulo de Tarso. II.
Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências
Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.
III. Título.

CDU 801

FLÁVIA MONTEIRO DO AMARAL

INSERÇÕES PARENTÉTICAS EM AULAS PARA OS ENSINOS MÉDIO E SUPERIOR

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck (orientador)
Universidade Estadual de Londrina

Profª. Drª. Edina Regina Pugas Panichi
Universidade Estadual de Londrina

Profª. Drª. Sueli Cristina Marquesi
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Londrina, 19 de março de 2010.

Ao meu amado noivo, minha fortaleza,
força e meu incentivo maior para cursar o
mestrado.

AGRADECIMENTOS

- ✚ Ao professor Dr. Paulo de Tarso Galembeck pelas preciosas contribuições e orientação.
- ✚ Aos meus amados pais por sempre estarem comigo e me apoiarem. Em especial, à minha mãe, símbolo de amor e força, meu exemplo de persistência e carinho.
- ✚ Ao meu adorado noivo e futuro esposo por todos os momentos de compreensão e carinho, por caminhar comigo neste mestrado e por aguentar os meus momentos de cansaço e desânimo, por não me deixar abater perante as inúmeras adversidades que atravessei durante a escrita deste trabalho.
- ✚ À minha irmãzinha, minha amiga, parceira, companheira, confidente, ouvidos e inspiração. Ao meu irmão por sempre me incentivar e por elevar o meu astral e amor-próprio.
- ✚ Aos meus queridos amigos, em especial, Letícia, a qual estive comigo todo esse tempo, apoiando-me, iluminando e, quando necessário, repreendendo-me.

AMARAL, Flávia Monteiro do. **As inserções parentéticas em aulas para o ensino médio e superior**. 2009. 66f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

RESUMO

Os processos de construção da fala são três: a) processos de ativação; b) processos de reativação; e c) processos de desativação. As inserções parentéticas fazem parte dos processos de desativação do texto falado. A desativação é um procedimento de ruptura na elaboração do texto e da sentença, resultantes em parênteses, digressões, pausas, hesitações e outros. Os parênteses são desvios momentâneos da progressão temática do texto falado e podem ser classificados quanto à estrutura (marcador conversacional, vocábulo, frase simples ou complexa), à presença de marcadores conversacionais e à função exercida por esses segmentos na construção do texto e no processo interacional. Por serem muito relevantes para o estabelecimento e manutenção da interação, o trabalho em questão analisa, sobretudo, a recorrência de inserções parentéticas em aulas para o ensino médio e superior. Objetiva-se efetuar o levantamento e a classificação dos parênteses em aulas. Para tanto, esta pesquisa está fundamentada em teorias da Análise da Conversação (AC) e em linguistas como Galembeck (1997; 1999), Jubran (1997) e Castilho (1998). O *corpus* da pesquisa constitui-se dos inquéritos 251, 356 e 364, retirados dos arquivos do Projeto NURC/RJ e publicados em Callou (1991), e dos inquéritos 124, 377 e 405, retirados dos arquivos do Projeto NURC/SP e publicados em Castilho e Preti (1987). O *corpus* apresenta elocuções formais obtidas em situações reais de interação, com isso a metodologia utilizada, nesta pesquisa, é a empírico-indutiva, já que não existem modelos previamente instituídos. Acredita-se que as inserções parentéticas têm alta recorrência em textos falados e exercem funções variadas, como estabelecer a inteligibilidade do texto, evocar conhecimento partilhado do tópico, testar a compreensão do interlocutor, estabelecer condições para a realização ou prosseguimento do ato comunicativo, negociar turnos, entre outras.

Palavras-Chave: Língua Falada; Construção da Fala; Inserções Parentéticas; NURC/RJ; NURC/SP.

Amaral, Flávia Monteiro do. **The parenthetical insertions in classes for high school and college.** 2009. 66f. Dissertation (Master's in Language Studies) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

ABSTRACT

The processes of speech are three: a) activation processes; b) reactivation processes; and c) deactivation processes. The parenthetical insertions are part of the deactivation process of the spoken text. The deactivation is a breakthrough procedure in the developing of the text and of the sentence, resulting in parentheses, digressions, pauses, hesitations and others. The parentheses are momentary deviations of thematic progression of the spoken text and can be classified according to the structure (conversational marker, word, simple or complex sentence), the presence of conversational markers and the function performed by these segments in the construction of the text and in the interactional process. Since they are very relevant to the establishment and maintenance of the interaction, this work shall evaluate, in particular, the recurrence of the parenthetical insertions in classes for high school and college. This study aims to make the survey and classification of parentheses in classes. Therefore, this research is based on theories of Conversation Analysis (CA) and on linguists as Galembeck (1997; 1999), Jubran (1997) and Castilho (1998). The *corpus* of the research consists of the investigations 251, 356 and 364, removed from the files of the NURC/RJ Project and published in Callou (1991), and of the investigations 124, 377 and 405, removed from the files of the NURC/SP Project and published in Castilho and Preti (1987). The *corpus* has obtained formal utterances real interaction situations, then the methodology used in this research is the empirical-inductive, because there are no models previously introduced. It is believed that the parenthetical insertions have a high recurrence rate in spoken texts and carry out various functions, such as establishing the intelligibility of the text, evoking shared knowledge of the topic, testing the understanding of the interlocutor, establishing conditions for the holding or continuation of the communicative act, negotiating turns, among others.

Keywords: Spoken Language; Speech Construction; Parenthetical Insertions; NURC/ RJ; NURC/ SP.

"É melhor tentar e falhar,
que preocupar-se e ver a vida passar;
é melhor tentar, ainda que em vão,
que sentar-se fazendo nada até o final.
Eu prefiro na chuva caminhar,
que em dias tristes em casa me esconder.
Prefiro ser feliz, embora louco,
que em conformidade viver..."

Martin Luther King

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

D – Discurso

D/O – Discurso e Ouvinte

EF – Elocução Formal

F – Falante

FC – Frase Complexa

FF – Final da Frase

F/O – Falante e Ouvinte

FS – Frase Simples

IP – Inserção Parentética

LE – Língua Escrita

LF – Língua Falada

MC - Marcador Conversacional

MFC – Meio da Frase Com Continuidade entre as Partes

MFN – Meio da Frase Sem Continuidade entre as Partes

N – Não Apresenta Marcador

NURC/RJ – Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro

NURC/SP – Norma Urbana Culta de São Paulo

O – Ouvinte

OP – Oração Principal

OS – Oração Subordinada

S – Sim Apresenta Marcador

SI - Sintagma

T – Tópico

T/D – Tópico e Discurso

T/F – Tópico e Falante

T/O – Tópico e Ouvinte

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Inquéritos do <i>Corpus</i>	15
QUADRO 2: Dicotomias da Fala	16
QUADRO 3: Perspectiva Dicotômica: LF e LE	17
QUADRO 4: Perspectiva Sócio-Interacionista	19
QUADRO 5: Supertópico, Tópico e Subtópico	26
QUADRO 6: Digressão e Parênteses	32
QUADRO 7: Marcadores Conversacionais	35
QUADRO 8: Número de Parênteses	37
QUADRO 9: Primeira Variável	45
QUADRO 10: Segunda Variável	48
QUADRO 11: Terceira Variável	52
QUADRO 12: Quarta Variável	61

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Primeira Variável no Inquérito 251 NURC/RJ	43
GRÁFICO 2: Primeira Variável no Inquérito 356 NURC/RJ	43
GRÁFICO 3: Primeira Variável no Inquérito 364 NURC/RJ	44
GRÁFICO 4: Primeira Variável no Inquérito 124 NURC/SP	44
GRÁFICO 5: Primeira Variável no Inquérito 337 NURC/SP	44
GRÁFICO 6: Primeira Variável no Inquérito 405 NURC/SP	45
GRÁFICO 7: Principais MCs nos Inquéritos NURC/RJ	49
GRÁFICO 8: Principais MCs nos Inquéritos NURC/SP	49
GRÁFICO 9: Terceira Variável nos Inquéritos NURC/RJ e NURC/SP	52
GRÁFICO 10: Quarta Variável nos Inquéritos NURC/RJ	62
GRÁFICO 11: Quarta Variável nos Inquéritos NURC/SP	62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
OBJETIVOS	13
HIPÓTESE	13
METODOLOGIA	13
 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	 16
1.1. LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA	16
1.1.1. CARACTERÍSTICAS DA LÍNGUA FALADA	21
1.2. TÓPICO	24
1.3. PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DA LÍNGUA FALADA	26
1.3.1. ATIVAÇÃO	27
1.3.2. REATIVAÇÃO OU RECONSTRUÇÃO	27
1.3.3. DESATIVAÇÃO OU DESCONTINUAÇÃO	28
1.3.3.1. <i>Inserções Parentéticas e Digressões</i>	29
1.3.3.1.1. <i>Inserções parentéticas</i>	29
1.3.3.1.2. <i>Digressões</i>	31
1.4. MARCADORES CONVERSACIONAIS	32
 2. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	 36
2.1. PRIMEIRA VARIÁVEL: NATUREZA DOS SEGMENTOS PARENTÉTICOS	38
2.2. SEGUNDA VARIÁVEL: PRESENÇA DE MARCADORES CONVERSACIONAIS	45
2.3. TERCEIRA VARIÁVEL: LUGAR EM QUE FIGURA A INSERÇÃO	50
2.4. QUARTA VARIÁVEL: ELEMENTO A QUE SE VOLTA A INSERÇÃO	53
 CONCLUSÃO.....	 63
 REFERÊNCIAS	 65
 ANEXOS	 67

INTRODUÇÃO

As inserções parentéticas são relevantes para o estabelecimento e a manutenção da interação falada, por isso este trabalho interessa-se por esse fenômeno, analisando sua recorrência em aulas para o ensino médio e superior.

O interesse do estudo dos processos de inserção parentética decorre de suas próprias características: os parênteses representam uma ruptura na sequência tópica, mas, mesmo assim, têm um papel relevante na construção do texto falado e no estabelecimento das relações interpessoais, pois se volta para a elaboração tópica do texto, para os interactantes ou para o ato comunicativo em si.

Com isso, o presente trabalho discute a configuração formal das inserções parentéticas na construção de textos falados de elocuções formais. A exibição compõe-se de duas partes: a fundamentação teórica, na qual se trata dos processos de construção de língua falada (ativação, reativação, desativação), dos processos de desativação no plano da sequência tópica (parênteses e digressões, esta brevemente comentada) e do conceito de tópico e ruptura tópica. Na segunda parte, as ocorrências são classificadas a partir de quatro variáveis: a natureza dos segmentos parentéticos; presença de marcadores; lugar onde figura a inserção e elemento para o qual se volta a inserção.

No caso dos diálogos que constituem o *corpus* deste trabalho, os parênteses adquirem especial interesse, pois ao processo interacional soma-se o foco na transmissão dos enunciados. Além disso, deve-se considerar que esse tema não tem merecido a atenção dos pesquisadores, pois os únicos trabalhos de importância são os de Jubran (1994, 1996, 1999), na série “Gramática do português falado”.

Esta pesquisa está fundamentada em teorias da Análise da Conversação (AC) e em linguistas como Galembeck (1997), Jubran (1994, 1996, 1999), Marcuschi (1986), Rodrigues (1995), Fávero (1995), Campos (1989) e Castilho (1998).

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Este trabalho tem o objetivo principal de fazer o levantamento e a classificação das inserções parentéticas em aulas para o ensino médio e superior.

Objetivos Específicos

- a) Classificar as ocorrências quanto ao elemento discursivo a que elas se voltam.
- b) Verificar a presença de Marcadores Conversacionais (MCs) que introduzem as inserções parentéticas.

HIPÓTESE

A hipótese que corresponde ao objetivo principal do texto é: as inserções parentéticas têm alta recorrência em textos falados. Além disso, apresentam-se com feições variadas e exercem funções diferenciadas, como estabelecer a inteligibilidade do texto, evocar o conhecimento partilhado do tópico¹ (assunto), testar a compreensão do interlocutor, estabelecer condições para a realização ou prosseguimento do ato comunicativo, negociar turnos, entre outras.

METODOLOGIA

O *corpus* apresenta elocuções formais obtidas em situações reais de interação, por isso a metodologia utilizada, nesta pesquisa, é a *empírico-indutiva* (GALEMBECK, 1997), já que não existem modelos previamente instituídos. Segundo Galembeck (1997, p.111), “as características da língua falada, a extrema variabilidade que define essa modalidade de língua e o fato de o material de estudo ser obtido em situações reais de interação espontânea e não-planejada, impõem a adoção do método empírico-indutivo”, pois não é possível trabalhar com categorias prontas e pré-estabelecidas quando se trata da língua falada.

¹ Tópico: assunto acerca do qual conversam os participantes da conversação, ou seja, tópico discursivo é assunto da conversação (BROWN; YULE, 1983, p.73).

Além disso, o trabalho em questão é considerado como *qualitativo* (TRIVIÑOS, 1987), pois as ocorrências serão levantadas e analisadas, e *quantitativo*, pois os dados colhidos serão quantificados e estruturados por meio de tabelas e gráficos. Os passos (procedimentos metodológicos) de análise foram: a) leituras para o embasamento teórico; b) levantamento das ocorrências de parênteses e classificação de acordo com as variáveis. Quais sejam: elemento a que se voltam as inserções (assunto, emissor, receptor ou ato discursivo); c) verificação da presença ou não de marcadores conversacionais (ou discursivos)²; d) verificação do ponto do enunciado em que ocorre o parêntese (início, meio ou final do enunciado); e) verificação dos tipos de parênteses que predominam no *corpus*.

O *corpus* compõe-se dos inquéritos 251, 364 e 356, retirados dos arquivos do Projeto NURC/RJ, publicados em Callou (1993), e dos inquéritos 124, 377 e 405, retirados dos arquivos do Projeto NURC/SP, publicados em Castilho e Preti (1987). Esses inquéritos pertencem ao tipo EF (Elocuções Formais), por se tratar de aulas. De cada um dos inquéritos, foram selecionados vinte minutos para análise. Salienta-se que as conversas configuram-se como assimétricas, devido ao fato de os professores e alunos não possuírem a mesma função linguística no contexto de sala de aula.

De acordo com Silva (2001), num diálogo, os participantes interagem ativamente, de forma a alterar os papéis de falante e de ouvinte. Contudo, entre os interlocutores, pode haver “hierarquias linguísticas”, é o que acontece em aulas, nas quais o professor detém por maior tempo o poder da palavra, podendo cedê-lo ou não como bem entender. Desse modo, existem dois tipos básicos de conversação: a) **conversação simétrica**, em que os papéis são alternados, sem a prévia determinação desses; b) **conversação assimétrica**, em que os papeis são determinados tanto para o falante quanto para o ouvinte, cabendo ao falante conduzir o tópico discursivo, desenvolvê-lo e dar a vez ao interlocutor.

² Os *Marcadores Conversacionais* (MCs) são “elementos de variada natureza, estrutura, dimensão, complexidade semântico-sintática, aparentemente supérfluos ou até complicadores, mas de indiscutível significação e importância para qualquer análise de texto oral e para sua boa e cabal compreensão” (URBANO, 1993, p.81). Exemplos: *veja, você veja, olha, você sabe, você repara, você imagina, né?, sabe?, certo?, entende?, não, uhn, éh, oh, bom, pois é, eu acho (que), creio (que), eu gostaria de saber.*

Salienta-se que este trabalho volta-se unicamente ao estudo das inserções parentéticas em aulas.

Quadro 1 – Inquéritos do *Corpus*

NURC/RJ - Inquérito 251	NURC/RJ - Inquérito 356	NURC/RJ - Inquérito 364
Bobina: 81. Informante: 302. Tema: aula de química para o terceiro científico. Informante: sexo masculino, 31 anos, professor, formação em Engenharia Química, área residencial: Zona Norte e Sul do Rio de Janeiro.	Bobina: 113. Informante: 347. Tema: criatividade e redação no nível superior de ensino. Informante: sexo feminino, 30 anos, formação universitária em Letras, carioca, pais cariocas, área residencial: Zona Sul do Rio de Janeiro.	Bobina: 119. Informante: 446 Tema: a empresa (aula de organização e métodos). Informante: sexo masculino, 41 anos, formação universitária em Administração de Empresas, carioca, filho de pais cariocas, área residencial: Zona Sul do Rio de Janeiro.
NURC/SP - Inquérito 124	NURC/SP - Inquérito 377	NURC/SP - Inquérito 405
Bobina: 43. Informante: 150. Tema: influência da língua na personalidade do indivíduo (aula universitária). Informante: homem de 51 anos, casado, professor universitário, paulistano, filho de pais paulistanos. Segunda faixa etária.	Bobina: 123. Informante: 416. Tema: os instrumentos da vida intelectual (aula universitária). Informante: mulher de 32 anos, solteira, professora universitária, paulistana, pai nascido em Santos (SP) e mãe nascida em São Paulo (SP). Primeira faixa etária.	Bobina: 141. Informante: 489. Tema: a arte pré-histórica: o paleolítico (aula de curso secundário). Informante: mulher de 36 anos, desquitada, professora secundária, paulistana, filha de pais brasileiros. Segunda faixa etária.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA

Durante muito tempo, a LF (língua falada) foi estudada como oposta à LE (língua escrita). A LF era considerada o “lugar do caos”, sem regras, nem limites, e os interlocutores utilizavam-na apenas para se comunicarem. Consideravam-na privada de informação relevante, pois os produtos de elaboração intelectual e da reflexão eram registrados pela escrita. Hoje, essa posição foi desacreditada por muitos autores, como Marcuschi (2001), Fávero, Aquino e Andrade (2000) e Hilgert (2000). Marcuschi (2001) enumera quatro formas genéricas de considerar as relações fala e escrita:

Quadro 2 – Dicotomias da Fala

Dicotomia estrita	Visão culturalista	Perspectiva variacionista	Perspectiva sociointeracionista
Procura considerar a língua a partir de si mesma (como estrutura) e não a partir do uso, supervalorizando a escrita.	Busca a essência da escrita <i>versus</i> a prática da fala, valorizando a primeira.	Não distingue a fala da escrita, mas as variedades linguísticas. Apesar de representar um progresso, não é isenta de questionamento.	Não há oposição entre fala e escrita, pois ambas são estudadas a partir de uma visão dialógica.

Alguns estudiosos, como Chafe, Tannen, Gumperz, Biber, Blanche-Benveniste, Halliday, Hasan e Marcuschi, tratam a LF e LE dentro de um *continuum*, sendo realizado seu estudo de maneira menos integrada. Assim, não há algum tipo de supremacia de uma modalidade sobre a outra.

Outros pesquisadores apontam outras distinções entre essas duas modalidades de uso da língua, colocando-as numa perspectiva dicotômica, a qual

não condiz com a realidade linguística, já que fala e escrita formam “um conjunto de práticas sociais” (MARCUSCHI, 2001, p.15).

Assim, pode-se citar duas perspectivas básicas para o estudo dessas duas práticas linguísticas: uma dicotômica e uma que as vê como um *continuum*.

Na perspectiva dicotômica, a língua falada era considerada lugar do “caos”, sem regras nem limites, não apresentando informações relevantes ou elaboração intelectual. O ponto de vista dicotômico diferencia a fala da escrita da seguinte maneira:

Quadro 3 – Perspectiva Dicotômica: LF e LE

PERSPECTIVA DICOTÔMICA	
Língua Falada	Língua Escrita
Não-Planejada	Planejada
Fragmentada	Não-Fragmentada
Pouco elaborada	Elaborada
Predominância de frases truncadas	Predominância de frases completas
Uso informal da linguagem	Uso formal da linguagem
Ligada ao pensamento concreto	Ligada ao pensamento reflexivo

Diante dessas premissas, percebeu-se que as características da LE não eram iguais àquelas que faziam parte do universo da LF, pois, para aqueles que observam LE e LF como uma dicotomia, a fala é não-planejada, fragmentada, pouco elaborada e informal, ou seja, o lugar do caos e da desestruturação. Já a escrita é vista como planejada, não-fragmentada, elaborada e formal, isto é, lugar da organização e do bom uso da língua. Ainda nessa perspectiva, há grupos de linguistas que privilegiavam a LF em relação à LE e outros que valorizavam a LE em relação à LF. Biber (1988) enquadra-se no primeiro conjunto de pesquisadores, pois para ele:

Certamente em termos de desenvolvimento humano, a fala é o *status* primário. Culturalmente, os homens aprendem a falar antes de escrever e, individualmente, as crianças aprendem a falar antes de ler e escrever. Todas as crianças aprendem a falar (excluindo-se as patologias); muitas crianças não aprendem a ler e escrever. Todas as culturas fazem uso da comunicação oral; muitas línguas são ágrafas. De uma perspectiva histórica e da teoria do desenvolvimento, a fala é claramente primária. (BIBER, 1988, p.8)

Já Saussure (1985) está no segundo, pois, para ele, a fala é preterida em relação à escrita:

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psicofísica” (SAUSSURE, 1985, p.27).

Essa visão dicotômica da língua durou por muito tempo, mas, com os estudos da Análise da Conversação, a partir de 1980, a rigidez caiu, passando a dividir espaço com outra perspectiva, aquela em que LF e LE são vista como um *continuum*.

Para essa corrente, na escrita, há um planejamento prévio e, o autor tem a possibilidade de planejar seu texto antes de produzi-lo, permitindo correções que não estarão presentes, na versão final e “editada”. Assim, ela não deixa evidentes as marcas de sua elaboração. É o contrário que ocorre na LF, em que as pausas, hesitações, repetições e outros são sempre visíveis, pois o seu planejamento, por ser local, é elaborado no momento da interação.

Na língua escrita (LE), é necessário expor as coordenadas, personagens, espaço, tempo, entre outros, para que se tenha uma compreensão clara. Contudo, na LF, as coordenadas estão presentes pela própria situação de

fala, já que o contexto é compartilhado entre os interlocutores, os quais estão em um mesmo tempo ou mesmo espaço. Contudo, essa presença dos interactantes não é exigência para que a conversação se realize, visto que, segundo Marcuschi (1986) e Rodrigues (1995), interações telefônicas são igualmente dialogadas, sendo, portanto, conversações. Já na escrita, o contexto é dado apenas pelo autor, apesar de o leitor não ser passivo, pois ele interage com o texto. A fala está mais presa ao contexto imediato, enquanto a escrita liga-se antes ao contexto sócio-cultural.

A LF relaciona-se ao modo pragmático da linguagem, apresentando características próprias e visíveis no ato comunicativo, como hesitações, truncamentos, pausas, alongamentos de vogais e consoantes, ênfases, repetições, digressões. Essas características não se manifestam na LE padrão, já editada, pois nela predomina a estruturação segundo o modo sintático e, ademais, sempre se oferece a possibilidade de revisão antes do texto final. Na LF, a reformulação do que foi dito, tanto pelo locutor quanto por seu parceiro, é sempre visível. Pode-se resumir, em um quadro, as características da fala e da escrita nesse *continuum*:

Quadro 4 – Perspectiva Sócio-Interacionista

PERSPECTIVA SÓCIO-INTERACIONISTA	
Língua Falada	Língua Escrita
Planejamento Local	Planejamento Prévio
Interação no momento da elaboração do texto	Interação posterior ao processo de elaboração do texto
Frases sem limites nítidos	Frases com limites nítidos
Deixa explícitas as marcas de elaboração	Não há marcas de elaboração
Intersubjetividade discursiva	Discurso procura manter um certo distanciamento

Essas distinções ocorrem devido ao fato de LE ser realizada com o máximo de reflexão, por isso quem escreve pauta-se pela gramática normativa, utilizando formas de expressão próprias do uso formal da língua. O texto falado é elaborado no momento da interação, por isso apresenta falsos começos, truncamentos, parênteses, digressões, repetições, pausas, entre outros; logo, as

regras gramaticais são executados de modo diverso daquele praticada pela LE. Todavia, “não se pode dizer que a língua falada tenha uma outra gramática [...]. Mas ela faz um uso peculiar dos elementos disponíveis na gramática da língua em questão” (CAMPOS, 1989, p.213).

LF e LE são formas de realização linguística igualmente dialógicas. Na fala, porém, o princípio de dialogismo torna-se mais nítido, pois existe a participação conjunta dos interlocutores na construção do texto. Por conseguinte, a LF exige a interação entre os interlocutores, enquanto a produção da LE realiza-se de modo, muitas vezes, solitário. Nesse sentido, Fávero, Andrade e Aquino (2000, p.15) definem a conversação como a “atividade na qual interação dois ou mais interlocutores que se alternam constantemente, discorrendo sobre temas próprios do cotidiano”. O tema ou assunto do diálogo constitui o **tópico** e, no seu desenvolvimento, existem duas situações prototípicas: os falantes têm igual direito a tomar a palavra e desenvolver o tópico pelo tempo que julgarem necessário interação simétrica); um dos interlocutores, com consentimento dos demais, assume a palavra e passa a desenvolver o tópico com exclusividade (interação assimétrica).

Com efeito, a fala e a escrita não estão em pólos contrários. Não há como compará-las em termos de superioridade e nem inferioridade. Dito isso, é mais conveniente relacioná-las dentro de um *continuum* sócio-histórico de práticas sociais que envolvem o uso da língua. Em vista disso, seguem as palavras de Marcuschi, (2001, p. 34):

As relações entre a fala e a escrita não são óbvias nem lineares, pois elas refletem um constante dinamismo fundado num *continuum* que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua. Também não se pode postular polaridades estritas e dicotomias estanques.

Mesmo considerando que escrita e fala formam um *continuum*, é evidente que elas não são a mera representação uma da outra, porque a escrita não consegue reproduzir muitos fenômenos da oralidade que contribuem para o esclarecimento da situação, tais como prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo, dos olhos, entre outros; do mesmo modo, a oralidade não pode reproduzir muitos fenômenos da escrita.

Embora mudanças de concepção tenham ocorrido, a escrita ainda é supervalorizada e está muito presente na sociedade moderna. Contudo, a escola não pode se concentrar apenas no ensino da LE, desconsiderando a fala, já que o conhecimento dessas duas modalidades de uso da língua é importante. O ideal é pensar na língua como atividade, partindo da reflexão da língua que se fala.

Existe, portanto, uma continuidade entre fala e escrita, porém, na fala, identificam-se algumas características que decorrem do próprio uso. Dentre elas, ressaltam-se o planejamento local, o maior envolvimento dos interlocutores e o contexto conversacional. A LE, distintamente, não apresenta essas particularidades, pois há um planejamento prévio do que se escreve, não há um envolvimento tão explícito entre os participantes, contextos de produção e recepção do texto, que são diversos.

Isso tudo é decorrente, de acordo com Rodrigues (1995, p.31), do fato de as diferenças entre fala e escrita serem de outra natureza, pois “elas resultam de diferenças entre os processos de fala e de escrever, ou entre condições de produção do texto falado e do texto escrito”.

Conforme os dados expostos acima, o trabalho em questão segue a perspectiva sócio-interacionista. Assim, não se consideram uma melhor do que a outra, uma vez que ambas (fala e escrita) possuem particularidades que decorrem do próprio uso e formam um *continuum*.

1.1.2. CARACTERÍSTICAS DA LÍNGUA FALADA

A língua falada, por conter alguns elementos pragmáticos, tais como *pausas, hesitações, alongamentos de vogais e consoantes*, era vista como uma forma complexa de realização linguística pelos muitos fenômenos que nela se

verificam. Com isso, são acrescentadas às análises as situações interacionais, de forma que a linguagem deixou de ser vista apenas como uma sequência de enunciados. O fortalecimento das pesquisas relacionadas à língua falada (LF) teve início nas décadas de 80 e 90. De lá para cá, é observável grande expansão dos trabalhos na área de Análise da Conversação (AC). Além de pesquisadores de Linguística, outros têm se interessado pela linguagem, como sociólogos, antropólogos e psicólogos. Assim, é preciso conhecer as características da língua falada, a fim de melhor situá-la.

De modo geral, a LF apresenta, de acordo com Rodrigues (1995), três características de fundamental importância. Primeiramente, ela é **planejada localmente**, não há um planejamento prévio como na escrita, ou seja, é uma “atividade planejada passo a passo” (RODRIGUES, 1995, p.21), no instante de sua formulação. Isso lhe confere um caráter fragmentário, encontrado no momento da construção da frase, do enunciado ou da sequência de assuntos. Há algumas marcas que indicam esse planejamento local, como: repetições, pausas, retomadas, interrupções, digressões e hesitações.

Ademais, o predomínio do modo pragmático ocorre justamente por a LF ser planejada localmente. Ela é produzida em uma interação social, “onde um interlocutor pode mudar todo o seu planejamento por solicitação de outro interlocutor.” (CAMPOS, 1989, p.205).

Outra característica da LF é o **envolvimento entre os interlocutores**. Para que haja uma conversa, é necessário que os interlocutores estejam em sintonia e centrados na interação linguística. Assim, a fala apresenta marcas de subjetividade e de intersubjetividade que são imprescindíveis para sua construção e desenvolvimento. As marcas dessa subjetividade são os pronomes pessoais (ex.: eu, tu) e possessivos (ex.: meu, teu), além dos verbos (ex.: estou, estás).

Chafe (1985) apresenta três classificações para o envolvimento dos participantes do ato conversacional. Um deles é o envolvimento dos interlocutores com assunto da conversa, uma vez que os falantes precisam estar a

par do tema tratado na interação. Há, também, o envolvimento do locutor consigo mesmo, denominado 'ego-envolvimento', neste caso o locutor refere-se a si próprio expondo opiniões pessoais. E o envolvimento do interlocutor com o ouvinte; afinal, a construção do texto falado é realizada por meio da interação entre os interlocutores.

Finalmente, a LF necessita de um **contexto partilhado**, uma centração verbal que acontece durante a atenção de um ou mais interlocutores, voltada para tarefa comum de trocar informações. Na fala, o local e o momento são determinados, já que o contexto é construído conjuntamente por ambos os interlocutores. Segundo Castilho (1998), a LF é um diálogo em presença, o que explicita as coordenadas espaço-temporais. "Tanto assim que a leitura de uma transcrição da LF em que não constem os elementos situacionais causa por vezes a impressão de que o locutor é afásico!" (CASTILHO, 1998, p.16). Contudo, Marcuschi (1986) pondera que a conversação pode realizar-se ainda que os interlocutores não estejam em presença, é o caso das comunicações telefônicas. Rodrigues (2001, p.18) concorda com essa última perspectiva, afirmando que "apenas a identidade temporal é necessária, e não a identidade espacial, ou seja, a interação face a face não é condição necessária para que haja uma conversação".

Além dessas características, a LF apresenta outras que também exercem um papel fundamental na sua construção. Vale ressaltar que as características não são traços definidores, mas traços que se manifestam em maior ou menor grau em uma ou outra forma de realização. Conforme o que apregoa Campos (1989), a LF realiza-se rapidamente, isto é, em frações de tempo muito curtas a produção oral é produzida. Disso decorrem, além do planejamento local, outras peculiaridades da fala, como: a) a falta de organização dos tópicos, o que leva a inúmeras retomadas, as hesitações e a digressões e parênteses; b) a fragmentaridade da fala, levando a repetições, truncamentos, retomadas e predomínio de orações simples. Essa é também uma particularidade da LF, a qual, por conta da falta de planejamento prévio, prima por orações curtas, ao contrário da escrita, a qual privilegia orações complexas e mais extensas; c) a LF é produzida numa situação social, na qual participam, sempre, dois ou mais interactantes. Assim, a interação precede o planejamento, porque, sem ela, não há conversação, mas monólogos.

Enfim, “muitas características da língua falada ligam-se ao modo como ela é produzida” (CAMPOS, 1989, p.205). E, além disso, são essas condições que interferem na construção do texto falado, o qual utiliza de maneira distinta os elementos da gramática, o que resulta na utilização de orações simples, no pouco uso de orações adjetivas e na falta de conexão entre os elementos oracionais (CAMPOS, 1989).

1.2. TÓPICO

Como o objetivo desta pesquisa é apresentar o processo de ruptura tópica parcial (os parênteses), cabe definir *tópico* e expor suas prioridades. Brown e Yule (1983) definem tópico como “aquilo acerca de que se está falando”. O tópico é, pois, uma questão de conteúdo e sua construção constitui um processo colaborativo, já que nela estão envolvidos os participantes do ato interacional.

O tópico, na literatura especializada, é considerado um dos organizadores do texto falado, por esse motivo, é possível afirmar que o tópico discursivo e seu encadeamento são fatores de estabelecimento de coerência. Este pode ser definido como “aquilo acerca do qual está se falando” (BROWN; YULE, 1983, p.73).

Apesar de o tópico discursivo representar uma questão basicamente de conteúdo, ele depende do processo colaborativo que envolve os participantes do ato interacional, no qual o falante precisa garantir a atenção do ouvinte, articulando bem sua fala e construindo seus enunciados de modo tal que o ouvinte identifique os elementos do tópico e estabeleça relações que colaborem em sua instauração. (FÁVERO, 1995). Ao ouvinte, por sua vez, cabe compreender, visualizar os elementos apresentados no tópico e identificar as relações entre seus referentes.

As características da língua falada manifestam-se, de modo direto e evidente, nos enunciados produzidos e acabam por determinar a sua própria produção. Aliás, é por meio delas que ocorre o desenvolvimento do Tópico Discursivo, também conhecido por “Assunto” ou “Tópico Conversacional”. Para que haja uma interação entre os participantes da conversação, é indispensável um tema, “alguma coisa” para qual a conversa possa ser orientada, que motive a prolongação do evento interacional e que se desenvolva a partir do esforço de cada um dos participantes. Esse elemento é conhecido como Tópico Discursivo. O tópico não apenas faz parte do texto oral, como é a partir de sua presença que os interlocutores se relacionam. Segundo Fávero (1995, p.39), o tópico é “uma atividade construída cooperativamente, isto é, há uma correspondência – pelo menos parcial – de objetivos entre os interlocutores”.

A noção de Tópico é muito importante, pois é a partir dela que os estudiosos chegam ao consenso de que os falantes de uma língua sabem que estão falando acerca do mesmo assunto, quando mudam, cortam, criam digressões, retomam. Tópico é brevemente definido por Brown e Yule (1983, p. 73) como “aquilo acerca do que se está falando.”

Baseando-se em conversações espontâneas, é possível estruturar o texto oral em: o *tópico* ou *assunto*, por meio do qual os participantes relacionam-se; a *situação*, ou seja, o modo de participação dos interactantes (quase sempre, interação face a face); os *papéis dos participantes*, que determinam o tipo de fala que será utilizado em uma situação específica; o *modo do discurso* indicador do grau de formalidade do texto, que pode ser maior ou menor, de acordo com o contexto; *meio do discurso*, o canal por meio do qual a mensagem é transmitida.

O tópico discursivo apresenta duas importantes propriedades, a *centração* e a *organicidade*. A primeira relaciona-se ao assunto ou tópico em andamento, o qual é evidenciado por meio de referentes explícitos ou inferíveis. A *centração* relaciona-se ao tópico, pois uma nova *centração* refere-se a um novo tópico. A *organicidade* diz respeito a diferentes níveis de abrangência no desenvolvimento do tópico e define-se como a relação estabelecida entre os **subtópicos**, **tópicos** e **supertópico**. Os supertópicos representam o maior nível de

abrangência, ao passo que os tópicos e os subtópicos apresentam temas mais específicos. Esses três níveis são inter- relacionados e interdependentes.

Quadro 5 – Supertópico, Tópico e Subtópico

SUPERTÓPICO	{	TÓPICO	{	SUBTÓPICO
		TÓPICO	{	SUBTÓPICO

Fávero (1995) menciona, como prioridades do tópico, a *centração* e a *organicidade*. A primeira define-se como a propriedade do tópico pela qual os falantes têm a atenção voltada para um determinado assunto, implicando a utilização de referentes explícitos ou inferidos. Quando muda a centração, tem-se, necessariamente, um novo tópico. A organicidade, por sua vez, refere-se às relações (no plano vertical) entre as unidades tópicas mais gerais (supertópicos, tópicos) e as mais particulares (subtópicos) e, igualmente, à própria sequenciação entre tópicos e subtópicos.

1.3. PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DA LÍNGUA FALADA

Castilho (1998) estabelece três processos básicos de construção da fala: i) construção por ativação; ii) construção por reativação; iii) construção por desativação. Na construção textual por ativação, são selecionados os elementos que farão parte do texto e das suas sentenças. Na construção por reativação, há a recorrência a elementos anafóricos que servem para o falante voltar no seu texto e reconstruí-lo. Já na construção por desativação, há um “processo de ruptura na elaboração do texto e da sentença” (CASTILHO, 1998, p.57) que se dá, principalmente, por meio de digressões e inserções parentéticas.

1.3.1. ATIVAÇÃO

A construção por ativação (ou construção), processo discursivo central, consiste na seleção das palavras para a constituição do texto e suas unidades e das sentenças e sua estrutura.

1.3.2. REATIVAÇÃO E RECONSTRUÇÃO

A construção por reativação é a volta ao que foi dito, por meio da retomada ou repetição de formas e/ou de conteúdos. A repetição (recorrência de expressões), a paráfrase (recorrência de conteúdo) e a correção (correção de falhas no texto conversacional, havendo, algumas vezes, alteração ou recorrência na expressão e/ou no conteúdo) constituem as manifestações desse processo. A paráfrase e a repetição têm por finalidade reiterar e reforçar assuntos do texto. Já a correção é um ato de reformulação textual, tendo a função de “garantir a *intercompreensão*” (BARROS, 1993, p.137).

A repetição pode ser compreendida como “um procedimento de restituição das estruturas sintáticas canônicas” (CASTILHO, 1998, p.74). Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2000), esse processo assume diferentes funções: “dentre elas, podemos destacar a sua contribuição para a organização do discurso e a manutenção da coerência textual, bem como a organização tópica e a geração de seqüências mais compreensíveis” (p.61).

A paráfrase, por seu turno, consiste na retomada do conteúdo já exposto, mantendo com ele uma relação de equivalência semântica. O novo enunciado produzido resulta, na sua totalidade ou em partes, do texto-fonte. Segundo Castilho (1998, p.75), a paráfrase “é uma repetição de conteúdos que,

precisamente por terem sido repetidos, se acrescentaram semanticamente, e nesse sentido, mudaram”. Hilgert (1993, p.126) argumenta que a paráfrase é “uma atividade de constituição textual, a que o falante recorre para reformular etapas do desenvolvimento de sua própria formulação textual e/ou da formulação textual de seu interlocutor, visando a promover e assegurar a intercompreensão e as progressividades conversacionais”, ou seja, a coerência e a coesão textuais.

Castilho (1998) considera apenas a repetição e a paráfrase como elementos de reconstrução do texto. Contudo, para Barros (1993), além desses dois elementos, a correção faz parte desse processo. Para a pesquisadora, a correção é:

Um procedimento de reelaboração do discurso que visa a consertar seus ‘erros’. O ‘erro’ deve ser entendido como uma escolha do falante [...] já posta no discurso e que, por razões diversas, ele e/ou seu interlocutor consideram inadequada (p.136).

1.3.3. DESATIVAÇÃO OU DESCONTINUAÇÃO

A construção por desativação é a ruptura na elaboração do texto e da sentença. As formas mais radicais de ruptura, no nível do texto, são o abandono definitivo ou momentâneo do tópico em andamento. Sua forma mais branda é representada pelas inserções parentéticas, em que não há abandono do tópico em andamento. No plano da sentença, a ruptura é assinalada por interrupções, pausas, hesitações, inserção de elementos discursivos, anacolutos.

Enquanto os parênteses são compreendidos como pequenas rupturas no texto para esclarecer, comentar, entre outros, o tópico em andamento, as digressões caracterizam-se por mudanças do tópico. Isto é, há o abandono do assunto até então tratado na conversação para dar lugar a outro. Isso caracteriza a digressão. Como os parênteses são o foco da nossa pesquisa, a eles será dada maior atenção.

Os parênteses, foco do trabalho em questão, “são atos de fala que constituem pequenos esclarecimentos, comentários, perguntas e outros, fornecendo observações rápidas ao tópico que se vem desenvolvendo” (CASTILHO, 1998, p.81). Para Jubran (1996), os parênteses são desvios momentâneos da progressão temática do texto falado. Desse modo, eles complementam ou suprem (de forma lateral ou indireta) o tópico em andamento. Os segmentos parentéticos são classificados quanto à estrutura (marcador conversacional, vocábulo, frase simples ou complexa), à presença de marcadores conversacionais e à função exercida por esses segmentos na construção do texto e no processo interacional.

1.3.3.1. Inserções Parentéticas e Digressões

1.3.3.1.1. Inserções parentéticas

As inserções parentéticas são muito relevantes para a progressão e para a manutenção da conversa, pois esclarecem o texto, atribuindo-lhe a coerência e a coesão necessárias. Para Jubran (1996), os parênteses são desvios momentâneos no curso da conversação. Eles não apresentam o estatuto de tópico, ou seja, não são considerados assunto da interação, apenas um desvio que serve para esclarecer ou corroborar algo dito pelo locutor. Segundo Mamus (2009, p.01):

As inserções são caracterizadas por promoverem melhor interação e facilitarem a aceitação daquilo que um falante diz aos seus interlocutores; causam um ralentamento do fluxo informacional [...]. Elas são, portanto, uma marca lingüística da oralidade.

Jubran (1996, p.412) esclarece que algumas marcas podem identificar os parênteses em um texto. São elas: pausas anteriores ou posteriores

aos parênteses, ausência de conectores do tipo lógico e mudanças prosódicas³. Além disso, a ruptura que os parênteses provocam é também assinalada:

Antecedendo-os, são registrados fatos sintáticos denunciadores da suspensão do tópico em desenvolvimento, como a incompletude do enunciado precedente, bem como, subsequindo-os, observam-se sinais de retorno ao tópico temporariamente suspenso, como marcadores discursivos de retomada temática ou repetição de elementos anteriores aos parênteses (JUBRAN, 1996, p.412).

Quanto à função desempenhada pelos parênteses, de acordo com Koch e Vilela apresentam a:

Macro-função cognitivo-interativa de facilitar a compreensão dos parceiros. O locutor suspende temporariamente o tópico em andamento e insere algum tipo de material lingüístico, com o intuito, entre outros de: a) introduzir explicações ou justificativas; b) fazer alusão a um conhecimento prévio, que, freqüentemente, constitui um pré-requisito para o pleno entendimento do assunto; c) apresentar ilustrações ou exemplificações; d) introduzir comentário metaformativos (KOCH; VILELA, 2001, p.527-529).

Além dessas, as inserções apresentam outras funções consideradas típicas da interação, quais sejam: a) “despertar ou manter o interesse do parceiro e/ou criar uma atmosfera de intimidade ou cumplicidade” (KOCH; VILELA, 2001, p.529-530); b) servir de suporte para a argumentação em curso; c) expressar a atitude do locutor perante o que é dito. Para que a primeira dessas funções se efetive, é necessária, segundo Koch e Vilela (2001), a recorrência a estratégias tais como a formulação de questões retóricas e introdução de comentários jocosos.

O conceito de parênteses, como breve desvio do tópico discursivo em pauta em um segmento da conversação, não deve fazer supor um desvinculamento da inserção em relação a esse segmento que a abarca e a contextualiza. Pelo contrário, os parênteses têm papel importante no estabelecimento da significação, de base informacional, que costura a contração temática do segmento-contexto. Isso porque, no intervalo da suspensão tópica, eles promovem esclarecimentos, atenuações, ressalvas, advertências,

³ Segundo Urbano (2005), os elementos prosódicos subdividem-se em suprasegmentais (a entonação, a duração, a silabação, as inflexões, a fluência) e cossegmentais (a pausa, a ordem, os deslocamentos).

avaliações e comentários laterais sobre o que está sendo dito, e/ou sobre como se diz, e/ou sobre a situação interativa em que ocorre o ato verbal (JUBRAN, 1996, p.413).

Por tudo isso, os parênteses possuem função pragmática e contextual. Os parênteses, dentro do texto conversacional, são vistos como processo interativo em que dois ou mais falantes participam ativamente, sempre para dinamizar o texto, para torná-lo coerente e intercompreensível. Enfim, “as inserções parentéticas não podem ser consideradas como desvios descartáveis do texto, visto que a contextualização interacional do que é dito orienta a sua compreensão” (JUBRAN, 1996, p.414).

1.3.3.1.1. Digressões

Fávero (1995, p.50) afirma que a digressão “pode ser definida como uma porção de conversa que não se acha diretamente relacionada com o tópico em andamento”, por isso ela é considerada imprópria na LE, pois é um fenômeno constitutivo da LF, sendo uma marca do planejamento local.

Caracterizada como um desvio do tópico que vinha sendo desenvolvido, a digressão estabelece nova relevância, podendo o seu uso provocar ou não descontinuidade no fluxo conversacional. Com o objetivo da coerência conversacional, os falantes se utilizam de elementos coesivos (marcadores e repetições) para voltar ao tópico anterior logo após o segmento digressivo. Em muitos casos, pode haver retorno ao tópico principal, sem o uso desses procedimentos.

Para Andrade (2000, p.100), a digressão, ao ser analisada sob o enfoque interacional, “passa a funcionar como estratégia por meio da qual se busca um determinado efeito de sentido”, devendo ser caracterizada como um valioso componente do mecanismo textual no que tange à condução do tópico discursivo. Esse fenômeno, complementa a autora, diz respeito à substituição de um domínio

de relevâncias ou tópico discursivo, por outro domínio diferente, suspendendo temporariamente o anterior e colocando-o à margem do campo de percepção, enquanto o novo tópico discursivo é colocado em evidência. Quanto à diferença entre digressão e parênteses, pode-se citar:

Quadro 6 – Digressão e Parênteses

DIGRESSÃO	PARÊNTESSES
A ruptura é caracterizada pela introdução de um novo tópico	Complementam ou suprem (de forma lateral ou indireta) o tópico em andamento

1.4. MARCADORES CONVERSACIONAIS

Os marcadores conversacionais (MCs) são elementos linguísticos ou não linguísticos, sem relação com o tópico, que funcionam como recursos interacionais e de articulação dos segmentos do texto. Segundo Urbano (1995, p.85), os MCs:

Trata-se de elementos de variada natureza, estrutura, dimensão, complexidade semântico-sintáticas, aparentemente supérfluos ou até complicadores, mas de indiscutível significação e importância para qualquer análise de texto oral e para sua boa e cabal compreensão.

Para Castilho (1998, p.47), os MCs são *organizadores globais*, que podem ser entendidos como: a) sintaticamente independentes do verbo; b) constantes de um ou de mais de um item lexical ou mesmo de expressões não

lexicais; c) funcionando no monitoramento da conversação⁴ e na organização do texto; d) distribuídos no início, no meio ou no final da unidade de análise.

Esses MCs são também definidos por Urbano (1995) como elementos típicos da língua falada e, em especial, da conversação espontânea e/ou face a face, dotados de grande frequência, recorrência, convencionalidade, idiomatidade e significação discursivo-interacional, mas que não integram o conteúdo significativo do texto, não tendo, por isso, relação direta com o assunto nem valor semântico significativo. Contudo, os MCs têm grande valor discursivo, pois dão coesão e coerência ao texto falado, amarrando as partes que o constituem, tanto em relação à estrutura verbal cognitiva quanto à estrutura de interação interpessoal. Segundo Urbano (1995, p.85), os MCs “funcionam como articuladores não só das unidades cognitivas-informativas do texto, como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto”. Assim, esses recursos apresentam funções conversacionais e textuais. “Quanto às suas funções, estes sinais servem de elo [...] entre unidades comunicativas, de orientadores dos falantes entre si etc.” (MARCUSCHI, 1986, p.61).

Esse caráter multifuncional foi também ressaltado por Castilho (1989), que admite que todos os marcadores conversacionais (por ele denominados marcadores discursivos) exercem, genericamente, uma função textual, à medida que organizam e estruturam o texto. Essa função geral, porém, desdobra-se nas duas funções particulares indicadas a seguir: a função interpessoal e a ideacional. Essa duplicidade de funções faz com que existam dois tipos de marcadores: os interacionais (ou interpessoais) e os ideacionais (ou coesivos). Ademais, os MCs têm a função de preencher um espaço “vago” do raciocínio. Quando o falante está dizendo algo e lhe faltam argumentos, ele preenche tais espaços com MCs. Um exemplo disso é o “tipo assim” utilizado pelos jovens em suas conversações. Então, os MCs são usados para chamar a atenção do ouvinte e para preencher as brechas conversacionais.

⁴ A respeito do monitoramento da conversação ver Silva (2001) e Storto (2009).

Os marcadores interacionais são, segundo Galembeck e Carvalho (1997), divididos de acordo com a sua função e posição no turno. Os autores acrescentam que os MCs podem ocupar três posições distintas no turno: a) **iniciais**, ‘não’, ‘mas’, ‘acho que’, ‘não é assim’, que caracterizam o início ou a tomada de turno; b) **mediais**, ‘né?’, ‘sabe?’, ‘entende?’, ‘digamos’, advérbios, conjunções, alongamentos, que são responsáveis pelo desenvolvimento do turno; c) **finais**, ‘né?’, ‘não é?’, ‘entendeu?’, perguntas diretas, pausa conclusa, que assinalam a passagem implícita ou explícita do turno. Contudo, a posição dos marcadores não é fixa, ou seja, o mesmo MC pode aparecer em diferentes posições; eu acho que (inicial e medial); não é? (medial e final). Essa propriedade decorre do caráter multifuncional dos MCs, característica que - como se viu - foi salientada por Castilho (1989).

Além disso, segundo Galembeck e Carvalho (1997), os MCs iniciais e mediais distribuem-se em duas classes: marcadores de valor interacional ou interpessoal e marcadores de valor ideacional. Já “MCs marcadores finais de turno têm valor unicamente interacional” (GALMBECK; CARVALHO, 1997, p.846).

Os marcadores interacionais iniciais apresentam três funções essenciais: assinalam a tomada de turno; envolvem o ouvinte; prefaciam opiniões.

Os marcadores interacionais mediais têm as funções de: a) envolvimento do ouvinte são representados por expressões como ‘veja’, ‘veja você’, ‘olha’, ‘você sabe’, ‘você repara’, ‘você imagina’, ‘você pode ver’ e locuções semelhantes. Esses MCs são utilizados “para conseguir a atenção do ouvinte e/ou obter o seu apoio” (GALEMBECK; CARVALHO, 1997, p.840); b) sustentação do turno, representados por marcas não lexicalizadas (como ‘ahn’, ‘eh’, ‘ah’, ‘uhn’) e por alongamentos (‘certo::’, ‘ahn::’), são utilizados pelo falante para preencher as pausas ocasionadas pelo planejamento do texto conversacional; c) manifestação de opiniões “são representados por verbos ou locuções denotadores de atividade mental ou de elocução” (GALEMBECK; CARVALHO, 1997, p.843). Esses marcadores podem ser divididos em dois grupos, aquele em que o locutor assume explicitamente aquilo que diz (‘creio que’, ‘acredito que’, ‘tenho certeza de que’) e aqueles que indicam a falta de certeza ou convicção do falante (‘acho que’, ‘não tenho certeza se’).

Marcuschi (1986) agrupa-os em três tipos de evidência: a) verbais; b) não verbais; c) suprasegmentais. Além disso, ainda segundo o autor, eles podem aparecer em vários momentos da interação: na troca de falantes, na mudança de tópico, nas falhas de construção, em posições sintaticamente regulares. Os MCs classificam-se também como:

Quadro 7 – Marcadores Conversacionais

MARCADORES CONVERSACIONAIS		
LINGUÍSTICOS	▪ Verbais	• Lexicais (palavras e expressões). • Oracionais (orações curtas). • Não-Lexicalizados.
	▪ Prosódicos ou Suprasegmentais	• Elevação da voz. • Entonação. • Silabação.
CINÉSICOS	▪ Gestos. ▪ Expressões faciais. ▪ Risos.	

2. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Como já foi afirmado neste trabalho, os parênteses são:

Breves desvios do quadro de referência tópica do segmento contextualizador que não afetam a coesão da unidade discursiva dentro da qual ocorrem, pois não promoveriam cisão do tópico em porções textuais nitidamente separáveis, visto que a sua interação é momentânea e a retomada, imediata (JUBRAN, 1995, p.345).

Isso significa que, no plano do conteúdo textual, eles caracterizam uma descontinuidade tópica, ou seja, um desvio momentâneo e breve na progressão textual. Por alguns momentos, abandona-se a estrutura temática do texto para a inserção de fragmentos em relação à sequência tópica, para, em seguida, retomar-se o tópico que estava em andamento, não havendo a introdução de um novo tópico. Isso tudo caracteriza a inserção parentética.

No *corpus* da nossa pesquisa, as inserções parentéticas são bastante recorrentes e aparecem em todos os inquéritos, como exemplo que segue⁵, em que os parênteses estão sublinhados⁶:

1)

Inf. ...mais um tipo de equilíbrio... pra terminar... pra terminar
por completo... então a nossa... estudo de cinética
química... vocês imaginem se nós tivermos...
AL. que produtos foram utilizados?

CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 01-04

⁵ Para este pequeno esboço de análise, selecionamos um trecho de CALLOU (1993, p.13-14 – Inquérito 251, linhas 01-96). Essa interação constitui uma aula de química.

⁶ Para maior compreensão do texto falado, seguem anexas as normas de publicação estabelecidas pelo projeto NURC.

Os dados obtidos foram analisados a partir das seguintes variáveis: i) natureza do segmento parentético; ii) presença de marcadores conversacionais; iii) lugar em que figura a inserção – meio ou fim de frase; iv) elemento a que se volta a inserção – volta-se ao falante, ouvinte, tópico, discurso ou outro. Essas variáveis têm por finalidade verificar o papel exercido pelas inserções na construção do texto conversacional e na interação entre professor e alunos.

Salienta-se que o *corpus* é formado por inquéritos retirados do Projeto NURC/RJ, os quais apresentam um único supertópico, o assunto da aula em questão. Assim, o supertópico do inquérito 251 é Química, do inquérito 356 é criatividade e redação no nível superior de ensino e do inquérito 364 é organização e métodos em administração de empresas (vide anexos). Os tópicos e os sub-tópicos estão relacionados ao supertópico de cada aula respectivamente.

Em relação ao número de inserções parentéticas, foram encontradas sessenta e três inserções nos inquéritos do Rio de Janeiro, sendo vinte e oito do inquérito 251, vinte e quatro no 356 e onze no 364, todos do NURC/RJ. Já os inquéritos do NURC de São Paulo apresentaram vinte e nove parênteses, sendo treze no inquérito 124, cinco no 377 e onze no 405.

Quadro 8 – Número de Parênteses

NÚMERO TOTAL DE INSERÇÕES	251 NURC/RJ	356 NURC/RJ	364 NURC/RJ
	28	24	11
	124 NURC/SP	377 NURC/SP	405 NURC/SP
	13	5	11

2.1. PRIMEIRA VARIÁVEL: NATUREZA DOS SEGMENTOS PARENTÉTICOS

Em relação à análise da natureza do segmento parentético, em que é observada a constituição formal das inserções, verifica-se que os parênteses podem ocorrer por meio de diferentes configurações: marcador conversacional, sintagma (simples ou composto), frase simples e frase complexa.

a) Marcador conversacional

Os marcadores conversacionais (MC) que constituem fragmentos inseridos são geralmente representados por sinais de envolvimento do ouvinte (*veja bem*), de opinião (*eu acho*) ou de busca de aprovação discursiva (*certo?*, *entende?*, *tá?*). Apenas o inquérito 251 NURC/RJ apresentou MC como constituinte do parêntese. Em nenhum inquérito do NURC/SP, há MC como inserção parentética.

2)

Inf. seria algo do tipo... concentração de A menos elevado a xis... não é isso? mais... vezes concentração de B mais.

CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 95-96

b) Frase simples

A frase simples (FS) é aquela em que há uma oração independente, mas em alguns casos mais incomuns pode aparecer uma oração subordinada sem a sua oração principal. Nos inquéritos do Rio de Janeiro, a FS aparece como a segunda mais importante configuração formal da inserção parentética, ficando atrás apenas da frase complexa e totalizando 25% dos casos. Já nos inquéritos de São Paulo, a FS empatou com a Frase Complexa (FC), sendo responsável por 48% dos parênteses.

- 3)
Inf. seria a... há... o elemento de ligação entre já e a administração superior... que vamos chamar de ordem direta ou administração de nível inferior... pra isso... era preciso delegar autoridades e os seus dirigentes não quiseram... eles

CALLOU (1993) – Inquérito 364 NURC/RJ, linhas 426-429

- 4)
Inf. que mesmo que se trata de um caso particular... não é essa a intenção... tá? a intenção não é... trazer um caso particular... a intenção... é mostrar uma coisa que aconteceu... um troço que já aconteceu... e que é questão de se fazer perguntar... e olha gente que... eu quero chamar a atenção para um troço... que já está na hora da gente... começar a fazer essas perguntas... () vocês... vamos ver se há ou não correlação com isto que vou falar... eu tinha dito... se eu colocar cinquenta jovens numa sala... não é? Imaginem... eu tou

CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 22-30

- 5)
Inf. aproximar isto então... da literatura religiosa do ocidente... "nossa vida é uma vida/ ... é uma viagem pelo vale de lágrimas"... - - vocês já não ouviram isso? - - tem alguns católicos que... vão à igreja ao

CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 124 NURC/SP, linhas 43-46

- 6)
Inf. se tirar o tra::co do indiví::duo realmen::te se persis::te aquela caracterís::tica ou não... mas o teste Isolado ou apenas um teste... não dá:: uma (aptidão) MUlto segura... bom... como teste de realização... nós temos... testes de velocidade... é para ver se

CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 377 NURC/SP, linhas 55-59

Em casos mais raros, aparece uma oração subordinada, sem a principal correspondente, ou vice-versa, ou há uma oração intercalada entre a oração principal e a subordinada. Isso ocorre no exemplo seguinte, em que o professor elucida uma situação de condicional, intercala outra oração (uma inserção parentética) e, por fim, conclui a oração complexa iniciada:

- 7)
Inf. perguntas... () vocês... vamos ver se há ou não correlação com isto que vou falar... eu tinha dito... se eu colocar cinquenta jovens numa sala... [OS] não é? Imaginem... eu tou botando dois... vocês imaginem cinquenta... eu posso perguntar por exemplo a seguinte coisa pra vocês... quantos narizes existem? [OP]

CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 22 -30

Esse tipo de inversão sintática é muito comum na LF, na qual o planejamento é concomitante à exposição da fala.

c) Frase complexa

As inserções parentéticas também podem ser representadas por frases complexas, que são normalmente constituídas de um período curto, o qual é, na maioria das ocorrências, formado por duas ou três orações subordinadas. Nos inquéritos do Rio de Janeiro, esse tipo de parêntese é responsável por 60% dos casos e, nos inquéritos de São Paulo, por 48%.

8)

Inf.

se eu sei que é a molécula do H_3PO_4 ... eu sei que ela tem três hidrogênios ácidos... se é a molécula do H_2SO_4 ... eu sei que ela tem dois... hidrogênios ácidos... então eu sei que essa molécula aqui... tem três equivalentes... por cada mol... essa aqui tem apenas dois equivalentes... então... se cinquenta jovens têm cem braços... uma solução dois molar... dois EME... de H_3PO_4 é seis normal... sem maiores complicações.... nitidamente... quem quiser ver diferente é porque não está querendo enxergar... mas não é de maldade não... eu quero mostrar o contrário... a gente não enxerga por bloqueio... e esse bloqueio é que tem que acabar... não há diferença entre jovens e molécula... mesma coisa... só que não vai pra escola... mais nada... bom... então... vou tentar mostrar de novo... porque esse troço que eu estou colocando aqui... olha... primeiro a expressão gráfica... com a qual a gente muda a cinética química... vai ser a

CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 58 -73

9)

Inf.

porque cresceu rápido demais... também assunto que nós já debatemos em aulas anteriores... o crescimento muito rápido da empresa pode fazer com que ESTRUTURA... com que foi criada... não seja adequada...e isso se torna bastante perigoso... então... veja bem... hã... o Rick concorreu e competiu com o Bob's e retirou uma parte da clientela... a

CALLOU (1993) – Inquérito 364 NURC/RJ, linhas 488-493

10)
Inf.

PRINcipal está centrada na sobrevivência... não dá tempo assim para minhocar coisas muito exóticas... de ficar pensando no sendo da vi::da... se o rock é melhor do que o chori::nho::... se::...meu Deus do céu como eu vou educar meu filho para ele estar preparado para a sociedade de amanhã:: que está em tão rápida transforma/ não tem tempo para fazer isso... eles precisam pegar pele para se esquentar....

CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 405 NURC/SP, linhas 87-94

11)
Inf.

por exemplo... a Eneida...não é?... há toda esta idéia de viagem... isto tem uma influência muito grande eu creio... - - eu poderia estar chutando aqui um pouco - - ((tossiu))... isto tem um:: uns resquícios desta teoria ((tossiu)) nalguns autores... mas em suma eu acho uma coisa muito interessante

CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 124 NURC/SP, linhas 68-73

d) Sintagma

Os sintagmas (SI) podem ser nominais (antecedidos ou não por preposições), adjetivais e adverbiais. As inserções constituídas por SI são aquelas em que não há verbos ou nas quais há expressões tais como “ou seja”, “isto é” e outras. A inserção parentética como SI, tanto nos inquéritos NURC/RJ quanto nos NURC/SP, é a segunda com menor emprego, ficando atrás apenas do MC, pois, no total de parênteses, responsabiliza-se por cerca de 10% das ocorrências. Nos excertos que seguem, o falante recorreu ao SI para compor o parêntese. Salienta-se que os inquéritos 405 e 377 NURC/SP não apresentaram nenhuma ocorrência de SI.

12)
Inf.

lingüístico mas também... focaliza outros meios de comunicação que não sejam... o da linguagem articulada... ou seja... a linguagem de trânsito por exemplo... ela utiliza... onomatopéias e interjeições para introduzir... o código de

CALLOU (1993) – Inquérito 356 NURC/RJ, linhas 182-185

13)

Inf.

sua administração de defrontou com um problema muito grave... ou a empresa abandonava a sua estrutura de pequeno porte... e passava a ser uma empresa de médio porte... ou... então... essa empresa.. ia acabar desaparecendo... por que razão? porque ela possuía uma administração muito pequena... o controle... era o controle... feito... diretamente...

CALLOU (1993) – Inquérito 364 NURC/RJ, linhas 394-399

14)

Inf.

há um conjunto... de indícios que é necessário interpretar... donde a importância da magia... e da religião... e esses indícios mostram que de repente... uma força... hum num determinado momento...

CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 124 NURC/SP, linhas 174-177

Como visto, os parênteses podem-se compor de marcadores conversacionais, sintagmas, frases simples e frases complexas. De acordo com o que foi verificado no *corpus*, as frases complexas predominam como constituintes das inserções parentéticas, sendo responsável por 49% dos parênteses do inquérito 251 NURC/RJ, 79% das inserções do inquérito 356 NURC/RJ, 45% dos parênteses do inquérito 364 NURC/RJ, 46% de 124 NURC/SP, 40% de 377 NURC/SP e 55% de NURC/SP, como mostra o quadro que segue. As frases simples também são representativas dessa primeira variável, aparecendo em segundo lugar: 30% das inserções parentéticas do inquérito 251 NURC/RJ, 17% dos parênteses do inquérito 356 NURC/RJ, 37% das inserções do inquérito 364 NURC/RJ, 46% de 124 NURC/SP, 60% de 377 NURC/SP e 45% do inquérito 405 NURC/SP são formados de frases simples.

Assim existe, no material analisado, o predomínio de frases simples e frases complexas como constituinte da inserção parentética. Isso decorre das circunstâncias da enunciação, em que há concomitância entre o planejamento e a execução da fala.

A formulação de estruturas sintáticas complexas também se explica pelo caráter dinâmico do tópico. O tópico, na língua falada, não constitui um dado prévio, mas é algo que se constrói no decorrer da própria interação verbal. Ora, as estruturas parentéticas devem estar efetivamente ligadas à construção do tópico e

encaixar-se no desenvolvimento dele e, para tanto, é necessário que elas venham a constituir estruturas sintático-semânticas íntegras. Sem essa característica (predominante nas ocorrências do corpus), seguramente as inserções não teriam um papel relevante no desenvolvimento do tópico e no estabelecimento das relações entre os participantes do ato conversacional.

Nos próximos gráficos, usam-se as seguintes abreviaturas:

- ✓ MC – Marcador Conversacional;
- ✓ SI – Sintagma;
- ✓ FS – Frase Simples;
- ✓ FC – Frase Complexa.

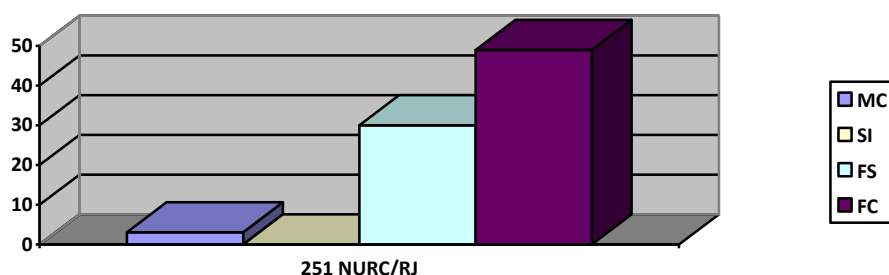


Gráfico 1: Primeira variável no inquérito 251 NURC/RJ

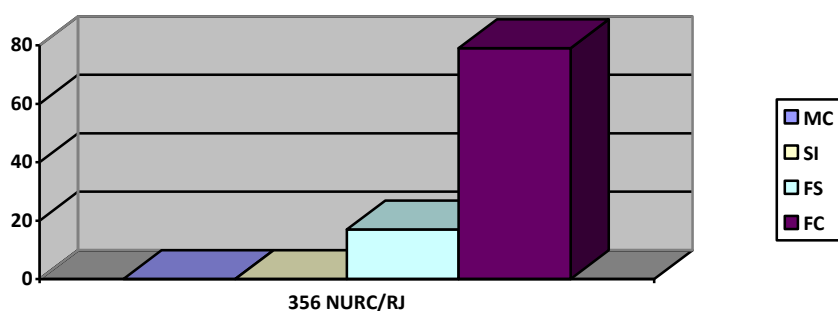


Gráfico 2: Primeira variável no inquérito 356 NURC/RJ

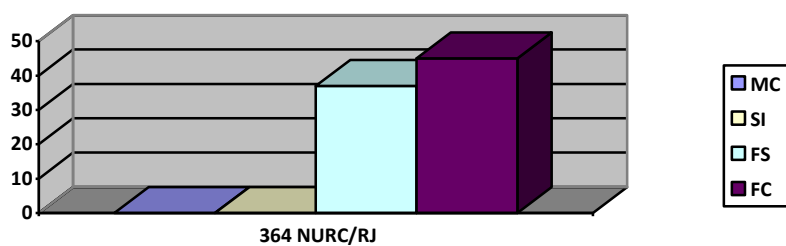


Gráfico 3: Primeira variável no inquérito 364 NURC/RJ

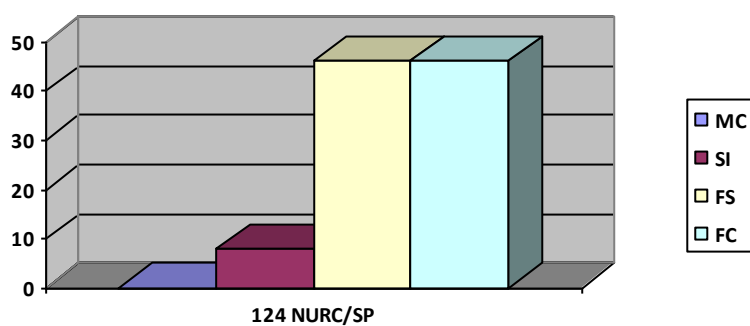


Gráfico 4: Primeira variável no Inquérito 124 NURC/SP

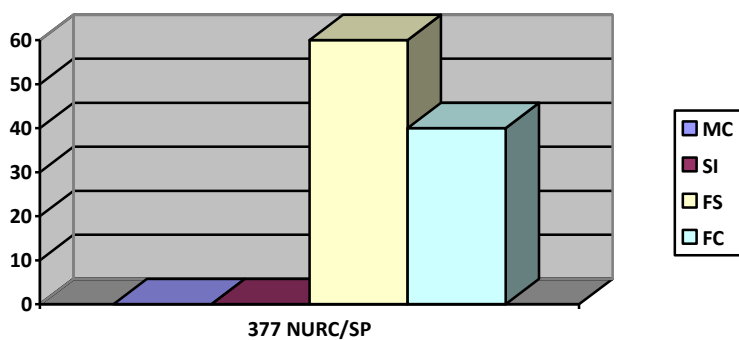


Gráfico 5: Primeira variável no Inquérito 377 NURC/SP

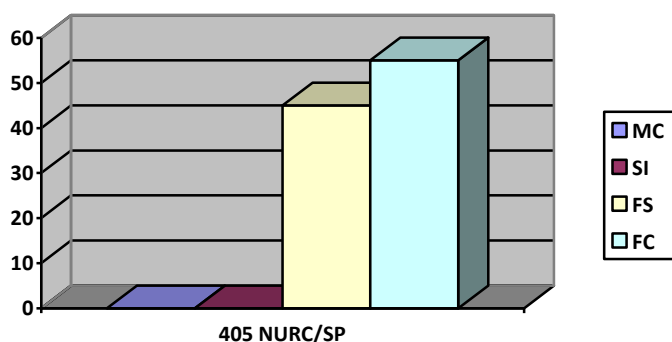


Gráfico 6: Primeira variável no Inquérito 405 NURC/SP

Quadro 9 – Primeira Variável

	251 NURC/RJ		356 NURC/RJ		364 NURC/RJ		124 NURC/SP		377 NURC/SP		405 NURC/SP	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
MC	01	3	Ø	-	Ø	-	Ø	-	Ø	-	Ø	-
SI	05	18	01	04	02	18	01	08	Ø	-	Ø	-
FS	08	30	04	17	04	37	06	46	03	60	05	45
FC	14	49	19	79	05	45	06	46	02	40	06	55

MC – Marcador Conversacional.

SI – Sintagma.

FS – Frase Simples.

FC – Frase Complexa.

2.2. SEGUNDA VARIÁVEL: PRESENÇA DE MARCADORES CONVERSACIONAIS

As inserções podem ou não apresentar MC, os quais marcam a entrada da inserção parentética no discurso. Como afirmado anteriormente, os MC que constituem fragmentos inseridos são, em geral, representados por sinais de envolvimento do ouvinte, de opinião (eu acho) ou de busca de aprovação discursiva (né?, tá?), como nos excertos que seguem.

- 15) gramática passa a emergir do próprio texto... e passa a ser... vinculada à realidade brasileira... então... aqui está o trecho do livro deles... do livro número quatro... não... do livro número três... se não me engano... ((inicia a leitura do texto))
- Inf. *CALLOU (1993) – Inquérito 356 NURC/RJ, linhas 147-150*
-
- 16) é uma fragmentação do ensino... ou seja... ele perde a noção do todo... e fica com uma série... de aspectos teóricos... isolados... que ele não sabe vincular à realidade nenhuma de seu idioma... isto é válido também para Faculdade de
- Inf. *CALLOU (1993) – Inquérito 356 NURC/RJ, linhas 246-249*
-
- 17) este tipo de equação aqui... e eu não sei se fui suficientemente feliz... tá? não sei se fui suficientemente feliz... pra que vocês me entendessem de uma maneira... TOTAL... inclusive extrapolando pra outras matérias... a PROFUNDIDADE **deste troço**... bom... na hora em que vocês conseguirem sacar a profundidade **deste troço**... até que ponto a gente é capaz... de apenas com uma simples equação... demonstrativa de um fenômeno COMO ELE SE PASSA AQUI... pra DEPOIS... a gente em qualquer caso particular... chegar a ele.. eu vou dar apenas um último exemplo fora... eu acho que vale a pena a gente encher o saco com esse troço... e... eu quero apenas lembrar que... que mesmo que se trata de um caso particular... não é essa a intenção...tá? a intenção não é... trazer um caso particular... a intenção... é mostrar uma coisa que aconteceu... **um troço** que já aconteceu... e que é questão de se fazer perguntar... e olha gente que... eu quero chamar a atenção para **um troço**... que já está na hora da gente... começar a fazer essas perguntas... () vocês... vamos ver se há ou não correlação com isto que vou falar... eu tinha dito... se eu colocar cinquenta jovens numa sala... não é? Imaginem... eu tou botando dois... vocês imaginem cinquenta... eu posso perguntar por exemplo a seguinte coisa pra vocês... quantos narizes existem?
- CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 10-33*

Em (15), a inserção parentética não apresenta marcador, o que não interfere no andamento da interação. Já em (16), ele aparece para iniciar o parêntese.

Em (17), é possível observar a presença de alguns marcadores: *tá?* (aparece duas vezes), *eu acho que*, *não é?*, *bom*, *certo*, *quer dizer* e outros. Esses elementos procuram trazer o interlocutor, no caso os alunos, para o falante, no caso o professor de Química. Ou seja, esses MCs discursivos servem para chamar a atenção dos alunos, para envolvê-los, fazer com que eles participem da aula. Eles servem também para o professor tentar verificar a compreensão ou não da matéria por parte dos seus alunos. Contudo, a inserção apresenta apenas um MC, “eu acho que”, o qual a inicia.

Além disso, nesse exemplo, o uso da expressão “um troço” e variantes (“esse troço”, “desse troço”) chama a atenção, porque não é comum professores do ensino médio a utilizarem. Além disso, esse enunciado destoa um pouco do contexto mais formal em que essa interlocução está inserida. Note-se que esse termo “troço”, nesse pequeno exemplo, aparece cinco vezes. Em toda a conversação, o professor o retoma inúmeras vezes em seu discurso, retirando-lhe o aspecto de linguagem culta ou de mais formalizado. O emprego desse termo deve-se, provavelmente, às características da linguagem própria desse falante, o qual, mesmo em situações mais formais de interação, recorre a um falar mais despojado.

- 18) de concreto... e... vez em quando... vocês percebem que eu sou um indivíduo de outra geração já... sou um quadrado mesmo não é?... mas enfim isso também é um::... é um exemplo bastante antigo é de Franz Boas não é?... digamos mil

Inf.

CASTILHO; PRETI (1987) – *Inquérito 124 NURC/SP*, linhas 269-273

- 19) medida REAL::... é claro que isso é extremamente discutido... então em psicologia há modelos::... que:: NÃO aceitam os testes de modo algum porque::...

Inf.

CASTILHO; PRETI (1987) – *Inquérito 377 NURC/SP*, linhas 31-33

No excerto (18), aparecem dois MCs, um iniciando a inserção parentética (“você percebem que”) e o outro fechando-a (“não é?”). Em (19), há apenas um marcador, “é claro que”, o qual inicia o parêntese.

O Quadro 10 sintetiza as ocorrências de MCs no material examinado.

Quadro 10 – Segunda Variável

	251 NURC/RJ		356 NURC/RJ		364 NURC/RJ		124 NURC/SP		377 NURC/SP		405 NURC/SP	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
S	12	43	11	46	05	45	01	08	02	40	Ø	-
N	13	46	13	54	06	55	12	92	03	60	11	100
Não se aplica	03	11	Ø	-	Ø	-	Ø	-	Ø	-	Ø	-

S – Sim (com Marcador Conversacional).

N – Não (sem Marcador Conversacional).

Observou-se um certo equilíbrio na ocorrência de MCs nos inquéritos do Rio de Janeiro analisados. Esse equilíbrio entre a presença e a ausência de marcadores significa que nem sempre existe a necessidade de assinalar, de forma explícita, a inserção parentética, pois ela é um fenômeno ligado à própria formulação discursiva. Já nos inquéritos do NURC/SP sobressaiu-se a ausência de MCs. Esse fato assinala que esses instrumentos, embora sejam recorrentes na LF, não são imprescindíveis para a sua existência e para que a interação social entre os interlocutores se realize.

Os marcadores mais comuns no material analisado foram “tá?”, “ou seja”, “eu acho”, “então”, “né?” e outros, conforme os próximos gráficos.

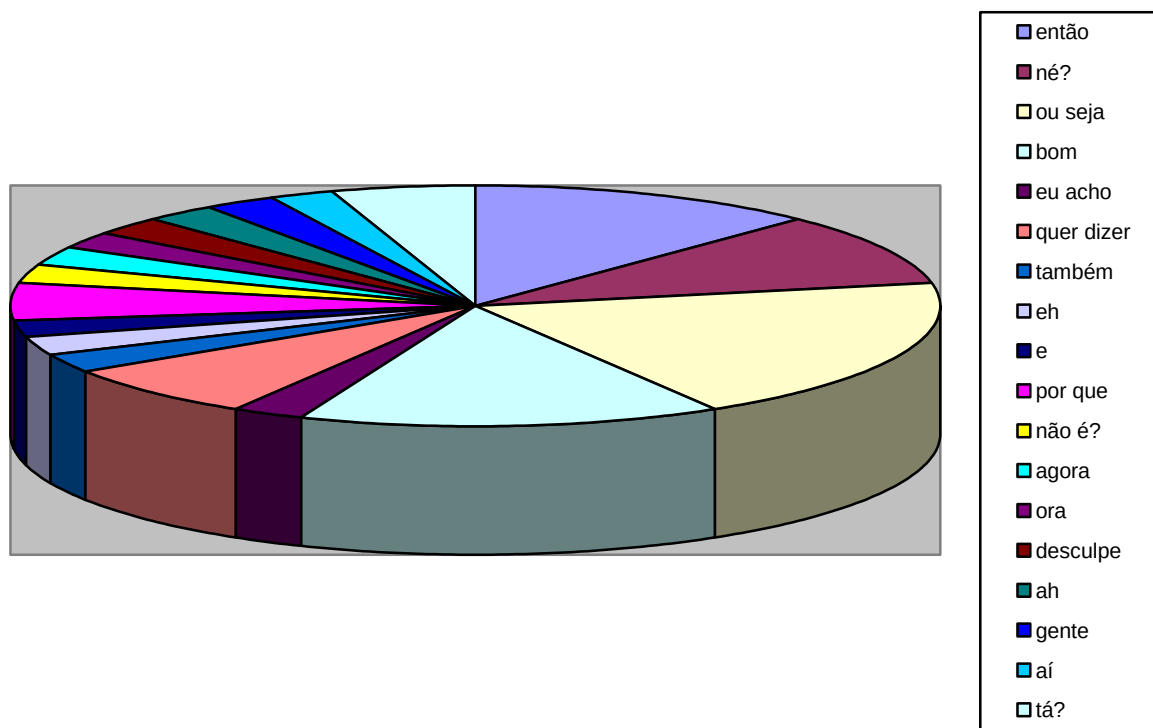


Gráfico 7: Principais MCs nos inquéritos NURC/RJ

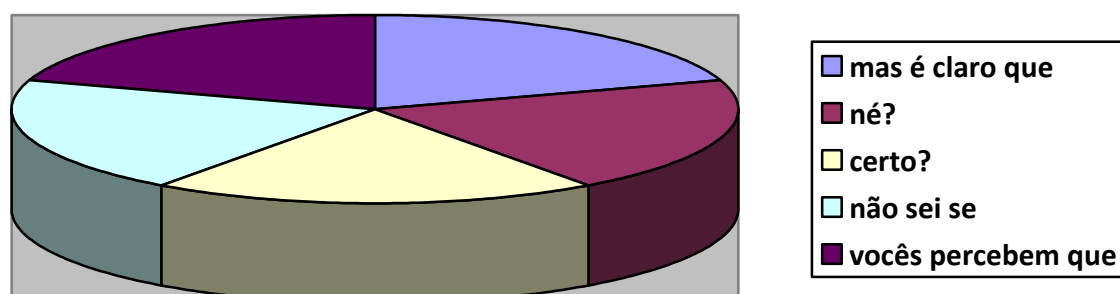


Gráfico 8: Principais MCs nos inquéritos NURC/SP

2.3. TERCEIRA VARIÁVEL: LUGAR EM QUE FIGURA A INSERÇÃO

Considera-se, nessa variável, a posição do parêntese em relação ao enunciado no qual ele se insere. Assim, nos inquéritos estudados, as inserções parentéticas apresentaram-se no meio ou no fim do enunciado. Nos inquéritos do NURC do Rio de Janeiro, há parênteses do tipo *meio de frase com continuação entre as partes* (MFC), *meio de frase sem continuação entre as partes* (MFM) e *final de frase* (FF). Contudo, os inquéritos de São Paulo, coincidentemente, só apresentam inserções do tipo FF.

20)

Inf. a comunicação não está restrita ao código verbal... e isto é válido... e isto é desejável porque como diz o... o Samir... o... o Samir Curi Messerani... que é o autor de uma série didática chamada "Criatividade"... que eu acho excelente... visando ao ensino de redação... ele diz... não adianta nós lutarmos contra os meios de comunicação de massa... porque... se nós não o... os colocarmos nos livros... nós

MFC

CALLOU (1993) – Inquérito 356 NURC/RJ, linhas 216-222

As inserções no meio da frase (com continuidade entre as partes) ocorrem geralmente quando o falante sente a necessidade de esclarecer um termo ou contextualizar os dados, como no excerto (20). Nesse parêntese, o informante interrompe o discurso para contextualizar uma informação: de que Messerani é o autor de uma série de livros a respeito de criatividade, série considerada excelente pela professora.

Em outro momento da interação, a professora volta a inserir um parêntese no seu discurso, mas, desta vez, com a intenção de comentar algo. Essa inserção parentética, contudo, é de outro tipo, é no *meio da frase sem continuidade entre as partes*, pois o comentário da informante não tem relação com o enunciado anterior ou com o enunciado seguinte.

- 21)
 Inf. de Língua Portuguesa... o que fazem os livros? Um dos...
 melhores e um dos principais... não sei se vocês conhecem...
 ((ruído)) é este aqui... desta série... da Maria Helena
 MFN CALLOU (1993) – Inquérito 356 NURC/RJ, linhas 175-177

Nesse momento da interação, a inserção, como se nota, provoca a descontinuidade sintática da frase “um dos melhores e um dos principais”. O comentário da professora serve também para interagir com os seus alunos: “não sei se vocês conhecem”.

Nos próximos exemplos, o parêntese também traz o(s) interlocutor(es) para perto do falante, pois este o insere no discurso, “e você falava agora mesmo...” e “como vocês todos sabem... não é?”. Nota-se, além disso, que a inserção encontra-se no fim da frase pronunciada pelas professoras, a qual, em seguida, inicia nova frase. Assim, esse tipo de parêntese encontra-se no limite entre frases. Nesse caso, a inserção não quebra a sequência, mas apenas interfere parcialmente na continuidade tópica.

- 22)
 Inf. pequena... média ou grande... é por isso que nós nos
 preocupamos em situar a empresa... e você falava agora
mesmo... “depende... algumas crianças atingem a
 adolescência mais cedo... outras atingem mais tarde”...
 FF CALLOU (1993) – Inquérito 364 NURC/RJ, linhas 314-316

- 23)
 Inf. se tirar o traço do indiví::duo realmen::te se
 persis::te aquela caracterís::tica ou não... mas o teste
Isolado ou apenas um teste... não dá:: uma (aptidão)
MUItto segura... bom... como teste de realização...
 nós temos... testes de velocidade... é para ver se
 FF CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 377 NURC/SP, linhas 55-59

- 24)
 Inf. período período... da pedra lascada... como vocês
todos sabem... não é?... e... tem uma duração de
 aproximadamente de seiscentos mil anos...seria
 FF CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 405 NURC/SP, linhas 04-06

Como a presença das inserções está ligada à própria formulação discursiva e ao estabelecimento da interação entre os parceiros conversacionais, o falante a coloca, preferencialmente, no final da frase, como mostra o quadro 11, o qual exhibe que 82% das inserções parentéticas do inquérito 251 NURC/RJ e do inquérito 364 NURC/RJ e 75% do inquérito 356 NURC/RJ aparecem no fim do enunciado. Os inquéritos do NURC/SP apresentam, em 100% das ocorrências, o parêntese no final da frase.

Quadro 11 – Terceira Variável

	251 NURC/RJ		356 NURC/RJ		364 NURC/RJ		124 NURC/SP		377 NURC/SP		405 NURC/SP	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
FF	23	82	18	75	09	82	13	100	05	100	11	100
MFC	03	11	05	21	01	09	Ø	-	Ø	-	Ø	-
MFN	02	7	01	4	01	09	Ø	-	Ø	-	Ø	-

FF – Final de Frase.

MFC – Meio de Frase com Continuação entre as Partes.

MFN – Meio de Frase sem Continuação entre as Partes.

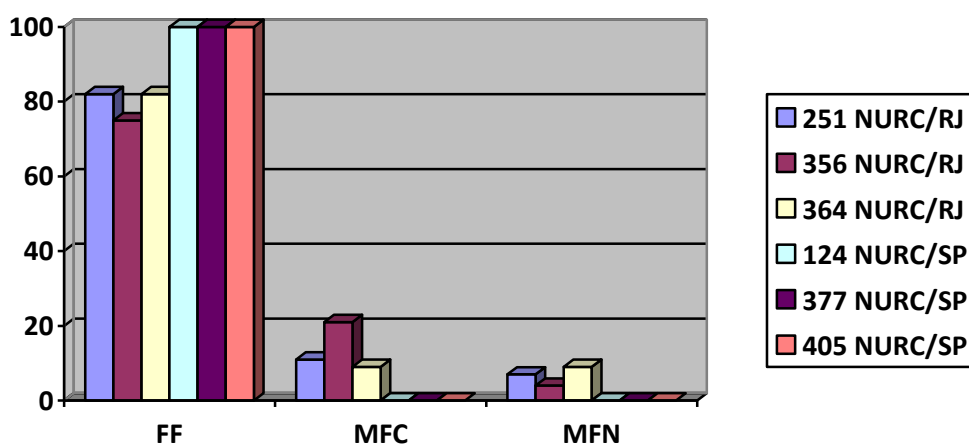


Gráfico 9: Terceira variável nos Inquéritos NURC/RJ e NURC/SP

2.4. QUARTA VARIÁVEL: ELEMENTO A QUE SE VOLTA A INSERÇÃO

Em relação ao elemento a que as inserções parentéticas estão relacionadas e para o qual se voltam, observamos que há: a) parênteses relacionados à elaboração e ao desenvolvimento do tópico; b) parênteses com foco no falante; c) parênteses com foco no ouvinte; e d) parênteses com foco no discurso e ato comunicativo.

Observou-se que, além desses, o parêntese pode voltar-se, simultaneamente, a mais de um elemento da interação. Assim, há inserções com foco no tópico e no ouvinte, outras com foco tópico e no falante, outras foco no discurso e no ouvinte e outras focalizadas no tópico e no discurso.

Enfim, a inserção parentética está ligada à elaboração do discurso falado e à interação entre os participantes do ato conversacional. Esse fato confere às inserções um caráter dinâmico e faz com que elas focalizem um dos elementos citados. Além disso, alguns dos itens abaixo (*a*, *c*, *d* e *e*) apresentam, claramente, as funções dialógicas da linguagem. (JAKOBSON apud LOPES, 1976, p.03).

a) Parêntese voltado ao tópico

Esses parênteses apresentam grande proximidade com o tópico em andamento, porém colaboram para a sua complementação, porque esclarecem, exemplificam ou acrescentam algo ao assunto tratado. A manifestação mais frequente desse tipo de parênteses é a explicitação de termos constantes ao enunciado.

De acordo com Jubran (1999), essas inserções colocam em foco o sistema verbal em uso pelos interlocutores, exercendo, por conseguinte, uma função metalinguística, já que eles constituem enunciados que, reflexivamente, focalizam a própria linguagem. “O conceito de metalinguagem pode ser entendido, neste caso, no sentido restrito de exploração do próprio sistema de signos lingüísticos, uma vez

que os parênteses fazem sempre referência ao código do discurso, estabelecendo relações entre signos” (JUBRAN, 1999, p.137).

Com relação à classificação de Lopes (1976), a função metalinguística (ênfase no código) é entendida como a função da mensagem que se dirige ao código. O ser humano utiliza a linguagem para dois fins básicos: ou para falar acerca de um *designatum* (função referencial), ou para falar acerca da própria linguagem (função metalinguística). Essa função pressupõe a existência de uma linguagem-objeto (aquela de que eu falo), cujo funcionamento ou cujo código se quer decifrar.

25)

Inf.

molécula... uma molécula grande... existem... mais de um...
equivalente... ou um... ou dois... ou três... então... quando
eu digo cinquenta jovens por sala... é a mesma coisa que eu
falar... duas moles por litro... vamos supor que o volume
() em litro... eu estou dizendo que () em que num tipo especial
chamado... MOLARIDADE... mas não é só ESSE tipo de
concentração que existe... existe a normalidade... que é um
outro tipo de concentração que ao invés de exprimir...a

CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 40-48

26)

Inf.

dez anos conseguem realizar tarefas... até o nível
cinco o nível seis já se torna um pouquinho difícil...
com algu::mas exceções... então nós temos... que
comparar essa nota bruta... com esses padrões... é

CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 377 NURC/SP, linhas 196-199

b) Parêntese voltado ao falante

Nesse grupo, estão as inserções parentéticas por meio das quais o falante se introduz no próprio texto, evidenciando-se a si próprio como a instância enunciativa ou o foco a partir do qual se desenvolve o tópico. Contudo, não há ruptura tópica, pois os parênteses com foco no locutor ainda permanecem ligados à significação proposicional.

- 27) no caso se nós conhecemos a molécula especificamente...
 Inf. se eu sei que é a molécula do H₃PO₄... eu sei que ela tem
três hidrogênios ácidos... se é a molécula do H₂SO₄... eu
sei que ela tem dois... hidrogênios ácidos... então eu sei
que essa molécula aqui... tem três equivalentes... por cada
mol... essa aqui tem apenas dois equivalentes... então... se
 cinquenta jovens têm cem braços... uma solução dois
 molar... dois EME... de H₃PO₄ é seis normal... sem maiores
 complicações.... nitidamente... quem quiser ver diferente é
 porque não está querendo enxergar... mas não é de maldade
 não... eu quero mostrar o contrário... a gente não enxerga
 por bloqueio... e esse bloqueio é que tem que acabar... não
 há diferença entre jovens e molécula... mesma coisa... só
 que não vai pra escola... mais nada... bom... então... vou
 tentar mostrar de novo... porque esse troço que eu estou

CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 57-71

- 28) estou preocupado com isso ainda... simplesmente... eu
 Inf. quero dizer que eu tenho... eu teria alguma coisa com
 cargas negativas.... não sei quanto... e alguns com cargas
 positivas... não interessa quanto... bom... vamos agora

CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 85-88

- 29) cavalos... nós vamos reconhecer veados... - - sem
 Inf. qualquer (em nível) conotativo aí - - ... e algumas
 vezes MUITO poucas... alguma figura humana...

CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 405 NURC/SP, linhas 138-140

c) Parêntese voltado ao ouvinte

Os parênteses com foco no ouvinte evidenciam a presença do interlocutor no texto falado, o que faz delas elementos marcadamente interacionais, os quais manifestam as relações de contato e de envolvimento entre os interlocutores da conversação. Além disso, esses parênteses têm função fática, pois chamam a atenção do ouvinte para o que está sendo dito e buscam a sua aprovação discursiva; estabelecendo a inteligibilidade do texto, evocam o conhecimento partilhado entre os interlocutores e testam a compreensão do ouvinte.

Esta função de linguagem, segundo Lopes (1976), poderia ser a mais antiga função utilizada pelos seres humanos, pois ela surge não só na etapa do balbúcio infantil (o choro dos bebês é eminentemente fático), mas também nas manifestações da linguagem animal.

Com efeito, a mensagem fática, ainda que contenha traços de apelo, é a menos coercitiva das condutas verbais conativas: ela exige de seus destinatários tão só uma *participação* na mesma situação social em que se encontra o destinador. Por isso se admite que o sentido predominante da função fática é o de criar solidariedade, o de estabelecer e manter funcionando os vínculos sociais que nos liga em grupo.

- 30) colocando aqui... olha... primeiro a expressão gráfica...
 Inf. com a qual a gente muda a cinética química... vai ser a
 mesma expressão... aqui é um composto... só...tá? por
CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 71-74

- 31) sal...dentro d'água... a gente sabe que a gente vai se
 Inf. dissociar né?... se eu tenho... imagine... se eu tenho CaCl_2
 que... no caso... seria Ca... mais dois... mais duas de Cl
 ()... uma rápida análise... para essa... esta equação... essa
 expressão... NOS LEVA A PERCEBER O SEGUINTE...
 que... EU VOU TER XIS ÍONS do tipo A...tá? e vou ter...
 ípsilon íons do tipo B... e aqui em cima as valências
 deles... vai depender lá da sua correspondência... é claro
 [...]
 seria algo do tipo... concentração de A menos elevado a
 xis... não é isso? mais... vezes concentração de B mais
CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 76-96

- 32) aquele teste que vocês fizeram... com aquela (outra)
 Inf. professora... (se lembram?)... o teste (tal)... então ela
 mediu a (realização do momento)... certo? ao MESmo
CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 377 NURC/SP, linhas 14-16

- 33) vocês não viram então um texto que eu analisei... de
 Inf. Benjamin Whorf sobre os *hopi* - - quem estava aqui?
 ((vozes)) então quem me diz alguma coisa vamos
ajudar os colegas - - ...qual é a diferença entre a forma
 de pensar dos *hoppi* e a forma de pensar dos
CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 124 NURC/SP, linhas 05-09

d) Parêntese voltado ao discurso

Quando a mensagem se dirige, primordialmente, ao contexto, diz-se que ela está em *função referencial*. A maior parte das frases que se pronunciam numa conversação é usada para transmitir um significado.

Os parênteses desta modalidade colocam em foco o ato comunicativo em si, pois remetem ao próprio processo enunciativo, à construção do discurso: o locutor anuncia o que vai dizer, ou retoma o que já foi dito.

- 34)
Inf. positivas... não interessa quanto... bom... vamos agora entrar na parte que nos interessa... já vimos constante de hidrólise... constante iônica... tudo isso... mesma coisa... agora vamos tentar mostrar... mais uma delas...
imaginemos uma constante disassociação desses sais...
você escreveriam que a constante... de disassociação Kb
- não existe isso não... estou só... colocando - ... Kb
seria algo do tipo... concentração de A menos elevado a
xis... não é isso? mais... vezes concentração de B mais

CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 88-96

- 35)
Inf. sudeste da Espanha... com vários... cavernas...vários
vestígios da arte pré-histórica paleolítica... - - nos slides na próxima aula nos vamos ver Basicamente Altamira e () - - ... BEM... então vamos tentar
reconstruir a maneira de vida desse Povo para depois

CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 405 NURC/SP, linhas 51-55

Além disso, os parênteses colocam também em primeiro plano a própria interação. Essas inserções focalizam dados variados: ruídos, negociações de turnos, entre outros.

Salientam-se que as inserções centradas no ato discursivo em si relacionam-se igualmente com os outros elementos do discurso: o tópico, o falante, o ouvinte e o contexto. Enfim, os parênteses constituem o processo de desativação e têm a função de completar o tópico em andamento sem introduzir um novo, apenas inserindo uma informação a mais no texto.

e) Parêntese voltado ao tópico e ao discurso

No exemplo a seguir, o professor explica, concomitantemente, uma teoria ligada à temperatura, que é o tópico discursivo em andamento, e busca dissuadir os alunos de interrompê-lo. Ele faz isso porque não quer perder a linha de raciocínio. O parêntese voltado ao tópico e discurso enquadra-se na função conativa, pois esta é a função dos enunciados de natureza *volitiva* ou *coercitiva*, que visam influenciar o comportamento do destinatário da mensagem.

36)

Inf. depende da temperatura... mas a temperatura muda... todos nós sabemos que qualquer constante... mas qualquer constante em equilíbrio... é função de temperatura... então... isso já vem para cá... ó... não precisa separar nem dizer pra ninguém... se na água é um caso como outro qualquer... continuemos a jogada que eu quero chegar lá... – então... se () apresentados... ah... não com uma constante em

CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 276-182

f) Parêntese voltado ao tópico e ao falante

O parêntese pode focalizar tanto o tópico quanto o falante simultaneamente. É o que acontece no exemplo que segue, no qual o locutor cessa temporariamente o texto conversacional para comentar algo, salientando a si e ao tópico em curso.

37)

Inf. quero dizer que eu tenho... eu teria alguma coisa com cargas negativas.... não sei quanto... e alguns com cargas

CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 86-87

38)

Inf. que é sempre superior ao primeiro... hipótese de trabalho que eu acho um pouco infantil... o fato... dos japoneses e chineses... estarem sempre sentados ou ajoelhados e verem as pessoas numa certa perspectiva... não não funciona isso isto é muito... uma hipótese derivada... de uma psicologia de um reforço de situações que eu acho que não explica toda a questão... mas em suma... o que é fundamental é o seguinte as noções de espaço e de tempo as noções

CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 124 NURC/SP, linhas 109-117

O excerto (38) apresenta, seguidamente, duas inserções parentéticas voltadas ao falante e ao tópico. O MC “eu acho” é responsável por isso, sem ele a inserção estaria voltada apenas ao tópico. Além disso, esse marcador introduz a opinião de quem fala.

g) Parêntese voltado ao tópico e ao ouvinte

Observou-se que, em alguns inquéritos do Rio de Janeiro, há parênteses voltados para o tópico e para o ouvinte. No excerto seguinte, o falante interrompe, brevemente, o enunciado para comentar algo, “*faz de conta*” e “*só de brincadeira*”, e para interagir mais ativamente com o ouvinte, solicitando a participação ou concordância deste, “*tá?*”.

39)

Inf. pra vocês... aqui dentro tem uma solução de cloreto de prata... e digo pra vocês... que... o produto de solubilidade do cloreto de prata... faz de conta... tá? – só de brincadeira... aqui -... é sete... e eu digo que lá dentro eu

CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 207-210

40)

Inf. vital... do homem pré-histórico de... se conservar vivo... vocês:: se lembram que naquele primeiro texto que nós vimos aqui a respeito do estilo... há::... havia... três ou quatro citações que faziam referência exatamente a isso que estilo mudava... com... a mudança... de vida... e que o estilo e que a arte sem vão refletir uma determinada ma-NEI-ra de considerar o mundo e a natureza... ora a maneira do homem pré-histórico era... Basicamente eu

CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 405 NURC/SP, linhas 102-110

h) Parêntese voltado ao discurso e ao ouvinte

Cinco inserções parentéticas do inquérito 251 NURC/RJ, 18%, focalizam-se, de maneira concomitante, ao discurso e ao ouvinte. O trecho que segue mostra isso: o locutor interrompe o texto conversacional para atrair o ouvinte

para a interação e, ao fazer isso, retoma o seu discurso no parêntese, garantindo-se, assim, a interação entre os interlocutores.

41)

Inf. PRECIPITAVA... se eu misturar três e quatro e o produto... for nove... quanto ele precipita? pensa um pouquinho... se a gente não sabe... eu digo... bom... vai ter que sair alguma coisa... não vai? Não vai ter que sair alguma coisa?

CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 243-246

i) Parêntese voltado ao falante e ao ouvinte

Algumas inserções voltam-se tanto para o falante quanto para o ouvinte, aumentando, assim, o grau de intersubjetividade⁷. É o caso do próximo exemplo, em que o informante chama a atenção dos seus interlocutores, focalizando-os e a si em seu texto.

42)

Inf. é isso que eu vou ()... isso com um pouquinho de paciência a gente chega lá... a idéia básica é a seguinte... nada vai ser diferente... nada vai ser realmente diferente em cima desse troço que nós estudamos... tentei chamar a atenção ontem... eu tentei chamar a atenção de vocês...para este tipo de equação aqui... e eu não sei se fui suficientemente feliz... tá? não sei se fui suficientemente feliz... pra que vocês me entendessem de uma maneira...

CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 05-13

43)

Inf. de concreto... e... vez em quando... vocês percebem que eu sou um indivíduo de outra geração já... sou um quadrado mesmo não é?... mas enfim isso também é um::... é um exemplo bastante antigo é de Franz Boas não é?... digamos mil

CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 124 NURC/SP, linhas 269-273

⁷ Segundo Braz (2006, p.41): “as marcas de subjetividade e intersubjetividade são representadas por meio de verbos e pronomes nas primeira e segunda pessoas, tanto no singular quanto no plural, e também por meio de marcadores conversacionais”.

Enfim, os segmentos parentéticos, como observado, focalizam um ou mais elementos do discurso. Dos parênteses analisados, a maioria está voltada para o tópico: 33% do inquérito 251 NURC/RJ, 71% do inquérito 356 NURC/RJ, 55% do inquérito 364 NURC/RJ, 30% do inquérito 124 NURC/SP, 40% do inquérito 377 NURC/SP e 28% do inquérito 405 NUC/SP apresentam a inserção voltada ao tópico conversacional. Isso se deve ao fato de o parêntese voltado ao tópico ter função contextualizadora e explicitadora.

Salienta-se que os inquéritos de São Paulo e o inquérito 356 NURC/RJ não apresentaram nenhuma ocorrência de inserções parentéticas voltadas ao tópico e ao discurso. As variáveis D/O e F/O apresentaram, em geral, poucas ocorrências, o que se deve, provavelmente, ao fato de o locutor preferir, em muitos momentos, focalizar apenas um desses elementos.

Além disso, a relação estabelecida entre os parênteses voltados ao tópico e aqueles voltados ao ouvinte dá à interação grau maior de intersubjetividade, por isso, no inquérito 251 NURC/RJ, 124 NURC/SP e 377 NURC/SP, a inserção voltada ao ouvinte aparece em segundo lugar.

O Quadro 12 e os Gráficos 10 e 11 sintetizam os casos da quarta variável no material examinado.

Quadro 12 – Quarta Variável

	251 NURC/RJ		356 NURC/RJ		364 NURC/RJ		124 NURC/SP		377 NURC/SP		405 NURC/SP	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
T	09	32	17	71	06	55	04	30	02	40	03	28
F	Ø	-	01	04	Ø	-	Ø	-	Ø	-	01	09
O	05	18	01	04	Ø	-	04	30	02	40	02	18
D	03	11	Ø	-	02	18	Ø	-	Ø	-	01	09
T/D	01	03	Ø	-	02	18	Ø	-	Ø	-	Ø	-
T/F	01	03	04	17	Ø	-	03	24	01	20	02	18
T/O	04	14	01	04	01	09	01	08	Ø	-	02	18
D/O	05	18	Ø	-	Ø	-	Ø	-	Ø	-	Ø	-
F/O	01	03	Ø	-	Ø	-	01	08	Ø	-	Ø	-

T – Tópico.
F – Falante.
O – Ouvinte.

D – Discurso.
T/O – Tópico e Ouvinte.
T/F – Tópico e Falante.

D/O – Discurso e Ouvinte.
T/D – Tópico e Discurso.
F/O – Falante e Ouvinte.

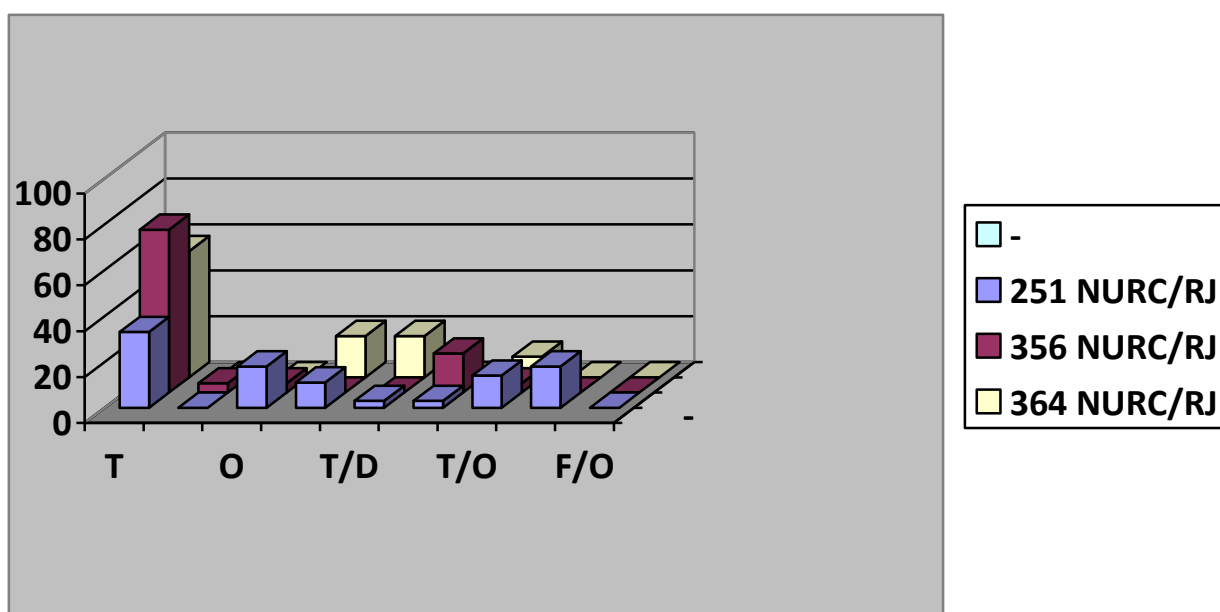


Gráfico 10: Quarta variável nos Inquéritos NURC/RJ

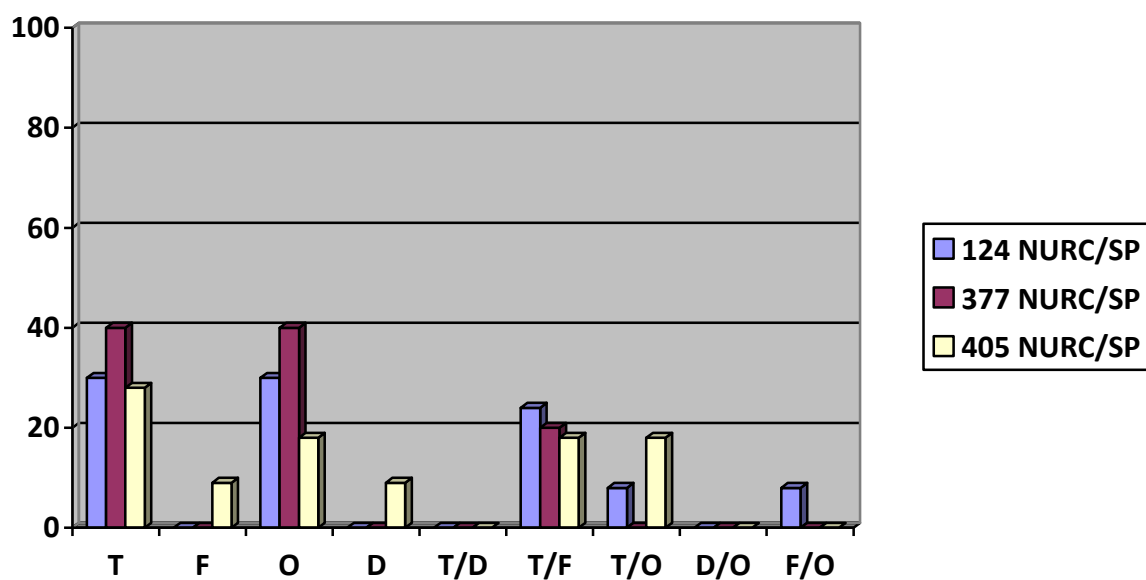


Gráfico 11: Quarta variável nos Inquéritos NURC/SP

CONCLUSÃO

As inserções parentéticas são descontinuidades na progressão temática do tópico em andamento, mas não chegam a representar um elemento perturbador, que rompe o fluxo discursivo. Na verdade, esses segmentos não constituem mais que desvios breves e momentâneos em relação ao tópico, pois têm por função mais frequente completá-lo ou esclarecê-lo. Com efeito, os *parênteses* têm um papel relevante na construção do texto falado e no estabelecimento das relações interpessoais, pois se voltam para a elaboração tópica do texto, para os interactantes ou para o ato comunicativo em si, colaborando, assim, para a intercompreensão do texto conversacional.

Os parênteses estão, pois, ligados à própria formulação discursiva e, do mesmo modo, exercem uma função no plano interacional, na medida em que estão ligadas à própria construção do tópico discursivo, às relações entre os interlocutores e à própria formulação discursiva. Por tudo isso, admite-se que a configuração e a função das estruturas parentéticas decorrem, diretamente, das próprias circunstâncias da enunciação.

Observou-se, durante a realização da análise, a existência de parênteses voltados a mais de um elemento da interação, isto é, focalizada simultaneamente no tópico e no ouvinte, no discurso e no falante e focalizada, de modo concomitante também, no discurso e no ouvinte e no falante e no ouvinte. Contudo, esse tipo de parênteses não figura como o mais comum, o qual é aquele voltado para o tópico e o segundo mais recorrente é o que focaliza o ouvinte.

As inserções parentéticas dos inquéritos analisados, tanto como do Rio de Janeiro quanto de São Paulo, presentes neste trabalho, apareceram em alguns casos com menor frequência, em outros, maior. As quatro variáveis tiveram uma diferença mínima no resultado como se observou nas tabelas e gráficos, contudo, somente em relação aos marcadores conversacionais (segunda variável) e aos parênteses presentes no final da frase (terceira variável) resultaram numa diferença grande entre eles, pois, diferentemente de NURC/RJ, NURC/SP não apresentou nenhuma ocorrência de MCs no meio da frase, tendo-os apenas no final

delas. Além disso, os inquéritos de São Paulo pouco apresentaram marcadores figurando a inserção parentética. Já os inquéritos do Rio apresentaram de maneira equilibrada a existência ou não desse tipo de marcador.

Como a delimitação do presente trabalho foi focada somente no estudo de inserção parentética, há dúvidas, por exemplo, de qual o efeito resultante das posições dos parênteses (meio e fim). A pesquisa apresentou que o objetivo é sempre o mesmo, porém as inserções figuram-se, predominantemente, no final porque o falante não quer prejudicar a estruturação do enunciado. Também se pode admitir que a colocação dos parênteses no final do enunciado constitui uma forma de assegurar a manutenção do turno.

Acredita-se que os objetivos traçados tenham sido atingidos, de maneira que foi possível fazer o levantamento e a classificação das inserções parentéticas em aulas para o ensino médio e superior, classificar as ocorrências quanto ao elemento discursivo a que elas se voltam e também verificar a presença de marcadores conversacionais nas inserções parentéticas.

Em relação à hipótese apresentada no início da pesquisa, foi confirmada por realmente mostrar que os parênteses têm alta recorrência em textos falados, mesmo em se tratando de textos de elocuções formais, como foi o caso da pesquisa em questão. Com efeito, como foi dito no decorrer deste trabalho, os parênteses apresentam feições variadas e exercem funções diferenciadas, como estabelecer a inteligibilidade do texto, evocar conhecimento partilhado do tópico, testar a compreensão do interlocutor, principalmente na relação de professor e aluno, estabelecer condições para a realização ou prosseguimento do ato comunicativo, negociar turnos, entre outras. Os segmentos parentéticos, sobretudo, exerceram funções variadas no processo interacional como mostrado no decorrer desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. L. da C. V. de O. A digressão como estratégia discursiva na produção de textos orais e escritos. In: PRETI, D. (Org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 2000, p.99-128.
- BARROS, D. L. P. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, D. (Org.) **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 1993, p.129-156.
- BIBER, D. **Variation across speech and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- BROWN, G.; YULE, G. **Discourse analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- CALLOU, D. (Org.) **A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro**: materiais para seu estudo. Vol. I: Elocuções formais. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.
- CASTILHO, A. T. Para o estudo das unidades discursivas no português falado culto no Brasil. In: CASTILHO, A. T. (Org.). **Português falado culto no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 1989, p.249-279.
- _____. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.
- CASTILHO, A. T. de; PRETI, D. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. v.I – Elocuções Formais. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1987 – CD-ROM.
- CAMPOS, G. L. A. de S. A língua falada: características gerais. In: IGNÁCIO, S. E. **Estudos gramaticais**: publicação do curso de pós-graduação em lingüística e língua portuguesa. Araraquara: UNESP, ano III, nº1, 1989, p.202-216.
- FÁVERO, L. L. O tópico discursivo. In: PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. 2.ed. São Paulo: Humanitas, 1995, p.33-54.
- _____; ANDRADE, M. L. V. C. O.; AQUINO, Z. G. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino da língua materna. São Paulo: Cortez, 2000.
- GALEMBECK, P. T. Metodologia de pesquisa em português falado. In: RODRIGUES, A. C. S. et al (Orgs.). **I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 1999, p.109-119.
- _____; CARVALHO, K. A. Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo (projeto NURC/SP). In: **Intercâmbio**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, v.VI, 1997, p.830-850.
- HILGERT, J. G. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, D. (Org.) **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 1993, p.103-128.
- _____. A construção do texto “falado” por escrito na Internet. In: PRETI, D. (Org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 2000, p.17-55.

JUBRAN, C. C. A. S. Para uma descrição textual-interativa das funções de parentetização. **Alfa**. 37: 1-16, 1994.

_____. Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. In: CASTILHO, A. de (Org.). **Gramática do português falado**. V.III: As abordagens. São Paulo: Humanitas, 1995.

_____. Parênteses: propriedades identificadoras. CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (Orgs.) **Gramática do português falado**. IV – Estudos Descritivos. Campinas: FAPESP, Ed. da UNICAMP, 1996, p.339-354.

_____. Estratégias de construção textual: parentetização. In: NEVES, M. H. M. (Org.) **Gramática do português falado**. V.VII. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999, p.219-254.

KOCH, I. G. V.; VILELA, M. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001.

LOPES, E. **Fundamentos da linguística contemporânea**. 5.ed. São Paulo: Cultrix, 1976.

MAMUS, P. T. **Inserções**: contribuições argumentativas em um discurso oral. Disponível em: http://www.faculadadedondomenico.edu.br/revista/artigos_ed1/insercoes_ed1.pdf. Acesso: 27/07/2009.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

RODRIGUES, A. C. S. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, D. (Org.) **Análise de textos orais**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 1995, p.13-32.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. 10.ed. (Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein). São Paulo: Cultrix, 1985.

SILVA, L. A. Monitoramento na conversação: a interferência do ouvinte. In: DIAS, A. R. F. et. al. (org.). **Dino Preti e seus temas**: oralidade, literatura, mídia e ensino. São Paulo: Cortez, 2001, p. 128-154.

STORTO, L. J. **Língua falada e processos de monitoramento em comunicadores instantâneos**: a interação no Messenger. Monografia (Pós-Graduação em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, Pr., 2009.

TRIVIÑOS, N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

URBANO, H. A expressividade na língua falada de pessoas cultas. In: PRETI, D. (Org.) **O discurso oral culto**. 3.ed. São Paulo: Humanitas, 2005, p.115-139.

_____. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (Org.) **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 1995, p.81-102.

ANEXOS

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO:

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ...o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	eo Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	{ ligando as linhas	A. na { casa da sua irmã B. sexta-feira? A. fizeram { lá... B. cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	" "	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... "O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós"...

Observações:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP).
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está: tá?* você *está* brava?).
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh::::... (*alongamento e pausa*).
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*, conforme referido na *Introdução*.

PROJETO NURC/RJ

INQUÉRITO 251 - BOBINA 81 - INF 302

Tipo de entrevista: elocução formal (EF)

Duração: 40 minutos

Data do registro: 2/10/74

Tema: Aula de química para o terceiro científico
Informante: sexo masculino, 31 anos, professor, formação em Engenharia Química, área residencial: Zonas Norte e Sul.

1 Inf. ... mais um tipo de equilíbrio... pra terminar... pra terminar por completo... então a nossa... estudo de cinética química... vocês imaginem se nós tivémos...
AL. que produtos foram utilizados?
5 Inf. é isso que eu vou ()... isso com um pouquinho de paciência a gente chega lá... a idéia básica é a seguinte... nada vai ser diferente... nada vai ser realmente diferente em cima desse troço que nós estudamos... tentei chamar a atenção ontem... eu tentei chamar a atenção de vocês... para este tipo de equação aqui... e eu não sei se fui suficientemente suficientemente feliz... tá? não sei se fui suficientemente feliz... pra que vocês me entendessem de uma maneira... TOTAL... inclusive extrapolando pra outras matérias... a PROFUNDIDADE deste troço... bom... na hora em que vocês conseguirem sacar a profundidade deste troço... até que ponto a gente é capaz... de apenas com uma simples equação... demonstrativa de um fenômeno COMO ELE SE PASSA AQUI... pra DEPOIS... a gente em qualquer caso particular... chegar a ele... eu vou dar apenas um último exemplo fora... eu acho que vale a pena a gente encher o saco com esse troço... e... eu quero apenas lembrar que... que mesmo que se trate de um caso particular... não é essa a intenção... tá? a intenção não é... trazer um caso particular... a intenção... é mostrar uma coisa que aconteceu... um troço que já aconteceu... e que é questão de se fazer perguntar... e

	LOCUTOR 1	LOCUTOR 2
8. Coerimento de língua estrangeira		
8. 1. Grau de utilização da língua estrangeira		
9. Profissão		
10. Outras atividades		
11. Estado civil		
12. Nível sócio-cultural		
13. Naturalidade do pai		
13. 1. Naturalidade da mãe		
13. 2. Naturalidade do cônjuge		
14. Ocupação do pai		
14. 1. Ocupação da mãe		
14. 2. Ocupação do cônjuge		
15. Filhos (sexo, idade)		
IV. 1. Grau de intimidade entre os locutores	GRANDE ☐ MÉDIO ☐ ESCASSO ☐ NULO ☐	GRANDE ☐ MÉDIO ☐ ESCASSO ☐ NULO ☐
2. Grau de intimidade entre locutores e documentadores	GRANDE ☐ MÉDIO ☐ ESCASSO ☐ NULO ☐	GRANDE ☐ MÉDIO ☐ ESCASSO ☐ NULO ☐

60 que essa molécula aqui... tem três equivalentes... por cada mol... essa aqui tem apenas dois equivalentes... então... se cinquenta jovens têm cem braços... uma solução dois molar... dois em... de H_3PO_4 é seis normal... sem maiores complicações... nitidamente... quem quiser ver diferente é porque não está querendo enxergar... mas não é de maldade não... eu quero mostrar o contrário... a gente não enxerga por bloqueio... e esse bloqueio é que tem que acabar... não há diferença entre jovens e molécula... mesma coisa... só que não vai pra escola... mais nada... bom... então... vou tentar mostrar de novo... porque esse troço que eu estou colocando aqui... olha... primeiro a expressão gráfica... com a qual a gente muda a cinética química... vai ser a mesma expressão... aqui é um composto... só... tá? por exemplo... eu estou () na hora em que eu coloco esse sal... dentro d'água... a gente sabe que a gente vai se dissociar né?... se eu tenho... imagine... se eu tenho $CaCl_2$ que... no caso... seria Ca^{++} mais dois... mais duas de Cl^- ()... uma rápida análise... para essa... esta equação... essa expressão... NOS LEVA A PERCEBER O SEQUINTE... que... EU VOU TER XIS IONS do tipo A^{++} tá? e vou ter... ípsilon ions do tipo B^{--} e aqui em cima as valências deles... vai depender lá da sua correspondência... é claro que inclusive serão funções de xis e ípsilon... mas não estou preocupado com isso ainda... simplesmente... eu quero dizer que eu tenho... eu teria alguma coisa com cargas negativas... não sei quanto... e alguns com cargas positivas... não interessa quanto... bom... vamos agora entrar na parte que nos interessa... já vimos constante de hidrólise... constante iônica... tudo isso... mesma coisa... agora vamos tentar mostrar... mais uma delas... imaginemos uma constante de dissociação desses sais... vocês escreveriam que a constante... de dissociação K_b — não existe isso não... estou só... colocando — ... K_b seria algo do tipo... concentração de A menos elevado a xis... não é isso? mais... vezes concentração de B mais

30 olha gente que... eu quero chamar a atenção para um troço... que já está na hora da gente... começar a fazer essas perguntas... () vocês... vamos ver se há ou não correlação com isto que vou falar... eu tinha dito... se eu colocar cinquenta jovens numa sala... não é? Imaginem... eu tou botando dois... vocês imaginem cinquenta... eu posso perguntar por exemplo a seguinte coisa pra vocês... quantos narizes existem?

35 AL. cinquenta...
Inf. quantas orelhas?
AL1. cinquenta...
AL2. [cem... quer dizer... não é mais a hora... agora... certo... que a gente não saiba... que num mol... ou seja... numa molécula... uma molécula grande... existem... mais de um... equivalente... ou um... ou dois... ou três... então... quando eu digo cinquenta jovens por sala... é a mesma coisa que eu falar... duas moles por litro... vamos supor que o volume () em litro... eu estou dizendo que () duas moles por litro... significa... uma () em que num tipo especial chamado... MOLARIDADE... mas não é só ESSE tipo de concentração que existe... existe a normalidade... que é um outro tipo de concentração que ao invés de exprimir... a concentração em MOLES... exprime em equivalente... como podia ser em abóbora... banana e abacate... se... laranja... abóbora e abacate... FOSSEM... conceitos químicos... então... se vocês são capazes de... conhecendo os jovens... saber quantos braços ele tem... sei lá se tem dois... quantas pernas... ele podia ser pimenta ((risos))... () então pode variar o número de braços por pessoa... ou de pernas... mas se voce conhece a pessoa especificamente... no caso se nós conhecemos a molécula especificamente... se eu sei que é a molécula do H_3PO_4 ... eu sei que ela tem três hidrogênios ácidos... se é a molécula do H_2SO_4 ... eu sei que ela tem dois... hidrogênios ácidos... então eu sei

esse número que o dobro dele não chega a alterar isso aqui... certo? em uma tonelada que tem soja em quilo (mudamos meio quilo em uma tonelada) quer dizer... o caminho não vai nem sentir... não vai nem mudar a velocidade porque eu aumentei um pouquinho esse troço... bom... muito bem... — (é só pra dar uma idéia) — ... toda vez então que essa constante não é muito afetada por valores extremamente grandes... tão grandes que a gente pode... considerar como constante... a gente ENGLIBA esse número aqui... nessa constante... e passamos a usar Kapa b vezes essa concentração de A xis B ípsilon... igual a concentração de A menos elevado a xis vezes concentração de B mais elevado a ípsilon... ora... todo mundo sabe que isso aqui é uma constante... não vou ficar botando esse troço toda hora... né? então a gente dá o que chamamos de uma regra da substituição... se uma coisa é igual a outra... a gente bota a outra no lugar da outra e esquece... então... a gente pode substituir tudo isso aqui por um... uma constante K... qualquer... significando apenas agora ()... chegou a luz... meu Deus... ele está querendo dizer pra mim... que DADO UM COMPOSTO POUCO SOLÚVEL... QUE EXISTE... UMA CONSTATNE K CONSTATNE... que é o produto dos ions que aparece naquela solução... é ou não é ca/...? acabamos concluindo isso... já que isso aqui não interfere... a gente coloca o produto dos ions... sempre constante... da mesma forma... que vocês engoliram sem eu mostrar... isso aqui... ó... H2O está dando H mais... OH menos em equilíbrio... a constante de dissociação da água... water em inglês... daria a concentração de H mais... OH menos vezes... concentração... desculpe... perdão aqui... aqui... não é nada não... concentração de H2O... MAS essa concentração de H2O é TÃO GRANDE quando comparada com esses dois... que a gente resolveu não falar em constante de (ionização) de água... você vê... não tem (termo pra isso)... tem... o quê? produto iônico... que ele pegou esse... H2O...

elevado a ípsilon... dividindo pela... concentração de A xis B ípsilon... suponhamos agora... que este sal seja... muito pouco solúvel... mas seja... praticamente... nada dele se dissolve... você pega cloreto de prata... por exemplo... joga dentro d'água... pum... direto... você até pensa... se você pesar... que nenhuma molequinha... nenhum ion... ionzinho de cloro... de sódio ou de prata estão livres na solução... estão... estão sempre... por mínimo que seja até a gente se dissolve... caiu na piscina tem um pouquinho de... () dissolvido lá dentro... eu sou muito pouco solúvel... mas tem sempre alguma... alguma solubilidade sim... então o aspecto básico é o seguinte... um sal muito pouco solúvel... a quantidade de ions que existe... vai ser extremamente pequena... certo? a prova é que ele é muito pouco solúvel... se vocês entenderam então... vão dizer... ah... quer dizer que isso está ligado à solubilidade?... claro que sim... vai ser extremamente pouco solúvel... continuando... se esse produto aqui... se isso aqui é pequeninho... se isso aqui é bem pequeninho... vocês concordam que isso aqui é zero pequeno... mas muito pequeno... é a tal história né?... zero vírgula um elevado ao quadrado é zero vírgula zero um que é menor que zero vírgula um... coisas pequenas quando você eleva elas ao quadrado... são menores ainda... quanto mais o produto de coisas pequenas o resultado é MENOR AINDA... pipocas... se isso aqui é pequeno... agora... isso aqui... é grande ou pequeno?

AL. grande... grande... grande...
Inf. você não está dividindo uma coisa pequena por uma coisa grande... esse número aqui não é medida... não nenhum sentido em falar... nesse número tão pequeno que ele é... então... sempre que isso acontecer... todas as vezes em que — agora observe uma coisa... observe um minutinho isso que eu quero chamar a atenção — será... que as variações aqui... vão alterar variações aqui? vai se eu fizer uma pequena variação aqui em A... vai alterar isso tudo? não... porque é tão pouquinho aqui... que você pode até dobrar

- 205 pra vocês... aí... eu... vejam bem a pergunta... hein... tá?
 vocês não estão (entendendo) aqui dentro nada... eu só digo
 pra vocês... aqui dentro tem uma solução de cloreto de
 prata... e digo pra vocês... que... o produto de solubilidade
 do cloreto de prata... faz de conta... tá? — só de
 brincadeira... aqui —... é sete... e eu digo que lá dentro eu
 tenho dois... uma concentração igual a dois de prata e uma
 concentração igual a três de cloro... e pergunto... lá dentro
 eu tenho uma ou duas fases?
- 210 uma...
 AL1.
 215 AL2.
 Inf. bom... vamos ver... o que é que significa... como é que vai
 saber? Se perguntando... vamos se perguntar... agora... duas
 fases... por quê?
- AL.
 porque ela devia dissociar o produto sete... né? Pelo que eu
 sei isso é alguma coisa assim...
 220 ao contrário... né? Tem menos do que o sete...
 AL.
 Inf. tem menos que sete...
 então... não alcancarei sete ainda... então... está tudo
 solúvel... agora... suponha que você colocasse por
 exemplo... eh... vamos... vamos (colocar uma coisa
 225 bonitinha aqui nove)... vamos imaginar que tivesse
 colocado três... de prata... três de prata... e quatro... de
 cloro... tá? Imaginem que eu coloquei três de prata e quatro
 de cloro... que que ia acontecer? eu ia ter uma precipita-
 230 ção... por quê? porque o produto tem que ser... quanto? no
 máximo... nove... significa que como não pode ficar mais
 que nove... que a constante é aquele produto lá... não pode
 ultrapassar aquela constante de equilíbrio... o excesso vai
 ter que precipitar... de tal modo que o produto seja igual... a
 235 nove...
 AL.
 Inf. exatamente... fase que eu tô perguntando é que você teria lá
 uma solubilidade de uma fase só... você olhando... você vê
 um troço no chão e aqui uma solução que é uma fase só...
 240 fase e isso... fase líquida... fase sólida... duas fases...

- 170 jogou aqui... e chamou esse produto de H₂O de KW...
 então... KW passou a ser concentração de H mais vezes o H
 menos... que ele média... e deu dez a menos... catorze... ()
 Por isso é que a gente sabe que... poxa... qualquer
 quantidade... de água... tem sempre o quê? dez a menos
 175 catorze... por isso que não muda... será sempre dez a menos
 catorze... porque isso aqui... agora é uma... constante... só
 depende da temperatura... mas a temperatura muda... todos
 nós sabemos que qualquer constante... mas qualquer
 constante em equilíbrio... é função da temperatura... então...
 isso já vem pra cá... ó... não precisa separar nem dizer pra
 ninguém... se na água é um caso como outro qualquer... —
 180 continuemos a jogada que eu quero chegar lá... — então...
 se () apresentados... ah... não com uma constante em
 equilíbrio... — ah... até vocês já ouviram falar isso —
 produto iônico da água... não é isso? pronto... aqui vocês
 acabaram de ser... apresentados... a também um produto de
 185 íons... só que esse produto de íons... já que não é uma água
 especificamente... vai nos interessar por outro motivo...
 este sal... eu estou interessado na sua o quê?
 solubilidade...
 AL.
 190 Inf. solubilidade... então... a gente passou a chamar este
 produto... de íons... tá... elevado a este expoente que vocês
 sabem por quê... este expoente... problema de interação
 entre um e outro... simplesmente a gente chama a este
 produto de produto TS... produto de solubilidade... nada
 195 mais é do que concentração de íons correspondentes
 elevados... à atomicidade desses íons na molécula do sal...
 correspondente... com isso... gente... a gente percebe que
 esse produto de solubilidade seria uma constante...
 pergunto a vocês... nós sabemos... se isso aqui é
 constante... o que que vai acontecer... se... na realidade... eu
 200 tiver uma solução em que esse produto é menor que TS?
 que que essa solução tem? vamos supor... estou mostrando
 aqui um... vidro... totalmente preto... digo... lá dentro... eu
 tenho uma solução de cloreto de prata... estou dizendo isso

solução... aqui o cloro que ficou na solução... tem que ser valores tais cujo o produto seja igual a?

nove...
nove... então... eu coloco aqui uma variável que eu não conheço... certo? justamente porque através dela é que eu vou tirar desse cara... uma quantidade. Tal que me permita ter este produto igual a nove... então pergunto... só um minutinho só... quanto de cloreto de prata ele vai precipitar?

AL.
Inf. 280

AL.
Inf. 285

X...
X... por quê? porque X de a... de prata com X de cloro dá X

de AgCl... esse X eu estou falando em número de moléculas...

porque uma prata com um cloro faz UM AgCl... certo?

certo...
então aqui... a... a... nossa soma é um mais um dá um... porque nós estamos falando em moléculas... uma molécula quando junta com outra ela forma uma terefe/ outra molécula... tá? eu podia ter um troço diferente... um Ca com dois Cl formando CaCl₂... então eu teria X de Ca com dois X de Cl dando um X de CaCl₂... porque esse X que eu estou me referindo... são moléculas só que aqui é uma molécula... () ion de cálcio... aqui... dois íons de... cloro... e aqui formaram uma molécula... entre aspas... muito jurídica de CaCl₂... tá? e idéia é fundamental que eu estou querendo chamar a atenção (realmente esse)... não tentem... ch... seguir o caminho... que a gente... ch... mais lógico entre aspas do que está sendo solicitado por nós... existe um caminho... é o racional... mais nada se você tem que o produto de duas coisas ser igual a nove... no máximo igual a nove... se você tem valores MAIORES que nove... não tente subtrair daqui não... porque existe uma LEI por trás disso... esses números aqui não têm nenhum significado...

AL.
Inf. 295

300

305

310

concorrentes... nada de ()... bom... então só pra lembrar agora... um minutinho... só... agora... QUANTO É... QUE PRECIPITAVA... se eu misturar três e quatro e o produto... se a for nove... quanto ele precipita? pensa um pouquinho... se a gente não sabe... eu digo... bom... vai ter que sair alguma coisa... não vai? não vai ter que sair alguma coisa?

vai...
bom... vai sair pra cada prata KW sai quantos cloros? pra precipitar?

AL.
Inf. 250

AL.
Inf. 255

AL.
Inf. 260

AL.
Inf. 265

AL.
Inf. 270

AL.
Inf. 275

AL.
Inf. 280

AL.
Inf. 285

AL.
Inf. 290

AL.
Inf. 295

AL.
Inf. 300

AL.
Inf. 305

AL.
Inf. 310

AL.
Inf. 315

AL.
Inf. 320

AL.
Inf. 325

AL.
Inf. 330

AL.
Inf. 335

AL.
Inf. 340

AL.
Inf. 345

AL.
Inf. 350

AL.
Inf. 355

AL.
Inf. 360

AL.
Inf. 365

AL.
Inf. 370

AL.
Inf. 375

AL.
Inf. 380

AL.
Inf. 385

AL.
Inf. 390

AL.
Inf. 395

AL.
Inf. 400

AL.
Inf. 405

AL.
Inf. 410

AL.
Inf. 415

AL.
Inf. 420

AL.
Inf. 425

AL.
Inf. 430

AL.
Inf. 435

AL.
Inf. 440

AL.
Inf. 445

AL.
Inf. 450

AL.
Inf. 455

AL.
Inf. 460

AL.
Inf. 465

AL.
Inf. 470

AL.
Inf. 475

AL.
Inf. 480

AL.
Inf. 485

AL.
Inf. 490

AL.
Inf. 495

AL.
Inf. 500

AL.
Inf. 505

AL.
Inf. 510

AL.
Inf. 515

AL.
Inf. 520

AL.
Inf. 525

AL.
Inf. 530

AL.
Inf. 535

AL.
Inf. 540

AL.
Inf. 545

AL.
Inf. 550

AL.
Inf. 555

AL.
Inf. 560

AL.
Inf. 565

AL.
Inf. 570

AL.
Inf. 575

AL.
Inf. 580

AL.
Inf. 585

AL.
Inf. 590

AL.
Inf. 595

AL.
Inf. 600

AL.
Inf. 605

AL.
Inf. 610

AL.
Inf. 615

AL.
Inf. 620

AL.
Inf. 625

AL.
Inf. 630

AL.
Inf. 635

AL.
Inf. 640

AL.
Inf. 645

AL.
Inf. 650

AL.
Inf. 655

AL.
Inf. 660

AL.
Inf. 665

AL.
Inf. 670

AL.
Inf. 675

AL.
Inf. 680

AL.
Inf. 685

AL.
Inf. 690

AL.
Inf. 695

AL.
Inf. 700

AL.
Inf. 705

AL.
Inf. 710

AL.
Inf. 715

AL.
Inf. 720

AL.
Inf. 725

AL.
Inf. 730

AL.
Inf. 735

AL.
Inf. 740

AL.
Inf. 745

AL.
Inf. 750

AL.
Inf. 755

AL.
Inf. 760

AL.
Inf. 765

AL.
Inf. 770

AL.
Inf. 775

AL.
Inf. 780

AL.
Inf. 785

AL.
Inf. 790

AL.
Inf. 795

AL.
Inf. 800

AL.
Inf. 805

AL.
Inf. 810

AL.
Inf. 815

AL.
Inf. 820

AL.
Inf. 825

AL.
Inf. 830

AL.
Inf. 835

AL.
Inf. 840

AL.
Inf. 845

AL.
Inf. 850

AL.
Inf. 855

AL.
Inf. 860

AL.
Inf. 865

AL.
Inf. 870

AL.
Inf. 875

AL.
Inf. 880

AL.
Inf. 885

AL.
Inf. 890

AL.
Inf. 895

AL.
Inf. 900

AL.
Inf. 905

AL.
Inf. 910

AL.
Inf. 915

AL.
Inf. 920

AL.
Inf. 925

AL.
Inf. 930

AL.
Inf. 935

AL.
Inf. 940

AL.
Inf. 945

AL.
Inf. 950

AL.
Inf. 955

AL.
Inf. 960

AL.
Inf. 965

AL.
Inf. 970

AL.
Inf. 975

AL.
Inf. 980

AL.
Inf. 985

AL.
Inf. 990

AL.
Inf. 995

AL.
Inf. 1000

esse pode ser abóbora... esse pode ser... ()... não interessa o significado deles... que interessa é que se esse produto de abóbora vezes () for maior do que nove... isso não pode ocorrer... certo? porque o produto de solubilidade deste composto é nove... estou supondo que seja nove... então se você botar uma quantidade de cloreto de prata maior... ou seja... que daria tons que dê um produto maior do que nove... você não vai conseguir dissolver... certo? você só vai conseguir dissolver uma quantidade tal... cujo produto seja igual a...

315 AL1. nove...
AL2. mas não vai dissolver ()
325 Inf. hein?
AL. não vai dissolver ()
Inf. vai dissolver uma parte cujo o produto é nove... e o resto fica no fundo... não dissolvido...
AL. é claro que tem uma parte ()
330 Inf. sim... agora... observe o seguinte... imaginem que você tem aqui a água... neste vaso... lá? água por aqui... toda... pode ser... esta abstração matemática...
AL. um () matemática...
Inf. arranca... pega uma pratinha... uma prata e outra... e um clorinho e joga lá dentro... vai conseguir um produto igual a nove?
335 AL. não...
Inf. não... então... o que aconteceu... essa prata vai ter cloro... então?
340 AL. não...
Inf. por isso que quando você coloca concentrações TAIS que produto não seja igual a nove... seja... quando as... os... os... produtos das concentrações são menores que o produto da solubilidade... você tem uma so-lu-ção... sal de cozinha na água... vai ficando... não tem problema... vai dissolvendo... quando chegar... a uma concentração tal que te dê uma total de trinta e seis gramas de sal por cem gramas... o que acontece? solução fica saturada e começa a

315

precipitar sal de cozinha... por quê? você alcançou o produto de solubilidade do sal de cozinha em água... então... está feita a correlação que você perguntou na última aula... entre solubilidade e a parte da cinética... é tudo a mesma coisa... vai ser triste... triste entre aspas... é último... na hora em que a gente perceber que todas as coisas... mas também seria possível de perceber isso antes de conhecer as coisas... que todas as coisas são uma só... lá? não existe nenhuma diferença... em nenhum fenômeno... lá () não existe nenhuma diferença nenhuma... nenhuma... sempre existe uma força motriz... sempre existe uma resistência a essa força e... aí... aparece um fluxo... isso é geral... veja () existe delta T de um fluxo de temperatura... existe um... uma diferença de concentração... existe uma permeabilidade também numa () e sempre... sempre que você tiver uma diferença... existe uma diferença de altura... existe uma água caindo... através de uma resistência... sempre que você tiver uma diferença de potencial... qualquer... diferença de força motriz... sempre essa força vai atuar em cima de uma resistência... porque senão não tem nem sentido... essa força... como é que pode... aluar... uma força atual em cima de algo que não existe... lá? e aquela velha história... pega um tijolo... bota um barbante no tijolo... faz um elefante puxar... e faz um pintinho puxar... a tensão... aqui...) do tijolo... ninguém pode fazer mais força do que a resistência... que existe no troço... então... se uma força não tem resistência... não tem força... nenhuma... então... pra que existam as leis da natureza... em todas elas... existe uma força... existe uma RESISTÊNCIA... e aí ocorre um fenômeno... geralmente um fenômeno de fluxo... sempre... um órbita ()... um troço qualquer... sempre uma diferença de potencial que aceita um meio oferecendo uma resistência... por menor que seja essa resistência então... bem... voltando ao... ao nosso aspecto... vamos ver se vocês

350

355

360

365

370

375

380

385

254

estava ali... né?... na... na... na tal saturação vezes a concentração de Cl que estava ali... alcançou o produto de solubilidade de CaCl_2 ... dali em diante... o que você botar ali no meio não se dissolve mais... se precipita... certo... aí alguém me pergunta "vem cá... por que que quando eu boto água... dissolve ()?"... digo "muito simples... quando você... bota água... você diminui a concentração desses íons... baixa o índice de solubilidade... dissolve novamente... agora... vamos imaginar que eu estou botando água... — só fiz esse preâmbulo-zinho pra vocês... perceberem porque acontece... esse fenômeno..."

AL.

vem cá... () Paulo...

435

e se eu puser outra substância... por exemplo... () se você botar outra substância... que tiver um íon COMUM... acontece... se não tiver um íon comum... se não tiver íon comum... ele não quer saber... aqui... aqui a nossa teoria é... é... baseada nessa... nessa afirmativa... agora... SE... EU COLOCAR uma outra substância que tiver cálcio ou uma outra substância que tiver CLORO... aí eu vou pra precipitar o cloreto de cálcio... se eu botar... por exemplo... HCl ... aí dentro eu não estou botando cálcio... tou?... mas estou botando Cl menos... então... ao botar Cl... eu estou aumentando esta concentração... e o produto... portanto... vai aumentar... claro... toda vez que tiver dois números multiplicados um pelo outro... se você aumentar um deles... o produto aumenta... isso... é... regra de produto... inexorável... certo? bom... de qualquer forma... (eu queria mostrar o seguinte)... haveria constância... esse aspecto aqui é o mais importante de todos... se você colocar um íon comum... você vai modificar a... as... condições de solução... então... vocês reparem que produto de solubilidade tem um conceitinho a mais... tá? e o produto dos dois é que é constante... como vocês já deviam esperar... porque vocês entraram... são doutores em PH... e vocês sabem... que em qualquer situação este produto é

Inf.

440

agora... SE... EU COLOCAR uma outra substância que tiver cálcio ou uma outra substância que tiver CLORO... aí eu vou pra precipitar o cloreto de cálcio... se eu botar... por exemplo... HCl ... aí dentro eu não estou botando cálcio... tou?... mas estou botando Cl menos... então... ao botar Cl... eu estou aumentando esta concentração... e o produto... portanto... vai aumentar... claro... toda vez que tiver dois números multiplicados um pelo outro... se você aumentar um deles... o produto aumenta... isso... é... regra de produto... inexorável... certo? bom... de qualquer forma... (eu queria mostrar o seguinte)... haveria constância... esse aspecto aqui é o mais importante de todos... se você colocar um íon comum... você vai modificar a... as... condições de solução... então... vocês reparem que produto de solubilidade tem um conceitinho a mais... tá? e o produto dos dois é que é constante... como vocês já deviam esperar... porque vocês entraram... são doutores em PH... e vocês sabem... que em qualquer situação este produto é

445

agora... SE... EU COLOCAR uma outra substância que tiver cálcio ou uma outra substância que tiver CLORO... aí eu vou pra precipitar o cloreto de cálcio... se eu botar... por exemplo... HCl ... aí dentro eu não estou botando cálcio... tou?... mas estou botando Cl menos... então... ao botar Cl... eu estou aumentando esta concentração... e o produto... portanto... vai aumentar... claro... toda vez que tiver dois números multiplicados um pelo outro... se você aumentar um deles... o produto aumenta... isso... é... regra de produto... inexorável... certo? bom... de qualquer forma... (eu queria mostrar o seguinte)... haveria constância... esse aspecto aqui é o mais importante de todos... se você colocar um íon comum... você vai modificar a... as... condições de solução... então... vocês reparem que produto de solubilidade tem um conceitinho a mais... tá? e o produto dos dois é que é constante... como vocês já deviam esperar... porque vocês entraram... são doutores em PH... e vocês sabem... que em qualquer situação este produto é

450

agora... SE... EU COLOCAR uma outra substância que tiver cálcio ou uma outra substância que tiver CLORO... aí eu vou pra precipitar o cloreto de cálcio... se eu botar... por exemplo... HCl ... aí dentro eu não estou botando cálcio... tou?... mas estou botando Cl menos... então... ao botar Cl... eu estou aumentando esta concentração... e o produto... portanto... vai aumentar... claro... toda vez que tiver dois números multiplicados um pelo outro... se você aumentar um deles... o produto aumenta... isso... é... regra de produto... inexorável... certo? bom... de qualquer forma... (eu queria mostrar o seguinte)... haveria constância... esse aspecto aqui é o mais importante de todos... se você colocar um íon comum... você vai modificar a... as... condições de solução... então... vocês reparem que produto de solubilidade tem um conceitinho a mais... tá? e o produto dos dois é que é constante... como vocês já deviam esperar... porque vocês entraram... são doutores em PH... e vocês sabem... que em qualquer situação este produto é

455

agora... SE... EU COLOCAR uma outra substância que tiver cálcio ou uma outra substância que tiver CLORO... aí eu vou pra precipitar o cloreto de cálcio... se eu botar... por exemplo... HCl ... aí dentro eu não estou botando cálcio... tou?... mas estou botando Cl menos... então... ao botar Cl... eu estou aumentando esta concentração... e o produto... portanto... vai aumentar... claro... toda vez que tiver dois números multiplicados um pelo outro... se você aumentar um deles... o produto aumenta... isso... é... regra de produto... inexorável... certo? bom... de qualquer forma... (eu queria mostrar o seguinte)... haveria constância... esse aspecto aqui é o mais importante de todos... se você colocar um íon comum... você vai modificar a... as... condições de solução... então... vocês reparem que produto de solubilidade tem um conceitinho a mais... tá? e o produto dos dois é que é constante... como vocês já deviam esperar... porque vocês entraram... são doutores em PH... e vocês sabem... que em qualquer situação este produto é

25

255

conseguiram entender esse troço... o que eu quero dizer é que enquanto você vai colocando íons... tá... em determinado produto... reparem que vocês... deviam estar grillados em alguma coisa aqui... você diz o... () Paulo... tem um negócio aí que eu não consegui entender... talvez fosse uma pergunta interessante... pipocas... se X é igual... porque... X não pode ser diferente de X? a quantidade de prata vai ser diferente da quantidade de cloro... né? troço esquisito... é exatamente isso... isso que vocês estão vendo aqui é o que nós chamamos de... efeito... do íon... (comum)... olhe... Eduardo... pera aí... tá legal... isso aí eu... sei até que eu... não sei o que é... mas... você vai explicar o que eu entendi... mas... então... antes de você acabar com esse troço... ensinou um troço que eu não entendi... esta noção tá dando choque... "se tem mais carga negativa do que positiva tá dando choque"... eu digo... não... o que pode estar acontecendo é que fatalmente vai... ou... ao... ao acontecer isso existem outros índices nessa solução... e eu só estou preocupado... tá? com esses dois... é claro que existe alguma coisa pra compensar o Cl menos... um H mais... certo? ou um outro íon qualquer pra compensar... claro que solução que não pode dar choque... mas como estou preocupado apenas com um produto de solubilidade do AgCl ... eu me esqueço dos outros todos... e estou preocupado apenas com a concentração deles... alguém não entendeu essa passagem? bom... continuando... por isso que eu vou mostrar algo pra vocês... imaginem que vocês têm uma solução de CaCl_2 ... CaCl_2 ... totalmente dissolvido na água... aí... você vai () lá linda... bonitinha... jóia... aí você começa a colocar ali dentro CaCl_2 ... vai botando... vai botando... chega a um ponto em que você satura... está bom... chega um ponto que você satura solução... não é? dali em diante... se você botar mais CaCl_2 que que vai acontecer? vai precipitar... eu vou tentar mostrar agora um troço interessante... por que que precipitou... hein? porque... a concentração daquele Ca que

390

395

400

405

410

415

420

24

- 8
- 254
- 495 nove... existem várias maneiras diferentes de ter um produto igual a nove... para ser mais claro... uma infinidade de possibilidades... então... QUANDO... um minutinho aí... quando as duas concentrações forem iguais... ou seja... quando as concentrações forem RAÍZES do produto de solubilidade... tá? Nesse caso estamos falando de um composto... puro... quer dizer... tá falando apenas de ter colocado o AgCl na água... certo?
- 500 certo...
AL.
Inf. mas quando as concentrações forem diferentes... aí é que vem a outra fase... é porque eu tenho lá dentro um outro composto que tem um íon comum.
- 505 ah... então é por isso...
AL.
Inf. certo... seria impossível eh... que você pegue prata com prata com cloro... você vai ver que vai sobrar cloro... esse cloro não pode ter vindo de um cloreto de prata...
510 AL.
Inf. de um HCl... de um banana Cl... de um troço qualquer que tenha Cl... Então... como eu digo é que... quando você... mas você não muda... percebeu? você não muda esse número aqui... por isso... que você consegue... atenção... agora... hein... (risos) por isso que você consegue... o seguinte... se você tem aqui agora uma solução de CaCl₂... eu posso precipitar o CaCl₂ sem colocar lá dentro CaCl₂... certo?
- 515 certo...
AL.
520 Inf. não basta eu passar por quê? cloro... por exemplo... ou algo que tenha cálcio... e vai precipitar o CaCl₂... porque eu vou alcançar este produto aqui... NÃO BOTANDO O Ca E Cl₂... mas apenas botando um íon... comum...
AL.
525 Inf. não se dissociar...
ah... aí vai () o seguinte... se ela não se dissociar é porque ELA tem um produto de solubilidade menor que esse aqui... um minutinho... psiu... suponhamos que eu tenha uma solução saturada de CaCl₂... e eu joga lá dentro AgCl... que é que precipita... o CaCl₂ ou AgCl?

- igual a quanto?... com a substância pura... vê se você saca o negócio... tá? o nove... foi medido com a substância pura... dez a menos catorze...
tanta é que quando vocês sabem que este aqui é dez a menos dez... quanto é esse de cá?
- 460 AL.
Inf. ()
AL.
Inf. mostrando que eles podem ter concentrações diferentes... porém o produto é o... mesmo... LÁ TAMBÉM... não é obrigado a ter a mesma quantidade de cloro e a mesma quantidade de prata... não é obrigado... pode ser diferente... mas fatalmente é que eu tô com aqui está com a mesma que ali... ó... com outra substância no meio... misturada... que não estará afetando este troço daqui...
quer dizer que o produto do íon comum é que faz... precipitar as duas coisas...
AL.
Inf. não ()... é isso?
- 470 não... ao contrário... igual a nove... é sempre... então... vamos repetir... igual a nove é que você tem que fixar ao contrário...
AL.
Inf. () olha a gente pode pensar que... tem mais cloro do que prata...
e tem... não... pode pensar não... tem mais cloro do que prata... aqui... estando igual àquele X
- 475 Inf. () tem um íon comum?
AL.
Inf. não... não... vou repetir então... o nove é uma coisa chamada produto de solubilidade... certo? que foi medido com com a substância pura... () lá... o nove foi medido com uma substância pura... mas uma vez medido... ele não muda mais... por quê? fica uma... constante... então... essa pergunta... você não faça mais a você mesma... assumam... desde o momento que nove/oitto é o que se chama produto de solubilidade daquele cara... mas... pra obter nove... tem várias maneiras de obter nove... né? eu posso ter... três vezes três dá nove... zero três vezes trinta também dá
- 480 AL.
Inf. () tem um íon comum?
AL.
Inf. não... não... vou repetir então... o nove é uma coisa chamada produto de solubilidade... certo? que foi medido com com a substância pura... () lá... o nove foi medido com uma substância pura... mas uma vez medido... ele não muda mais... por quê? fica uma... constante... então... essa pergunta... você não faça mais a você mesma... assumam... desde o momento que nove/oitto é o que se chama produto de solubilidade daquele cara... mas... pra obter nove... tem várias maneiras de obter nove... né? eu posso ter... três vezes três dá nove... zero três vezes trinta também dá
- 485 AL.
Inf. não... não... vou repetir então... o nove é uma coisa chamada produto de solubilidade... certo? que foi medido com com a substância pura... () lá... o nove foi medido com uma substância pura... mas uma vez medido... ele não muda mais... por quê? fica uma... constante... então... essa pergunta... você não faça mais a você mesma... assumam... desde o momento que nove/oitto é o que se chama produto de solubilidade daquele cara... mas... pra obter nove... tem várias maneiras de obter nove... né? eu posso ter... três vezes três dá nove... zero três vezes trinta também dá
- 490 AL.
Inf. não... não... vou repetir então... o nove é uma coisa chamada produto de solubilidade... certo? que foi medido com com a substância pura... () lá... o nove foi medido com uma substância pura... mas uma vez medido... ele não muda mais... por quê? fica uma... constante... então... essa pergunta... você não faça mais a você mesma... assumam... desde o momento que nove/oitto é o que se chama produto de solubilidade daquele cara... mas... pra obter nove... tem várias maneiras de obter nove... né? eu posso ter... três vezes três dá nove... zero três vezes trinta também dá

- assunto? tem sentido falar... o que o cara quer dizer com solúveis... muito solúveis... pouco solúveis? apenas um conceito relativo... porque TUDO É SOLÚVEL... Só que tem um limite... um mais alto... outro... outro mais baixo... AgCl é considerado insolúvel porque o que fica de AgCl é tão () acho que é dez a menos vinte e sete... um troço tão irrisório que... a gente não consideraria... entendeu qual é a jogada? então... quando se tem aquele conceito de solúvel... pouco solúvel e insolúvel... mas... não existe esse insolúvel... isso aqui é uma colher de chá que a gente dá em termos de... de... medida... é tão pouco solúvel que você considera como se não tivesse solubilizado porque... o que tem na solução naqueles íons não vai atrapalhar ninguém... você pode comer quilos de; desse troço que não vai... a prata não vai te perturbar... certo? Então você não tem uma concentração que te atue suficientemente... por isso a gente diz que... existem compostos solúveis... alguns pouco solúveis e outros totalmente insolúveis... esses totalmente insolúveis são totalmente insolúveis?
- 570 AL. não...
Inf. a prova é que quando se alcança o grau de solubilidade máxima... ele passa a ser insolúvel... então... o conceito de solubilidade é um conceito relativo... tá? um conceito político e um conceito relativo... agora... em relação a nós... é que nós definimos o que é solubilidade... a gente aqui diz... ó... daqui até aqui é muito solúvel... daqui até aqui é pouco solúvel... daqui até ali é... insolúvel...
AL. mas... Zé Paulo...
Inf. e é preciso...
595 AL. mes... Zé Paulo...
Inf. só um minutinho só... que todo mundo fique de acordo... certo? se tiver um cara em desacordo... bagunçou o correto... é uma de-fi-ni-ção... é uma... como uma convenção... que tal?
- 575 AL. aquele negócio que você falou que tem que ser... muito solúvel... quer dizer... a gente... às vezes não é questão da solúvel...
- 580 AL. 29

- CaCl₂...
eu tenho uma solução sa-turada... tá... de AgCl...
de AgCl? De AgCl?
é... saturada... desculpe... de CaCl₂... saturada de CaCl₂...
significa que eu tenho Cl₂ a danar... não tenho... hein?
coloco lá dentro UMA molequinha de AgCl... quem é que precipita?
- 530 AL. Cl... Cl...
Inf. quem?
AL.1. Cl...
540 AL.2. [CaCl₂...
Inf. Cl... porque o AgCl tem o produto de solubilidade muito menor que CaCl₂... e como tem muito Cl... Ag não tem não... Ag... tem um agezinho só... certo?... mas todo o Cl desse cara aqui... já é suficiente pra esourar o produto de solubilidade... de modo que... aqui o Cl precipita... mas vai... vai precipitar até quando?
- 545 AL. até que o... o... produto... fique... mas aqui você botou um só parou... você botou um só precipitou... já ultrapassou de muito... o produto de solubilidade... é capaz até... de ser suficiente pra também... ao menos... precipitar um pouquinho de CaCl₂... certo?
- 550 AL. (Zé Paulo)...
Inf. fala...
555 AL. como é que você sabe que o AgCl é menor?
[ah... sim... pois é... isso aí é um conceitinho um pouco maior... é que nós sabemos que os cloratos... por decoreba... aquele negócio que eu falei... passear de noite... você... antes de sair com o namorado... dar uma olhadinha... é o seguinte... os cloratos de prata... chumbo e () são insolúveis... prata... chumbo e () são insolúveis... todos os outros demais cloratos são solúveis... tá? agora... pergunto agora... aquilo lá não é uma casaca é muito grande? quando a gente está bem por dentro agora do
- 560 AL. 28
- 565

- 640 gente começa... a... se questionar inconscientemente sobre aquele... aquela parede se vai estourar... se vai passar por baixo... se vai passar por cima e a parede vai chegando... né? e há... uma necessidade muito importante... de você tomar uma decisão... antes da parede chegar... senão faz que nem um amigo meu que é () de lambreta e a... fazia assim... puxava pra lá... puxava pra cá ((risos)) que saiu aqui... ô... que estava tão indeciso pra que lado ia que acabou passando sobre o negócio... então... tem que se chegar... um momento... nem que seja um minutinho... antes... () pra gente tomar uma decisão porque senão não dá tempo mais... então quando as pessoas inconscientemente... percebem esse troço... há alguma tendência quase natural... dá uma amenizadinha muito comum na gente em alguns momentos quanto mais nesse negócio de pressão maior... então é a hora ()... então é preciso só que sem que se modifique... sem que a gente modifique nosso modo de pensar... mas vale a pena a gente prestar atenção... a esse... a esse sintoma... que pode ser muito importante um diazinho... né? que é que tem mais? nada... agora quando as coisas... só se perceber que elas estão se perpetuando... é um processo ruim com certeza... não é só esse... não... esse é um exemplo... esse vale pelo outro... tá? só pra... tentar mostrar como é que a gente vai fugir... aí acontece o reverso da medalha... quando se começa a chegar mui o porto... aí passa a ter a tal consciência... aí o cara vira noite... e não dorme... e... fica preocupado e se dedica etc. e tal... é o tal aspecto que eu falei pra vocês... há a possibilidade tão grande... que aquela até o ratinho encurralado que ataca a cobra... nunca viram isso... não? () ratinho foge... foge... foge... até quando a cobra e põe ele na parede... aí o ratinho vira fera... e às vezes se salva...
AL. ()
Inf. é claro... e o ponto mais BACANA é o aspecto é... da

31

- 605 Inf. gente de ()
AL. não...
Inf. nem o álcool com água... por exemplo? ele continua... mas nós não acabamos de ver que... imagine o HCl... o NaCl... NaCl não é... você não usa um? você não usa álcool igual a um? se botar uma massa de () você entrou ()... se ele fosse sempre toda vida solúvel não tinha salina ()... certo? tudo tem um produto de solubilidade... todas as coisas têm um produto de solubilidade... só que uns têm tão grande que você pode ()
AL. quer dizer que a evaporação é você exprimir a concentração () que evapore a...
Inf. é: não é que evapore a água toda... não... pôxa... vou esperar... se você fosse evaporar a água toda... o nosso sal não prestava... ia precipitar o cloreto de potássio... o cloreto de magnésio... tudo sal... o microscópio () não é o sal de cozinha... inclusive a água mãe das salinas é concentrada até a uma condição tal... que só precipita sal NaCl... porque lá tem potássio... tem magnésio... uma pá desses caras... só interessa a concentração... que precipita o NaCl... depois nego joga fora... retira () eles tiram o sal que tá precipitado e aquela água mãe nego joga fora... ainda tem sal naquela água mãe... então... a ideia básica é a seguinte... eu queria chamar a atenção... pra um fator só... aliás... dois fatores... primeiro... lembrar a vocês que as características de pulga estão começando a aparecer...
AL. que pulga? pulga?
Inf. não... eu considero a pulga... quer dizer... é brincadeira... é claro que não se pode exacerbar... ()... não podemos exacerbar as palavras senão a gente entra numa de... né... de horror e... não é essa a intenção... mas... por exemplo... (vamos apresentar um exemplo que deve ter algum motivo)... o negócio é o seguinte... eu estou querendo colocar a seguinte situação... há uma tendência... à proporção que a gente está muito longe do... do inimigo... a gente... não dá muita importância... à proporção que vai se

30

PROJETO NURC/RJ

INQUÉRITO 356 - BOBINA 113 - INF 347

Tipo de entrevista: elocução formal (EF)

Duração: 40 minutos

Data do registro: 3/5/77

Tema: Criatividade e redação no nível superior de ensino.

Informante: sexo feminino, 30 anos, formação

universitária: Letras, carioca, pais cariocas,

área residencial: Zona Sul.

675 história de () talvez... mas é que em muitos casos o
ratinho se salva... eu já vi muitos caras chegarem no último
dia do vestibular e passar... realmente é no desespero do
ratinho e tem gente que consegue chamar a adrenalina de
dentro e dar um salto ()... eu... por exemplo... é terrível...
eu já pulci de um edifício para o outro... não era grande
não... não era a distância não era terrível não... apenas tinha
que ter... né... pra pular... porque oito andares... mas
acontece que eu estava não sei como... jogando bola na
rua... de repente eu me vejo com a bola na mão e a patrulha
na frente... aquele negócio de bomba... né? você corre e a
bomba ficou contigo... sim... porque eu não larguei a bola...
não larguei... sai correndo e os caras vieram atrás de mim...
ai subi a escada pra entrar em casa... entrei no edifício...
subi pela porta... não sei por que carreguei d'água passei da
porta... não entrei... (risos) bom... aí o cara que estava ()
continuou... quando cheguei lá em cima... não ia entrar na
casa dos outros... estava sem bola... aí pulei... o cara ficou
parado... olhando... (risos) o garotinho com a bola e vice-
-versa... mas eu nunca fiz isso em condições normais...
sem o medo que ele estava possuído eu nunca teria () não
era () o grande obstáculo... não... mas era perigoso... eu
tinha que... tinha parede aqui... e parede aqui... tinha que
colocar pra lá e cair do outro lado... é na hora do perigo que
a gente faz um negócio desses... então pode ser que
algumas adrenalinas escondidas aí sejam capazes de ()
trabalhar no seu corpo...
700 AL. ()
Inf. não é que vocês... vocês... que vocês todos... né?
AL. ()... adrenalina?
Inf. mas... não... esse troço é um espelho... eu não sei se eu tô
conseguindo transmitir pra vocês () a tranquilidade...
gente... eu estou falando aqui... está muito barulho... entre
setembro e outubro a barra pesa... OK...

1 Inf.: eu vou ler a introdução do trabalho para... vocês terem uma
noção do que se trata... (inicia leitura de texto) "este
trabalho visa a analisar o problema da redação e o da
criatividade na expressão linguística... focalizando
5 especificamente o nível superior de ensino... ater-nos-emos à
forma escrita da linguagem... já que esta modalidade
linguística é que nos interessa mais de perto... a expressão
ORAL... é sem dúvida alguma um fenômeno relevante e
10 criativo da atividade verbal... entretanto... embora o trabalho
dos professores das faculdades de Letras e de Comunicação...
não consista apenas... em observar a mani... manifestação
escrita do idioma... consideramos o fato de que nossos
universitários têm mostrado maior dificuldade nesta... do que
naquela modalidade do idioma... o nosso objetivo é através
15 de uma visão crítica do ensino de Língua Portuguesa nas
escolas e nas universidades do Rio de Janeiro... o de procurar
um caminho que desenvolva no aluno... a capacidade de
redigir corretamente... E/OU... artisticamente... julgamos que para
20 o desenvolvimento pleno da expressão oral... seriam
necessários... em nível superior... cursos específicos de arte
dramática... visando ao teatro... e de retórica... campo fértil e
interessante sem dúvida... mas que foge um pouco aos nossos
interesses imediatos... no presente estudo... tenta-se fazer
25 uma análise do ensino de português... comunicação e
expressão... nos primeiro e segundo graus... uma vez que

partimos do pressuposto... de que o estudante universitário não pode ser analisado como um fenômeno isolado daquela realidade... ele é consequência da formação que recebeu anteriormente... e... precisa de um apoio no sentido de melhorar os erros... e as deformações que traz de seu nível médio... abordaremos criticamente os métodos empregados naqueles dois níveis de ensino... não deixando de levar em conta o fenômeno dos cursinhos... e do vestibular que tanto influenciam e prejudicam a formação de nossos discentes... a partir disto... tentaremos analisar a nossa estrutura universitária... tomando por base principalmente a realidade da Faculdade de Letras da UFRJ ... na qual exercemos atividades docentes e a qual conhecemos mais de perto... far-se-ão sugestões... de modificações do programa de língua portuguesa que se prendem sobretudo ao possível e não ao ideal... já que todos os planos visando a alcançar o ótimo... têm acabado por limitar-se ao satisfatório... este trabalho não quer... portanto... ser uma reforma... do ensino universitário em termos de redação e criação... criatividade... uma vez que isto implicaria medidas e mudanças radicais que alterariam todo o sistema... embora concordemos com ele... não temos a pretensão de cumprir o pensamento de George K. Heller "para que possa realmente nutrir a criatividade a educação deve ser RECRIADA..." visando apenas contribuir com a nossa experiência pessoal e nossas observações de sala de aula para o ensino mais eficaz de nosso idioma... mormente naquilo que se refere à redação e à criatividade... ((termina leitura do texto)) bom a partir... desse... dessa introdução... nós podemos... ver o primeiro ponto... que... eu focalizei aqui no trabalho... que é justamente uma análise... uma abordagem crítica dos métodos e dos livros... eh... adotados... no... primeiro e segundo graus de ensino... eu parti da análise... eu fiz a análise de mais ou menos... vinte e cinco livros didáticos... mas também utilizei os resultados... que saíram... numa reportagem do Jornal do Brasil... do escritor éh... Osman Lins... ele tinha analisado quatrocentos e trinta e

cinco trechos de livros didáticos... e chega à conclusão de que... realmente... eh... esses livros didáticos... esse novo ensino de Comunicação e Expressão... tem... deixado muito a desejar... no que tange à parte de literatura... à parte de formação literária... ele faz... uma espécie de levantamento estatístico e diz... que os autores mais citados pelos livros didáticos de Comunicação e Expressão... são Carlos Drummond de Andrade... Stanislaw Ponte Preta... muitas vezes Edson Arantes do Nascimento... Pelé... e... Chico Anyisio... e pessoas... vinculadas sobretudo aos meios... de comunicação de massa... televisão... rádio... cinema... etc... e ele discute esta escolha... na medida em que não é que ela não seja válida... e eu particularmente sou a favor... da inserção de meios de comunicação de massa na divulgação do ensino do idioma... mas ele mostra que houve uma troca... em vez... de se estudarem os autores literários pela literatura em si... se estuda um autor literário a partir dos meios de comunicação de massa... ou seja... o fato de Carlos Drummond de Andrade... que é um dos nossos maiores poetas... encabeçar a lista... dos mais citados não se deve ao fato de ele ser um grande poeta... e sim... ao fato... de ele escrever crônicas no Jornal do Brasil... ou seja... ele é um nome conhecido através de um meio... de divulgação de massa... então para que o trabalho tomasse uma estrutura... tornasse corpo... eu parti da análise dos manuais tradicionais... e cheguei... aos manuais... aos últimos que nós temos em termos de Comunicação e Expressão... eh... dos antigos... manuais... que apenas aquela visão que todos nós conhecemos... e eu não preciso ficar repetindo aqui... ou seja... de trazer um texto de Camões... né? d'Os Lusíadas... e mandar o aluno simplesmente fazer uma análise sintática... o que acontece é que o aluno nem sabia fazer a análise sintática... NEM aprendia nada do texto... nem entendia o texto lido e passava a odiar Camões... então o ensino se mostrava totalmente inoperante... os textos eram... escolhidos sobretudo ATE Camilo Castelo Branco... ou seja...

135 falar em termos de São Paulo e dos outros estados... mas no Rio de Janeiro apareceu... uma série didática da professora Maria Helena Marques e do professor Domicio Prouença Filho... os três primeiros livros eram de Maria Helena... e de Domicio... os dois últimos... número quatro e número cinco... só de Domicio Prouença Filho... éh... este livro trouxe uma série de inovações... ou seja... desenhos... imagens coloridas... pertinentes ao texto... uma vinculação maior... eu gostaria de ler um trechinho mínimo pra vocês do prefácio de um dos livros... da Maria Helena... Marques... e do Domicio Prouença Filho... em que eles definem... o objetivo... da didática... e do livro... de português... nós vamos ver que... a gramática passa a emergir do próprio texto... e passa a ser... vinculada à realidade brasileira... então... aqui está o trecho do livro deles... do livro número quatro... não... do livro número três... se não me engano... (inicia leitura do texto)) "tendo em vista que o ensino da gramática... visa... a conduzir o discente à consciência dos processos que espontaneamente utiliza ao falar... ou escrever... o fato gramatical... foi examinado... em função... do TODO significativo em que ocorre... procurou-se evidenciar a atitude dos escritores... ao selecionarem as palavras e estruturá-las em frases... houve também... a preocupação... de vincular o estudo da língua ao conhecimento da realidade cultural brasileira..." (termina leitura do texto) ou seja... davam-se informações não só de literatura... mas da realidade brasileira... ao introduzir um texto de Graciliano Ramos... era importante colocar o aluno em contato com a realidade em que viveu... Graciliano Ramos... ou seja... para compreender o regionalismo... o aluno tinha de entrar de contato... em contato com a região... obviamente... bom... mais tarde houve a reforma do ensino... eu ainda faço a análise de outros livros mas eu acho que eu iria... encontrar muito... eu ainda tenho aqui... vinte minutos e eu gostaria de chegar ao cerne da questão até o final do meu tempo... bem... outros livros... a partir da reforma de ensino... o/ a disciplina que se chamava

100 Camões... Dom Dinis... Almeida Garrett... é... até Camilo Castello Branco se ia... até Olavo Bilac se ia... mas depois disso não havia mais citações de texto... não é que eu tenha nada contra... contra Camões... ao contrário... não tenho nada contra Camilo Castello Branco... mas eu acho que no primeiro e no segundo graus... o... aluno ainda não tem a capacidade e a maturidade para entrar em contato com um texto deste tipo... bem... estes manuais tradicionais não funcionavam... eles ensinavam o idioma a partir de textos que não atingiam o nível do aluno... a parte de gramática era dada totalmente DESVINCULADA do texto... ou seja... havia um texto de Olavo Bilac por exemplo... e vinha uma ques/uma... um capítulo sobre fonética... no capítulo sobre a disciplina... dizia-se que... havia vogais e consoantes... e que eram vogais... o que eram consoantes... classificavam-se as vogais e as consoantes e a partir daí o aluno decorava uma lista... enorme... de... éh... fonemas ou de sons... no caso da fonética... que não tinham... éh... a menor utilidade... a menor vinculação com a língua que ele falava... um dos primeiros manuais a trazer... uma nova visão... uma visão mais vinculada entre teoria e texto foi o "Manual de Português Para Terceira e Quarta Séries... do professor Celso Cunha... que... hoje em dia... já está antiquado... já não é mais dotado... mas na época... inovou bastante... a metodologia do ensino... ou seja ele trouxe citações de escritores modernistas... não só modernistas... havia uma mistura EQUILIBRADA entre Camões... Dom Dinis... Camilo Castello Branco... Olavo Bilac... Carlos Drummond de Andrade... Fernando Pessoa... Fernando Sabino... Rubem Braga... Graciliano Ramos... etc... mas... esse manual também não funcionava ainda em termos estruturais... ou seja... a gramática... e as noções teóricas não emergiam TOTALMENTE do texto proposto... bem... houve um um outra etapa... da... da didática brasileira e esta veio... no Rio de Janeiro... eu estou falando em termos de Rio de Janeiro que é a realidade que eu conheço melhor... não posso

matéria a ser transmitida... então... este livro aqui... que... é da... Maria Gressi Milhão e Marisa Serrano Feseli... me afirma na página cinquenta e um... da oitava série... o seguinte... (inicia leitura do texto) "os modernistas da primeira fase... vão se importar APENAS com o significado... isto é... o conteúdo..." ((termina leitura do texto)) ponto... acabou a informação... então o que acontece... é que... se por um lado a Comunicação e a Expressão... ampliam a visão da língua... ou seja... a... questão de comunicação não está restrita ao código verbal... e isto é válido... e isto é desejável porque como diz o... o Samir... o... o Samir Curt Messerani... que é o autor de uma série didática chamada "Criatividade"... que eu acho excelente... visando ao ensino de redação... ele diz... não adianta nós lutarmos contra os meios de comunicação de massa... porque... se nós não o... os colocarmos nos livros... nós estaremos fora da realidade dos alunos... porque os... eles já entraram no aluno... não adianta afastar essa possibilidade... mas no momento em que nós ampliamos demais... né? nós corremos o risco... de dar informações deste tipo... quer dizer... ((cita texto ido)) "os modernistas da primeira fase se preocuparam apenas com o conteúdo... com o conteúdo da mensagem..." ((termina citação)) ora... o que acontece nestes livros de Comunicação e Expressão e no exame dos quinze livros... com... raras exceções... com três ou quatro exceções... o que me pareceu haver... é uma tremenda mistura de conceitos... ou seja... o professor começa... dando um conceito do que seja signo linguístico... por exemplo... bom... no capítulo seguinte... ele não... vai jogar com semântica... né? com... com as variações de significado ou de significado... no caso da fonética... não... ele passa pro conceito... por exemplo de sintagma... dois minutos depois ele me vem com função poética do Jakobson... né? ele me dá todas as cinco funções... bom... há uma mistura terrível de noções de teoria literária... com noções de linguística... porque o próximo capítulo é de modernismo... então ele me

Português... ou Língua Portuguesa... passa a se chamar... Comunicação e Expressão... então... a partir da Linguística... a partir de uma visão mais ampla... do que seja língua... do que seja cultura... né? nós temos uma modificação no ensino de Língua Portuguesa... o que fazem os livros? um dos... melhores e um dos principais... não sei se vocês conhecem... ((ruído)) é este aqui... desta série... da Maria Helena Silveira... vocês já devem ter entrado em contato... quem foi aluno de Maria Helena Silveira... ou mesmo quem não foi... me parece excelente... o que Maria Helena faz... ou seja... ela parte da comunicação em geral... ela parte... do código... linguístico mas também... focaliza outros meios de comunicação que não sejam... o da linguagem articulada... ou seja... a linguagem de trânsito por exemplo... ela utiliza onomatopéias e interjeições para introduzir... o código de linguagem articulada... e a partir daí ela entra no texto literário... e não só no literário... ela traz também textos de jornal... ela traz... textos... é... como linguagem de requerimento... por exemplo... ela traz a Declaração dos Direitos do Homem... ou seja diversas modalidades... de... linguagem... bom... mas ao lado deste bom livro de Maria Helena Silveira... há também o da Ada Rodrigues que é muito bom... aparecem livros... deste tipo... os livros... são muito coloridos... eles são muito... atrativos... e uma das críticas que o Osman Lins faz naquele artigo que eu já citei... o artigo se chama "O que os alunos desaprendem de literatura Brasileira..." uma das críticas que Osman Lins faz... é justamente... o fato de os alunos serem atraídos NÃO pelo... hábito de ler... NÃO... pelo texto em si... não pela língua que eles vão manipular... e que eles vão usar pela vida a fora e sim eles são atraídos pelo que é mais fácil... o que é mais digerível... ou seja... o alu/ o professor escolhe... o texto... porque o aluno... vai ficar satisfeito com aquele texto na medida em que ele conhece o Chico Anyasio vai trazer... mas nem sempre um trecho do Chico Anyasio vai trazer... elementos estéticos ou elementos literários pertinentes à

teoria literária... e... lingüística se misturam... semiologia e lingüística se misturam e o aluno acaba não sabendo o que fazer com tudo aquilo que ele aprendeu... então eu sugiro... quer dizer... um dos outros problemas é que... a redação... que é o principal e objetivo primeiro... do ensino do primeiro e segundo graus... tem sido marginalizada... né? vocês devem ter contato com alunos... né? em colégio está... em colégios estaduais e... e... mesmo... éh... particulares e também foram alunos de colégios... e sabem perfeitamente que são RARAS... as aulas dedicadas à redação... ou seja... o que acontece é que precisa haver uma nota de redação... geralmente de dois em dois meses o professor um dia chega em sala de aula e diz... redação... tema tal... o aluno senta e escreve... o professor dá uma nota... baseado normalmente em critérios formais... ou seja... ele corrige ortografia... sintaxe... morfologia e acabou a aula de redação... ele passa pra noções teóricas... então... nesse trabalho eu sugiro... um outro método... ou seja... primeiro... a primeira coisa... é óbvio... né? que tem de haver uma reforma... no sentido de que os professores sejam bem remunerados... porque com a remuneração que os professores recebem não é possível eles terem tempo para corrigir essas redações... para dar essas redações... para discutir o tema com os alunos... para motivar o aluno... tudo o que seria desejável... ele já não tem... porque o que acontece é que ele é mal remunerado... então ele dá trinta e cinco aulas por semana e mal tem tempo para chegar em casa e poder realmente... corrigir essas redações... bom... então a primeira sugestão é que o governo apóie... os professores... aumente a carga horária e a remuneração... em segundo lugar... que se... motive o aluno... ou seja... se proponha um tema que seja discutido em sala de... por exemplo... saiu um artigo no jornal interessante... de interesse geral... alguma coisa que possa despertar polémica... esses alunos debateriam numa aula... seriam duas aulas seguidas... debateriam o tema... um grupo iria discutir... discutir esse tema... e o resto da turma não participaria... e isso foi

280

285

290

295

300

305

310

afirma alguma coisa deste tipo que eu acabei de ler... então... o que acontece é que em vez de se ampliar... pertinentemente o âmbito do ensino... o que está ocorrendo nos nossos alunos é uma fragmentação do ensino... ou seja... ele perde a noção do todo... e fica com uma série... de aspectos teóricos... isolados... que ele não sabe vincular à realidade nenhuma de seu idioma... isto é válido também para a Faculdade de Letras... ou seja... né? há uma série... de conceitos teóricos... que têm nomes bonitos e sofisticados... mas que... na hora de serem empregados... deixam muito a desejar... eu não digo que nós não devamos... éh... estudar lingüística... não é esse o meu ponto de vista... eu acho... ao contrário... altamente pertinente — estudei lingüística nesta Faculdade e não faço outra coisa... durante a minha carreira... senão utilizar os conceitos de lingüística — mas não... a lingüística pela lingüística... ou seja... né? o aluno... apenas operar com o que seja um sintagma... então... por que que é importante a noção de seqüência e a noção de sintagma? por que que nós não vinculamos isso... à coordenação... e a subordinação... tradicionais? por que é que na hora que o professor... que vem... com um aparato... né? com livros coloridos... os livros cheios de imagens e fotografias... e ele motiva o aluno... de repente ele corta a sua aula... e diz... hoje nós vamos estudar orações... dois pontos... as orações se dividem em... coordenadas e subordinadas... as coordenadas podem ser... sindéticas e assindéticas... ou seja... ele quebra toda... a estrutura da língua... quando ele... chega em sala de aula... com um esquema pronto e lança isso... ao aluno... sem perguntar sequer ao aluno se o aluno sabe o que é uma subordinação... o que é uma coordenação... bom nesse ponto... nós vamos chegar a um ponto agora... eu ainda teria muito a dizer... sobre... o... os livros didáticos que me parecem... éh... bons na intenção... mas bastante deficientes na realização... éh... o que me parece que fica... em geral... a crítica geral que se pode fazer é esta... há uma mistura de conceitos... lingüística e gramática normativa se misturam...

245

250

255

260

265

270

275

320 Brasileiros que eu adotei... citando o grupo naturalmente... e achei muito boa... ou seja... na hora que um aluno... quer dar a sua opinião sobre o tema debatido... ele então... vai escrever a sua opinião... quer dizer... ele não... se permite que o aluno fale até determinado momento... quando ele está querendo participar... então o professor diz... não... escreva o que você está pensando... e... no início o critério de avaliação... poderá ser bastante flexível... ou seja... éh... nós vamos procurar... despertar no aluno uma capacidade de expor o conteúdo de uma maneira lógica... e com pertinência ao tema... a partir daí... num segundo estágio... nós poderemos colocar algumas questões de gramática e... o que eu achei excelente — isso também foi sugestão de outro grupo... não é sugestão minha — é que o... o... o grupo disse... nós não devemos corrigir... ou seja... pegar a redação e colocar a forma certa... nós devemos... assinalar o erro... colocar um número ao lado desse erro e o aluno... estaria de posse de uma apostila... de alguma coisa... um... um roteiro... em que os números corresponderiam aos erros... por exemplo... número um seria ortografia... então em vez de o professor riscar aqui o arbitrário com agá... o professor apenas sublinha o arbitrário e dá ao aluno as fontes onde ele pode encontrar essa palavra corretamente escrita... ou seja... um dicionário... então... número um seria ortografia... onde o aluno pode procurar a palavra correta? em um dicionário... então... o professor sugeriria um bom dicionário... né? que não se sugira o do MEC... que saiu agora uma reportagem contra do Silveira Bueno... né? que se sugira um outro... bem... em segundo lugar... por exemplo... o problema de concordância... então... número dois seria concordância... em vez de colocar a concordância correta... o professor colocaria a... fonte de pesquisa... ou seja... Evanildo Bechara... "Gramática da Língua Portuguesa"... Celso Cunha... "Gramática da Língua Portuguesa"... páginas tais e tais... onde o aluno poderia procurar... o que é concordância... então ele

355 começaria a... ter uma certa... noção... de que... a gramática serve pra aquilo que ele escreve e não só pra aquilo que o escritor escreve... ele não vai aprender a gramática como alguma coisa isolada... do contexto dele... aluno... e não do profes... do... do escritor... então ele iria à gramática... e tiraria dali as normas... isso seria dado em termos de trabalho de casa... ou seja... o aluno teria de trazer a sua redação corrigida por ele mesmo... com a forma correta após este aluno pesquisar... na fonte aquilo que ele errou... quer dizer... o professor não assume aí uma atitude paternalista de está errado e eu dou a forma certa... ele assume uma atitude de orientador da pesquisa... quer dizer... eu acho isso muito válido e muito eficaz em termos de ensino... e uma outra sugestão também é que... se faça... na Faculdade de Letras... além de um curso de redação... não do mesmo nível do primeiro e segundo graus... quer dizer... um curso... de dissertação propriamente dita... porque os alunos... pelo visto... não sabem... né? redigir... não sabem estruturar seu pensamento... porque ensinar... a escrever é ensinar a pensar... como diz o Olhon Moacyr Garcia... eles provavelmente não sabem nem pensar... então o curso... na Faculdade de Letras... poderia dar... essa orientação... ou seja... o professor daria princípios de lógica... cobraria do aluno uma certa pertinência ao te... ao tema proposto... daria uma redação... o próprio aluno pesquisaria... os problemas que essa redação apresentasse... e... ao lado disso... poderia haver um outro curso... e este curso eu acho que deveria ser optativo... que visasse mais a despertar a criatividade do aluno... ou seja... do estudante no caso... né? de nível universitário... ou seja... existem... éh... pessoas aqui que querem ser escritores... poetas... cronistas... contistas... etc... eles não recebem o menor apoio na Faculdade de Letras... eles não têm um curso dedicado a isso... então se houvesse... por exemplo... um curso optativo... né? porque nem todo mundo preende abraçar esta carreira... em que o... estudante pudesse treinar... exercitar esse seu talento... ou seja... ele

- 425 tomando alguma medida... para melhorar a condição dos professores e dos alunos... ele me disse... "absolutamente nenhuma... a medida... está tendo o maior apoio no vestibular... nós somos responsáveis pelo vestibular... mas com o primeiro e segundo graus nós não temos nada... e nós não vamos mexer nesse sistema..." ora... eu pergunto... a qualquer pessoa... daqui... vocês acham que um... um aluno que me frequenta o primeiro e segundo graus... de repente... no ano do vestibular... vai aprender a escrever? não há possibilidade... né? então vai ser tão ineficaz quanto... a solução de prova de cruzinhas... né? porque ele está colocado num fútil... ou seja... o aluno vem... e de repente se vê obrigado a escrever... escrever bem... escrever claramente... escrever corretamente... sem ter tido a menor... infra-estrutura para chegar a este ponto... bem... ele me disse que não se tomavam medidas neste nível... então eu desisti de discutir... achei que não valia a pena... comecei a examinar também... no trabalho... os livros adotados nos cursinhos... quer dizer... fora as apostilas... né... que são assim os macetes tradicionais... né? do vestibular... mas os livros... de vestibular... e os dois livros mais famosos são... o do Gualda Dantas... né? José Gualda Dantas... e do Celso Luft... muito bem... eu trouxe aqui alguns exemplos de exercícios... que esses livros apresentam... gostaria também de ler o objetivo do Gualda Dantas... e o que ele faz em termos de exercícios... aliás... eu não sei se eu vou escrever porque eu acho que não vai dar tempo... eu prefiro ler pra vocês rapidamente as palavras do próprio Gualda... na sua introdução... ele diz e seguinte... ((inicia leitura do texto)) * com base em textos apropriados e significativos... procura-se medir... não só conteúdos programáticos... mas ainda e sobretudo... capacidade de compreensão... análise... síntese... avaliação dos fatos lingüísticos presentes na comunicação... tendo isso em vista... atenuou-se a CARGA... de memorização... e a indagação a respeito de designações... terminologia...
- 430
- 435
- 440
- 445
- 450
- 455

- 390 escreveria crônicas... contos... poemas e um professor julgaria e a turma julgaria também... e haveria então uma coordenação entre as cadeiras de teoria literária... de lingüística e de língua portuguesa... para que os critérios de correção... pudessem ser pertinentes... não é? éh... a partir daí... também uma sugestão que eu dou no meu trabalho é que se promovam concursos na Faculdade de Letras... ou seja... estes alunos que criam... crônicas... ou contos ou... poemas ou... mesmo... romances... poderiam concorrer... a algum prêmio aqui dentro da Faculdade de Letras... isto seria apoiado pela direção... e nós poderíamos inclusive convidar escritores... e pessoas interessadas no assunto para julgarem estas obras... isso motivaria o aluno a escrever... mas acontece que... nós não temos essas condições e o que eu sugiro no meu trabalho... e a minha conclusão é a de que ensinar é saber lidar com o possível... ou seja... eu não pretendo aqui... uma reforma estrutural... básica do sistema... porque esta é desejável mas... no momento impossível e improvável... o que eu desejaria é que houvesse uma mudança... no próprio programa de Língua Portuguesa... da cadeira de que eu faço parte... esta... este problema de redação... deveria ser encarado no primeiro ano da faculdade... em que o aluno apresenta maior dificuldade de redigir... e este outro... de criatividade... seria então... éh... adiado para... os níveis profissionais... e dois... né? quando o aluno teria oportunidade de opção... agora rapidamente... que o... o tempo já está se esgotando... eu gostaria de falar de um problema que eu toco aqui no meu trabalho com alguma profundidade mas aqui eu vou ter que ser um pouco superficial... mas eu acho fundamental que se fale disso... agora... é o problema dos cursinhos... e do vestibular... bem... o diretor da Cesgranrio... veio... aqui o ano passado fazer uma conferência sobre o problema da redação no vestibular... ou seja... as vantagens... de se colocar a redação... a partir do ano que vem no vestibular... durante a sua conferência eu perguntei a ele... se paralelamente... o Governo estava
- 395
- 400
- 405
- 410
- 415
- 420

- 495 "chamam-te ilustre... chamam-te subida..." ou seja elogiam... embora sejas digna... né? de... difamações públicas... por exemplo... isto não foi dito... foi dito apenas... e exigido do aluno que ele saiba classificar a oração "sendo d'na de infames vitupérios..." então é óbvio que este aluno... aprende a ver a probabilidade maior de uma resposta correta... porque ele não está entendendo nada do que ele está lendo... né? que esse aluno — ih... agora eu caí pra um registro informal... né? — ele está... fazendo este exercício pra chegar a esta sintaxe que eu escrevi aqui... porque quando ele faz aquele tipo de exercício... ele só pode escrever deste modo... na minha opinião... de modo que... o que eu proponho e vocês que estão saindo da Faculdade de Letras — eu nem sabia que eu ia falar a vocês... eu pensei que eu ia falar pra meus colegas... quer dizer eu tive que mudar um pouco o tom e mudar... toda a idéia inicial... mas isso não tem importância... e vocês estão saindo da Faculdade de Letras e eu peço a vocês que... revejam tudo aquilo que vocês aprenderam e... se vocês não aprenderam... que vocês aprendam autodiagnosticamente... porque isto funciona... também... que vocês leiam a gramática normativa... e leiam também... os princípios de lingüística... e saibam tirar aquilo que é essencial... aquilo que é realmente necessário... para o aluno... mostrem ao aluno que quando ele pega um texto e faz a análise sintática... ele não deve... absolutamente achar que gramática é uma coisa e língua é outra... comecem... da própria redação do aluno... mostrem a ele a necessidade de ele entender... o porque daquela frase dele... em todas as resenhas que eu corrigi desse primeiro ano... eu coloquei... "faça uma análise sintática do seu período"... porque há vários períodos de subordinadas sem principal... então... a partir daí... pode ser que o aluno comecem... a vincular aquilo que seja estrutura do idioma... não só em termos de gramática normativa... com... a realidade que ele fala e escreve... porque na realidade o que ele faz não é absolutamente... utilizar os conceitos de gramática... ele continua a falar na gíria dele... no no...

- 460 morfologia e fonética..." ((termina leitura primeiro parágrafo)) atenuou-se a carga... dentro do seu livro... ((reíncia leitura do texto)) "assim... este programa... não objetiva que o candidato armazene conhecimentos especializados dos principais centros de interesse do idioma... mas refina condições... que provem... sua capacidade de entendimento... e expressão... ou seja... revele domínio... efetivo do idioma... sistema de regras... que permite gerar e interpretar... frases..." ((termina leitura do texto)) e ele... entre muitos... me... me dá o seguinte exercício... ((reíncia leitura)) "assinale a forma correta... precavenha... entreviu... entretesse... precavesse... manteram... ((termina leitura)) então eu pergunto... aonde está... esta visão estrutural do idioma? aonde está esta carga de memorização atenuada... que ele prega no seu prefácio? o que ele faz aqui... é colocar quatro formas erradas e uma certa... ou seja... a probabilidade é de o aluno gravar a forma errada... porque ele lê... quantitativamente quatro formas... e tem que saber que uma está certa... então a probabilidade é de ele gravar a forma errada... não a certa... ele vai... continuar... a dizer precavenha... ele vai continuar a dizer manteram... porque... este exercício é fragmentário... e não leva a estrutura nenhuma... do mesmo Gualda... aliás... este aqui eu acho que é do Celso Luft... diz o seguinte... ((inicia leitura)) "assinale a classificação da oração subordinada adverbial em... 'chamam-te ilustre... chamam-te subida'... éh... —que mais... hem...? — 'chamam-te subida... sendo d'na de infames vitupérios...' Camões ((termina leitura)) em vez de ele me perguntar ao aluno se ele entendeu o que ele leu... se ele sabe o que é vitupério... se ele sabe o que é d'na... se ele sabe o que que é subida... se ele entendeu... enfim... a frase... ele me dá as seguintes... as seguintes opções... ((reíncia leitura)) "causal... condicional... modal... concessiva... conformativa..." ((termina leitura)) e o aluno tem que saber que é concessiva... né? então... não se perguntou... o que é uma concessão... o professor não chegou e disse... ah...

registro informal e... quando escreve alguma coisa... ele tem sempre medo... ele acha que aquilo não está correto e acaba cometendo mesmo... ultracorreções... ou seja... coloca formas que estão incorretas mas que ele pensa que estão corretas... porque... ele é sempre corrigido quando ele diz "me dá um livro" e... o professor — antequando... naturalmente... porque o de hoje em dia nunca faria isso — diz a ele "não se começa frase com pronome átono"... então aparece na redação e aparece na resenha dos meus alunos da Faculdade um ... verbo desse tipo... "poderia-se"... ham? porque ele foi tão corrigido... porque ele nunca podia usar a próclise... né? ele não podia dizer "me dá o livro"... então acha que quando ele escreve... ele tem de usar a ênclise... então... ele nunca... usou a mesóclise... que realmente... não é de... de uso corrente... e muito menos pensaria... que se ele colocasse "ele" ou "ela se poderia transformar"... isto estaria correto porque há um sujeito antes... há uma palavra que permite a próclise... mas ele acha que a próclise por princípio está errada... porque a ênclise é mais certa... e me comete um erro desse tipo... né? a mesóclise realmente é muito pouco usada... embora em registros formais... em conferências... em... requerimentos a gente ainda use... mas pelo menos a próclise correta... ou seja... ele passa a usar uma linguagem do século dezoito... né? porque a ênclise... ao futuro só se deu no século dezoito... então... de tudo — e eu já estou passando da hora — de tudo eu só queria deixar a sugestão pra que vocês no nível médio procurem fazer a gramática... os conceitos normativos emergirem do próprio texto do aluno... que vocês não isolem... uma realidade da outra... e... dentro da Faculdade de Letras... no que for possível... nós estaremos aqui pra transformar aquilo que for transformável... tá? ((palmas))

48

PROJETO NURC/RJ
INQUÉRITO 364 - BOBINA 119 - INFORMANTE 446
Tipo de entrevista: elocução formal (EF)
Duração: 55 minutos.
Data do registro: 25/11/77
Tema: A empresa (aula de organização e métodos)
Informante: sexo masculino, 41 anos, formação universitária: Administração de empresas, carioca, filho de pais cariocas, área residencial: Zona Sul.

1 Inf: eu vou passar a chamar vocês pelo nome todo pra identificar... tá bom? ((vozes)) e tá todo mundo proibido de dizer não sei... hein?

5 AL: eu sei... eu sei... eu sei...
Inf: é? ((risos)) bem... na aula passada nós analisávamos a parte concernente à figura do administrador... o PORQUÊ dos administradores... e o que era preciso para ser um administrador... então... nós tivemos oportunidade de verificar... que há uma distinção hoje... bastante acentuada... entre a figura do PROPRIETÁRIO e a figura... há... gerencial... não significa que o proprietário não... POSSA administrar a sua empresa... mas ele deve administrá-la de acordo COM técnicas gerenciais... portanto... dentro duma área de estudo... em que... TODA a ciência da administração seja efetivamente... APLICADA... e que a ênfase que nós procurávamos dar... ao... TRABALHO organizativo seria muito mais da responsabilidade da contribuição do administrador... do que... efetivamente... do PODER e da autoridade que ele detém... e verificávamos... inclusive... que o TRABALHO é conjunto e não isolado... conseqüentemente... a precípua função da administração... é... exatamente... formar uma equipe... através de... há... uma... permanente pesquisa em BÚSCA de... homens capazes... de... formando uma equipe... levar uma empresa a atingir os seus reais objetivos... e eu perguntaria a vocês o

49

30 seguinte... esse tipo... de busca... de pesquisa... a formação da equipe... e aquelas cinco funções que nós analisávamos... de estabelecer objetivos... de motivar e transmitir... de avaliar pessoas... de formando pessoas... formando... também... um processo... analítico... dentro da empresa... eu perguntaria a vocês.. esse método se aplica... se APLICA a qualquer tamanho de empresa ou apenas a... uma empresa de grande porte? isto é... o formar pessoas... o formar EQUIPE... o desenvolver esse trabalho... tem que ser feito em todos os níveis da administração... e em todos... em todos os tipos de empresa... não importa a dimensão da empresa... seja ela pequena... seja ela rudimentar... seja ela de médio porte... grande porte ou... ainda... a empresa... há... de grande porte? esse método de formar equipe se aplica a todo mundo ou não... Irlanda?

40 AL: eu acho que sim... porque para qualquer ne/ para qualquer tamanho de empresa... se não houver uma equipe... se não houver organização... se não houver e... essas pessoas pra... juntas... para obter uma determinada tarefa... para obter um determinado objetivo... acho que em qualquer empresa... tanto de pequeno porte... porque por menor... numa de pequeno porte... a equipe vai ser menor... é lógico... vai ser mais fácil... numa de médio porte... vai ser uma profissional...

50 Inf: então... em todas as... eh... empresas... não importa a sua dimensão... você considera que é indispensável que aquele elemento forme uma equipe... mas uma empresa rudimentar... ela é uma empresa que não tem um corpo administrativo...

55 AL: sim... mas o que eu falei é que seja PROPORCIONAL... a empresa rudimentar pede que... o dono pode ser o... Inf: é... é... AL: o dono é... é o administrador... Inf: é quem tá gerindo a empresa... AL: é quem tá gerindo... então aí... o negócio já é... já é menor... mas ele não deixa de se encontrar com as outras pessoas...

65 também da sua empresa pra levar o negócio adiante... se nós temos... então... que formar equipe... em diversos níveis... não importa a dimensão de uma empresa... é indispensável que se saiba... a MANEIRA pela qual nós vamos formar essa equipe... da busca do homem... do indivíduo... o que nós temos que verificar são... as... funções que esses homens irão desempenhar... portanto... é indispensável... que nós... há... retornemos aquele ponto... já abordado aqui... anteriormente... da avaliação... de cargos e funções... por que razão? porque as pessoas... que nós vamos contratar... as pessoas... que irão ocupar cargos... e desempenhar funções... e tem que haver um perfeito AJUSTAMENTO... entre a organização humana... e a organização estrutural... e a organização... portanto... que nós vamos há... criar para a empresa... que nós vamos desenvolver na empresa... é lógico que numa empresa rudimentar... o tipo de TAREFA... o tipo de função desempenhada... será bem diferente que numa empresa multinacional... por outro lado... aquele homem... que faz a SELEÇÃO da... é... das pessoas... que atribui tarefas a cada uma das funções... ele tem uma visão inteiramente diferente... a visão limitada e limitativa que a própria empresa rudimentar exige... e a função... ou... e a visão muito mais AMPLA... muito mais TÉCNICA... de muito mais CONTEÚDO... que uma empresa de grande porte... de mul/ ou uma empresa multinacional... efetivamente vai exigir... há... de todos os seus administradores... bom... nós falamos até aqui... em critérios concernentes à... avaliação de... empresa rudimentar... e empresa... há... de pequeno porte... médio porte e grande porte... nós temos que saber... agora... quais os critérios que nós vamos adotar para a análise desta dimensão da empresa... bem... primeiro nós... nós... (ruidos) como vai ser analisado o critério para o... quais seriam os critérios para se verificar... se uma empresa é pequena... se uma empresa... há... de

135 Inf: então... a empresa de... há... grande porte e de multinacional
seria a empresa que... há... seria dirigida por pessoas... não
proprietários e donos...

AL: enquanto que as outras seriam as empresas dirigidas pelos
seus donos... Alcides... que que (vo)ê acha?

140 AL: ah... pode ser pelo montante de capital que a empresa tem...
ch... se poderia dizer de nível da departamentalização...

Inf: pelo nível de departamentalização... que mais?

AL: se é uma empresa de grande porte... ela deve ter muitos
departamentos... né?

145 Inf: uma empresa de grande porte teria muitos departamentos...
uma empresa de pequeno porte teria poucos departamentos?

AL: é... eu acho que sim... ela não tem muitos recursos pra muitos
departamentos...

150 AL: não... [

AL: também não há necessidade...

Inf: que que você acha?

AL: acho que aí... depende do que a empresa faz... quer dizer...
qual é o objetivo da empresa... entendeu? se ela é uma
empresa com estrutura... sem ter precisado de departamentos
especializados naquilo... você entende o que eu quero falar?
não tô sabendo explicar... [

155

160 Inf: tô entendendo...

AL: direito... é mais ou menos isso...

Inf: que que você acha... Frederico?

AL: eu não acho...

Inf: você não acha? ((risos))

165 AL: depende da estrutura dela...

Inf: depende da estrutura?

AL: da necessidade...

Inf: nós estamos partindo do pressuposto... até agora... que o
Alcides dizia... que a estrutura da empresa não é perfeita... é
possível... entretanto... nós não podemos esquecer... que eu

170

53

grande porte... e se uma empresa é rudimentar? Frederico...

100 como é que você... verifica se uma empresa é de pequeno
porte... se uma empresa é de grande porte?

AL: verifico?

Inf: é... quando é que você acha que uma empresa é de pequeno
porte ou de grande porte?

105 AL: quando ela não tá mais como empresa de pequeno porte... eu
acho... é quando ela não tá mais controlada pelo
proprietário...

Inf: você acha que uma empresa de grande porte é uma empresa
que não é controlada pelo proprietário?

110 AL: é... porque a autoridade é ultradividida... há uma hierarquia
enorme () vai subindo até chegar ao... ao cara... entendeu?
não sei... uma de pequeno acho que é... acho que é bem
controlado pelo proprietário...

Inf: eu perguntaria a você o seguinte... e o exemplo da Ford? a
Ford era uma empresa de grande porte que tinha um controle
autoCRATA... do seu dirigente...

115 AL: mas... só que a Ford é uma família... não é uma família? Não
era um homem da Ford?

Inf: mas... inicialmente... era um homem só... Henry Ford... que
controlava...

120 AL: mas há quanto tempo... atrás?

Inf: já há bastante tempo atrás... uns trinta anos atrás...

AL: () teve espaço para crescer bastante... hoje em dia é um
negócio enorme... é uma multinacional... quer dizer... hoje
em dia é im/ é impossível...

125 Inf: então... você... ch... faria a seguinte distinção... as empresas...
de grande porte e multinacional seriam empresas
controladas... ch... por diversas pessoas...

AL: é...

130 Inf: enquanto que a empresa rudimentar até a empresa de médio
porte seria a empresa de... há... a empresa... de...
controlada...

AL: pelo gerente... () quer dizer... pelo gerente não... ((vozes e
ruidos))

52

tenho uma estrutura que pode ser superdimensionada... eu posso olhar para uma empresa e considerar que essa empresa... pelo número de empregados que tem... pela departamentalização que possui... ela é uma empresa multinacional... vamos a um exemplo prático... a empresa... a Rede Ferroviária Federal... é a empresa... no Brasil... com o maior número de empregados... ela tem cento e cinquenta mil empregados... consequentemente... dentro da divisão que você está atribuindo... embora o critério também seja válido... essa empresa seria uma das maiores empresas do mundo... por quê? porque o seu nível de departamentalização é muito grande... é muito maior do que... por exemplo... a da Volkswagen... esse é um critério válido... MAS... nós não podemos considerar... apenas... este... há... critério como único... para se distinguir se uma empresa é rudimentar... pequeno porte... médio porte... grande porte... etc... o grande... a grande dificuldade que nós vamos encontrar sempre é situar a posição da empresa... por que razão? porque eu hoje tenho... mais ou menos como um esquema consagrado... que as empresas se dividem... em rudimentar... pequena... médio... grande porte... e uma empresa... há... a qual será multinacional ou transnacional... mas o fato... é que eu tenho... pequenas empresas... que são... ainda dentro da categoria de pequenas empresas... elas são um pouco maiores que as suas companhias... eu posso ter pequenas empresas de diversas dimensões... eu perguntaria... assim... a vocês... há... um exemplo comparativo... até que idade vai a primeira infância? cinco anos? mais ou menos? e a segunda infância até que idade?

- 200 AL: oito...
 Inf: oito? e aí começaria a adolescência? (vozes misturadas em discussão) hein? até quinze anos?
 AL: não... a adolescência começa com doze anos...
 AL: não... a adolescência começa com doze... treze...
 AL: é...
 Inf: você acha que começa com que idade... Fred... com quinze?

54

- 210 AL: a adolescência? (vozes) É...
 Inf: uns quinze anos?
 AL: catorze...
 Inf: e terminaria com que idade?
 AL: ((vozes)) dezoito... ((vozes)) vinte e um... ((vozes))
 Inf: vinte e um...
 AL: vinte e um... a maioridade... não é isso?
 Inf: sim... só a maioridade... a maioridade...
 215 AL: a adolescência com doze e a maioridade com vinte e um...
 Inf: então... você consideraria... que vocês... de uma certa forma... que até cinco anos... seria a primeira infância... a segunda infância até os doze... a adolescência de doze... até que idade?
 220 AL: vinte...
 Inf: vinte... vinte ou vinte e um... começaria... aí... a juventude ((vozes))... que iria... mais ou menos... até que idade? ((vozes))
 AL: depende... depende da pessoa... acho que...
 225 Inf: sim... até que idade... mais ou menos?
 AL: uns trinta...
 Inf: até uns trinta... aí começaria a idade madura ((vozes))... pra depois chegar à velhice... até que idade vocês considerariam... a idade madura e... depois... há...
 230 consideraria... que o homem... atingiu a sua...
 AL: sessenta...
 Inf: faixa?
 AL: cinquenta e cinco... sessenta...
 Inf: cinquenta e cinco... sessenta... muito bem... e... a partir... então... de sessenta seria a velhice... é um critério... que vocês adotaram... baseado em quê... esse critério? numa análise que vocês fazem... numa análise... pessoal... sem nenhum dado científico... vamos admitir que esse critério... que vocês adotam... esteja certo... esse critério se assemelha... mais ou menos... ao critério que nós encontramos... em termos de... há... tamanho de uma empresa... a rudimentar seria... assim... a de primeira

55

280 médio porte... médias empresas de médio porte... e grandes empresas de médio porte... eu vou... portanto... criando uma subdivisão... a cada etapa desse processo... o comportamento vai se alterando... vai se modificando...

AL: a pequena entra na lista... né... então... a pequena é dividida em pequena... média...

285 Inf: média da pequena e grande da pequena... e essas subdivisões... seriam... há... sempre acrescentadas... se desmembrariam... por isso... nós temos que adotar um determinado... critério... o grande problema que nós vamos nos defrontar... ao analisar cada uma dessas empresas... é exatamente a sua passagem... da mesma maneira que você tem dificuldade em dizer se... há... o adolescente... eh... com doze anos... já tinha terminado a sua infância e portanto lava entrando na adolescência... também nós... da empresa... temos dificuldade de verificar se uma empresa... já deixou de ser pequena e passou a ser média... por que razão? porque o jovem... não... dorme e... o dia seguinte... ele acorda adolescente... o processo é muito lento... ninguém... eh... dorme... eh... num dia... e no dia seguinte diz assim... "agora sou adolescente" ou "agora... nesse instante... terminou minha adolescência"... não dá pra você... eh... verificar isso... é um processo lento... da mesma forma... o presidente de uma empresa não chega... um determinado DIA... pela manhã... e declara à sua empresa... "HOJE nós não somos mais de pequeno porte... a partir de agora nós vamos ser uma empresa de médio porte"... mas por que que isso é importante pra nós? porque a maneira de dirigir a empresa... de organizar a empresa... de conduzi-la... vai ser diferente... a empresa de pequeno porte tem que ser conduzida e organizada e estruturada... de forma inteiramente diferente da empresa de médio porte... então... vai ser indispensável que aquele elemento tenha uma visão do momento... uma visão da situação... ele precisa saber se a empresa dele é pequena... média ou grande... é por isso que nós nos preocupamos em situar a empresa... e você falava agora

57

245 infância... a pequena empresa seria de segunda infância... a empresa... eh... de médio porte... há... porte seria aquela empresa em plena adolescência... a de grande porte a empresa na idade... há... madura e... assim... a multinacional... a empresa... quer dizer... a média empresa a idade jovem e a multinacional... a idade madura e por diante... muito bem... ACONTECE... que... mesmo adotando esse critério... vamos pegar aqui... a faixa que vocês consideraram adolescente... eu perguntaria a vocês... um jovem ou uma jovem de doze anos... ela tem o mesmo comportamento de uma outra de vinte? tão todas as duas na adolescência... o comportamento é diferente... por que que o comportamento é diferente? ((vozes))

255 AL: porque uma ainda tá mais perto da segunda infância e a outra já tá tangente com a... ()

Inf: então... o que que isso traz em termos de... há... comportamento pessoal?

260 AL: doze e vinte são quase que dois extremos diferentes... por que doze e vinte são quase que dois extremos diferentes... de doze anos razão? porque as necessidades... daquela outra... de vinte anos... são... inteiramente diversas... as suas necessidades... o seu a sua maneira de agir... as suas necessidades... os seus comportamento... a sua forma de se expressar... os seus valores... são diferentes... é a mesma coisa que ocorre em termos de uma empresa... a empresa pode ser de médio porte... mas ela ter doze anos... tá no início da sua adolescência... enquanto que... uma outra empresa... que ainda é de médio porte... ela já terá maior amadurecimento... já terá... portanto... uma outra estrutura... já terá um outro tipo de comportamento e... consequentemente... outras necessidades... portanto... quando nós ROTULAMOS as empresas de rudimentar... pequena... média... grande e multinacional... nós não podemos nos esquecer... de que... embora... rotulando-as... por uma questão de análise... de estudo... nós vamos verificar que teremos... dentro da... dimensão de médio porte... eu terei... pequenas empresas de

56

315

mesmo... "depende... algumas crianças atingem a adolescência mais cedo... outras atingem mais tarde" ... mesmo adotando esse critério... que nós... aceitamos aqui... de que doze se começa a adolescência... é possível que... mesmo nessa sala... muitos de vocês tenham chegado à adolescência um pouco mais cedo... ou talvez... um pouco mais tarde... e tem gente que fica eternamente na adolescência... tem gente com quarenta anos que não se assumiu ainda a sua idade... o seu comportamento... é continua eternamente adolescente... como vai ter EMPRESAS que... eternamente... vão ser empresas de pequeno ou de médio porte... não terão... inclusive... coragem de dar um novo passo... sair... de uma estrutura e mudar... o grande problema que nós analisávamos... que ocorreu com a Ford... foi exatamente pela falta de visão... do seu dirigente... QUANDO... ele já possuía... dirigia uma empresa de grande porte... mas ele a dirigia como se fosse uma empresa de pequeno porte... um homem genial... com uma capacidade excepcional... que não teve a sensibilidade de perceber... que a dimensão da empresa estava se modificando... a empresa era de grande porte e tinha que... ser organizada de forma diferente... e ele ainda usava... os métodos concernentes a uma empresa pequena... e... por isso... ela apresentou... durante quinze anos... resultados profundamente negativos... qual era a sua pergunta?

340 AL: você já respond/ já...

Inf: já respondi?

AL: posso fazer uma pergunta? você disse... uma vez... em aulas passadas... que...

Inf: hein?

AL: a empresa... querendo ou não... ela tinha que crescer...

Inf: não... eu não... eu acho que não disse isso... não... ou... se eu disse... me enganei ou... ou não soube me expressar... uma empresa... mesmo que ela não queira... ela vai crescer?

AL: é... mesmo... porque essa empresa pode ser mínima... mas ela tem que crescer...

350

58

Inf: ela terá que crescer...

AL: uma opção dessa empresa...

Inf: ela terá que crescer... eu me recordo de ter comentado isso com vocês... por uma questão de sobrevivência... ainda mais uma empresa... em que... participa-se... há... de três por cento no mercado... a sua participação no mercado... seja de fabricação... seja de vendas... é de três por cento... agora... se esse mercado... a tendência populacional... é... é elevada... é de crescimento elevado... se o poder aquisitivo é maior... se ela não acompanhar pelo menos o crescimento da população... ela... daqui a algum tempo... daqui a cinco anos ela não terá mais três por cento... ela terá um e meio... ((vozes)) então... o crescimento do mercado... porque se ela não o acompanhar... daqui a pouco ela vai morrer... ela vai desaparecer... mas o crescer... aqui... significa uma coisa um pouco diferente... é você sair de uma estrutura e passar pra outra... é você sair de adolescente e chegar a um homem maduro... você pode não querer se... assumir isso... há algumas empresas que não aceitam a mudança da sua... há... posição... vamos... também... a um exemplo prático... o caso do Bob's... o Bob's era uma empresa de que tamanho? vocês acham que o Bob's... aqui... do Rio de Janeiro...

AL: médio porte...

Inf: era... mais ou menos... de que dimensão? ((vozes misturadas))

AL: pequeno...

AL: pequeno porte...

AL: pequeno não... grande...

AL: era?

Inf: era...

AL: em comparação com a empresa brasileira era de médio porte... ainda é... no caso...

AL: pequeno...

AL: médio...

59

- 425 administração de porte... há... intermediário... de nível intermediário... portanto... uma administração... aqui... que seia a... há... o elo de ligação entre já e a administração superior... que vamos chamar de ordem direta ou administração de nível inferior... pra isso... era preciso delegar autoridades e os seus dirigentes não quiseram... eles acharam que... preferiam manter aquela pequena estrutura... porque não queriam perder o controle da empresa... eles consideravam que... o processo de delegação de autoridades significaria a possibilidade de outras pessoas... que não sócias- proprietárias... portanto a FAMÍLIA... dirigisse o negócio...
- 430 AL: mas isso é uma mentalidade muito limitada para um empresário...
- Inf: se é... era uma questão de opção... pretendiam permanecer nessa posição... acontece que aí... vem uma empresa maior vem uma empresa multinacional e chega... e conVIDA... aquela empresa de pequeno porte a... uma negociação... e pergunta... "(vo)çê tem interesse em vender o negócio?" e... normalmente... a empresa de pequeno porte diz: "não... não quero vender o negócio"... "mas... como? mas nós queremos comprar"... começa ali... uma fase de negociação... uma fase de barganha e... depois... uma fase de pressão... a multinacional acaba... finalmente... chegando para a pequena empresa e dizendo o seguinte... "eu vou entrar nesse negócio... se você não me vender... eu tenho poder... eu tenho estrutura... eu tenho... há... recursos pra montar um negócio igual ao seu... e posso concorrer com você com muito mais "know how"... com muito mais conhecimento... com muito mais recurso... posso concorrer com você e te derrotar... então... a proposta que eu faço é a seguinte... ou você me vende o negócio... pra mim é melhor... ou eu vou instalar... há... uma... pequena empresa... com os meus recursos... e acabo com você"... diz a Irlana... aqui do lado... "é chantagem"... não é?
- 435 AL: não é questão de ser chantagem...

- Inf: era de médio porte? não... uma empresa... o Bob's era uma empresa de pequeno porte...
- 390 AL: dentro de pequeno porte... ela era maior...
- Inf: embora... dentro do ramo... ela fosse... é... é a melhor e a maior... era uma empresa de pequeno porte... mas chegou um determinado momento... há... no ano passado... EM QUE... a sua administração se defrontou com um problema muito grave... ou a empresa abandonava a sua estrutura de pequeno porte... e passava a ser uma empresa de médio porte... ou... então... essa empresa... ia acabar desaparecendo... por que razão? porque ela possuía uma administração muito pequena... o controle... era o controle... feito... diretamente... pelo seu proprietário- presidente... a empresa tinha três ou quatro pessoas na sua direção e... aproximadamente... dezoito... há... filiais... onde... gerentes... empregados chamados de gerentes... tinham uma determinada função... mas não tinham uma autonomia gerencial... era apenas... o chefe daquele setor... o gerente é muito mais do que um simples chefe... ele tem uma autonomia... administrativa... ele tem uma... há... delegação de autoridade... e... portanto... ele tem uma parcela de poder... coisa que... em relação às lojas do Bob's... isso não existia... porque o gerente... apenas... era o encarregado do cumprimento das tarefas... ele não podia admitir ninguém... o critério de admissão... de seleção... de promoção de pessoal... não era dele... ele não tomava... nenhuma... há... deliberação importante... não tinha nenhuma iniciativa... ele... apenas... controlava... as tarefas... previamente fixadas... o que aconteceu com o Bob's? ele foi crescendo e... num determinado momento... ele paralisou... estacionou... por que que ele estacionou? porque para crescer mais do que isso... era preciso... criar uma nova estrutura... se o Bob/ Bob's pretendesse ampliar a sua área de atuação no estado do Rio... chegar a São Paulo... portanto ampliar a sua participação no mercado... não eram três ou quatro pessoas que poderiam continuar dirigindo... era preciso produzir aqui... neste nível... uma... há... direção intermediária... uma
- 395
- 400
- 405
- 410
- 415
- 420

moderno... o Rick veio com uma promoção... uma propaganda... tanto assim que o Bob's... logo depois... foi obrigado a se ajustar à nova realidade... ele não fazia propaganda... não... nos rádios... ele nunca fez propaganda em qualquer veículo... passou a fazer... há... o Bob's limitava-se a vender seus próprios artigos... ((vozes)) o Rick começou a vender artigos... há... refrigerantes de outras empresas... o Bob's foi obrigado... também... vender Coca-cola... vender o... guaraná... outros refrigerantes... por quê? porque a concorrência começou a ser maior... mais acirrada... se tornou a competição... com isso... ele foi obrigado a... se adaptar ligeiramente às novas realidades... mas percebeu que a sua forma de organização tinha que ser alterada... nesse momento... as multinacionais começaram a... perceber que esse tipo de mercado ainda estava praticamente inexplorado... e elas começaram a entrar no mercado... e a Nestlé acaba entrando no mercado... e o Bob's... então... é vendido... eu dizia a vocês... a posição da multinacional... nem sempre é tão... ch... radical... por que que nem sempre ela é tão radical? embora ela tenha recursos... estrutura... organização... a proposta dela... não é... apenas... assim: "ou você me vende o negócio... ou eu... há... te derrubo" ... normalmente... ela chega... para... o pequeno... empresário e pergunta a ele se ele quer vender... ele diz que não... aí... ela começa a mostrar a ele a verdadeira realidade... diz o seguinte... "você... aqui... é pequeno... QUANTOS ANOS você vai levar... dentro do seu planejamento... por mais otimista que ele seja... pra se transformar... numa empresa de grande porte? será que você vai chegar a uma empresa de grande porte? quanto tempo você vai precisar pra chegar a esse tamanho? isto é... você pode vencer da... toda a etapa da adolescência e chegar direto da infância à idade madura...

AL: rapidamente...

Inf: rapidamente? ((vozes misturadas)) é um processo lento...

530 AL: pode ser mais rápido do que outras pessoas... né?

Inf: pode ser mais rápido do que outras pessoas... sem dúvida...

63

460 Inf: mas... não é... é chantagem... mas não é um direito dele também?

AL: se ele quer... de qualquer maneira... comprar... é um direito dele...

Inf: ele não é... não tem direito de instalar alguma empresa?

465 AL: ah... tem todo direito... ninguém vai poder mandar ele embora...

Inf: não resta dúvida que o tipo de negociação não é muito ético... mas ocorre... pode-se dizer até que ele... não digo imoral... mas seria amoral... isso vai... realmente ocorrer... que que fez o Bob's? vendeu a empresa pra Nestlé... a Nestlé... o ano passado... comprou... o que que normalmente fazem as multinacionais quando elas não agiam... por este tipo de negociação? a multinacional não utiliza esse recurso assim tão radical como eu... quando eu tava expondo...

475 AL: mas foi isso que aconteceu... não foi... com o Bob's? Inf: foi... o Bob's não se interessava mais... não queriam crescer... e eles perceberam o seguinte... qual era... quais as alternativas que possuíam? ou cresciam... ou ficavam parados... e sofriam a concorrência e a competição... ou... vendiam a empresa... venderam... optaram pela terceira alternativa... ainda mais que já tinham tido uma experiência... que é a concorrência que os abalou... que foi a implantação da cadeia... eh... de lanchonetes do Rick... o Rick... abalou o Bob's... o Bob's estava tranqüilo no mercado... numa posição... há... absolutamente segura... por que que o Rick não cresceu? o Rick não cresceu... ou melhor... por que que o Rick não vingou? ele não vingou porque cresceu rápido demais... também assunto que nós já debatemos em aulas anteriores... o crescimento muito rápido da empresa pode fazer com que ESTRUTURA... com que foi criada... não seja adequada... e isso se torna bastante perigoso... então... vejam bem... há... o Rick concorreu e competiu com o Bob's e retirou uma parte da clientela... a imagem do Bob's ficou sendo... assim... de uma empresa... há... de uma organização um pouco antiquada... o Rick era

62

AL: mas tem um limite...
 Inf: mas ele tem um limite... qual é o tempo? vinte anos... trinta anos... cinquenta? será que chegarei?

535 AL: será que chegará?

Inf: aí... que entra a multinacional e diz assim... "olha... eu... faço um negócio com você... você é uma pessoa capaz... você montou a sua empresa... ela tá funcionando bem... você teve muito sucesso... mas você vai levar vinte ou trinta anos pra realizar os seus sonhos... pra re/ atingir os objetivos... que você mesmo fixou... eu te proponho o seguinte... eu compro PARTE da empresa... cinquenta e um por cento das ações da empresa e você continua com quarenta e nove por cento das ações... e faço mais... você continua dirigindo a empresa e eu dou... a você os recursos que você precisa... a tecnologia... tudo que você quer... para... diminuir essa... esse tempo... a defasagem vai ser muito menor"... cap/ qual será a resposta da pequena empresa?

545

AL: aceita...

550 Inf: por que aceita?

AL: porque é um pouquinho tentadora... a proposta... né?

Inf: porque a proposta é tentadora... é... acima de tentadora... é a única alternativa que te resta... porque senão ele... vai acabar... a... a multinacional acabará por montar uma grande empresa...

555

AL: foi isso que aconteceu com o Bob's?

Inf: não... o Bob's... não... o Bob's vendeu totalmente...

AL: mas foi assim... foi assim que aconteceu?

Inf: mas por que que as multinacionais agem assim? porque

interessa também a ela... manter uma equipe que tá dando

560

certo... por que que eu vou... se sou... se... há...

multinacional... por que que eu faria... há... o treinamento do pessoal... implantar um negócio... procurar gente? então... eu vou deixar... a direção daquele negócio com as pessoas que... efetivamente são capazes... porque já conhecem o mercado... cresceram com a empresa... dou... portanto... uma associação a essas... empresas... dou uma associação... a essas... há...

565

organização... que tá crescendo... e... dou ainda uma perspectiva muito maior... uma perspectiva muito melhor... por quê? porque esse indivíduo... esse presidente... esse dono da pequena empresa... que esTÁ... há... sonhando

570

dessejando... querendo atingir a uma... empresa... há... a um tamanho... que ele sabe que ele vai levar de vinte a trinta anos... ele passa a se incorporar a um grande negócio... a sua ambição é imediatamente despertada... ele poderia ser presidente... daquela empresa... mas... se ele for um sujeito muito bom... ele será o presidente dessa empresa durante uma temporada... mas ele terá ainda uma escalada pela frente... ele tem um caminho enorme e... daqui a pouco...

575

ele... dentro da multinacional... ele passa a galgar outros postos... outros níveis mais elevados... então... é óbvio... que a proposta passa... a ser tentadora... e pra multinacional também é um bom negócio... por quê? porque... ela entrega a direção a quem realmente... está APTO a exercê-la... para aquele pequeno... há... empresário também é um bom negócio... porque... ele ficar com quarenta e nove por cento das ações... e o crescimento... a valorização do negócio dele representa... também... o ganho... a s/ valorização do seu próprio negócio... do seu próprio dinheiro... do seu próprio investimento... ele vai continuar fazendo tudo com a mesma dedicação... porque é o dinheiro DELE que tá ali... é o

585

negócio DELE que vai crescendo... pronto... Fred... () AL: então... o poder final desse pequeno fica na mão da multinacional...

590

Inf: claro que o poder...

595 AL: ah... não...

AL: o quê... hein?

AL: o poder

Inf: é claro...

AL: então... esse pequeno comerciante vai ter que partir o poder...

é lógico... né?

Inf: O PODER... é transferido...]

AL: será que o cara da pequena empresa vai querer transferir esse

Ing.

- 605 AL: é lógico...
AL: ele assim... de frente... obviamente ele aceitou...
Inf: é claro... mas ele tinha outra alternativa ou não?
AL: numa de enfrentar uma multinacional... ele ia ter um risco muito grande...
- 610 AL: é...
Inf: é um risco muito grande? só é risco...
AL: só é risco...
AL: assim ele se mata... é suicídio...
Inf: é praticamente um suicídio... realmente é um suicídio...
615 AL: ou você aceita a... a briga... ou você...
Inf: mas você não pode... Fred... você não pode brigar... a história de Davi e Golias é... é bíblica... mas eu não acho que possa... hoje... há... funcionar nesses termos...
AL: essa multinacional... ela se acha numa daquele esque/ aquele esquema... se correr o bicho pega... se ficar o bicho come...
620 Inf: e exatamente...
AL: então...
Inf: você acha que uma empresa de pequeno porte... tem condições de competir com a de grande porte? ((vozes)) você acha que o armazém consegue derrubar o supermercado?
625 AL: mas aí... mas... aí... você vai... você vai de encontro... ter que ir toda uma filosofia de administração... veja bem... você tem a multinacional... até que ele comece a implantar uma... uma empresa... mesmo com os maiores recursos que ele tem e a tecnologia e tudo... essa pequena empresa de pequeno porte...
630 Inf: psiu meninas...
AL: se ela... se ela aceitar a briga... entendeu... e pegar recurso e tudo... ela vai tá na frente é... ao passo que essa que vai começando... entende... vai... fica na posição provocativa e não tá por cima... porque...
635 Inf: mas... aí... você tá... você...
AL: () sugeriram isso pra ela porque realmente ela tava num...
Inf: mas... Fred... você...

66

- 640 AL: é uma opção muito pessoal... é uma opção muito pessoal...
Inf: Fred... você há de convir... que... há... esse crescimento... que você está imaginando... lá muito rápido...
AL: é...
Inf: a multinacional abrir cinqüenta lojas...
645 AL: é... um absurdo...
Inf: e em um ano... a pequena empresa também conseguir fazer isso... ela não consegue fazer isso... ela não tem recurso...
AL: sim... mas se ela aceita a concorrência... entendeu... se ela aceitar... realmente...
650 Inf: se ela aceitar a concorrência...
AL: esse desafio...
Inf: ela... dificilmente... ela estará com condições... veja bem... não é de sobreviver... quando eu digo... o armazém pode derrubar o supermercado? não... agora... não significa que ele não tenha... há... LUGAR... a pequena empresa vai continuar existindo... sem dúvida... que vai... haverá sempre um lugar pra pequena empresa... o PROBLEMA... é você... set pequena empresa e chegar... por hipótese... a multinacional... quando... JÁ EXISTE uma outra multinacional no mercado... concorrendo... você pode continuar existindo... não há a menor dívida disso... o que vai ser impossível... é o seu crescimento... você terá que se conformar em ser... há... um adolescente ou uma... uma elemento da segunda infância a vida inteira... você nunca chegará à maturidade... e aquilo que tá se oferecendo é... pular uma etapa... pular uma passagem...
655 AL: acho que a própria resolução da pequena empresa sofreu isso...
Inf: não há outro remédio... não há outra alternativa...
660 AL: nem se...
AL: ma/ ma/ ma/ ma/ mas... não há... não...
665 Inf: é subjetivo... não... ele é até muito objetivo...
AL: se é...
675 AL: eu jamais... se eu... eu tenho uma empresa... deixaria o

67

Ing.

poder... se eu sempre tive o poder de decisão... ou dividia esse poder de decisão com outra empresa...

AL: mas... na verdade... cada uma é uma mentalidade... cada um tem uma visão...

680 Inf: olha aí... viu?

AL: no caso... vamos supor... ele vendeu... ele não precisa ter visão ou não...

AL: é lógico que pode...

AL: ele... ele que quis... quer dizer () decidiu vender... Inf: você não venderia? ((vozes))

685

AL: eu não venderia...

Inf: você não venderia... e as duas... então... que são representantes de multinacional... que fariam em relação a você?

690 AL: abre... abre a: concorrente...

AL: abre uma concorrente...

AL: abre a concorrente... lógico...

AL: com muito mais ma/ com muito mais "know-how" ...

AL: tem bem mais condições de dinheiro...

695 AL: tudo...

AL: não fica um exemplo mais prático...

Inf: e aí... que que aconteceria com você?

AL: e... aí... você não teria nem condições de concorrer... ((vozes))

[

700 Inf: que que aconteceria com você?

AL: você não teria condições de concorrer...

AL: você também vai colocar... quer dizer... porque aí passa a ser um desafio...

Inf: sim... é um desafio...

705 AL: mas aí é uma multinacional...

AL: hein?

AL: já é uma multinacional...

AL: mas... aí... é que tá... se você tem... quer dizer... o incentivo...

Inf: qual é a arma que você tá usando? atradeira... e ela? o raio laser...

710

AL: mas a multinacional parece até um fantasma... você tem

vo 1

que...

AL: não... é fantasia apenas na teoria... na prática você sabe que não é bem assim...

715 Inf: mas... VAMOS... VAMOS continuar debatendo... o que que (vo)ce faria? as duas... são multinacionais... ela... você tem dez lojas... elas abrem...

AL: elas não tem nenhuma...

Inf: hein?

720 AL: elas não têm nenhuma...

Inf: elas não têm nenhuma... mas elas têm recursos e você não tem...

AL: pois é...

Inf: certo? que que você espera que elas façam? ((vozes)) que que você espera que elas façam?

725 AL: ah... se eu aceito o desafio... eu vou tratar de arrumar recurso...

Inf: sei...

AL: então... não... não...

730 Inf: você vai arrumar recursos dentro das suas limitações... né... Fred? você não vai lá na porta do banco e ele dizer assim... "eu empresto... dentro dos riscos..."

AL: ()

Inf: ô...

735 AL: ()

Inf: Fred... mas no momento em que elas abrem dez... quinze ou vinte lojas ao lado da sua... em cima das suas lojas... elas têm fonte de matéria prima... elas têm condições de perder dinheiro durante seis meses... você não tem... é o armazém... o supermercado pode perder dinheiro durante seis meses... o armazém não pode... tem... todo mês... que tá pagando... ela... multinacional... da mesma maneira que os supermercados... vai lá nas fontes de abastecimento pra comprar diretamente do produtor... e você vai comprar onde? no intermediário... o seu custo operacional vai ser mais caro... a concentração em conglomerado vai permitir que ela tenha uma economia operacional... um custo

740

745

- 785 Inf: quebra-galho... então... ela se conformou em ser apenas...
hã... ch... ter um mercado de: fornecimento rápido... ela não
tem condições de imaginar: que um dia vai ser um
supermercado... não tem estrutura... não tem condições pra
isso... você poderia... Fred... aí... sim... dizer... "ah... mas em
outra época... todos os armazéns... não existia
supermercado... todo mundo era do mesmo tamanho" ... aí...
eu concordo... mas... aí... você não tinha a concorrência de
uma grande em cima de uma pequena... todos eram do
mesmo tamanho... é aquilo que eu dizia na aula passada...
uma coisa... é você ter dois alunos que se formam saindo
daqui... do padrão zero... a outra é... no dia que você receber
o seu diploma... você ter seu apartamento... você ter seu
automóvel... este daqui... que tá... só com o diploma... ele vai
levar quanto tempo pra comprar o apartamento dele e o
carro... pra chegar... portanto... nesse nível aqui... dentro de
uma escala? dez anos... por hipótese... ou cinco anos ou
quatro anos... acontece que você... que já tem o carro... que
já tem o apartamento... você não ficou parado... quando este
daqui... o b/ chegar... dez anos depois... a esse nível... você já
tá aqui em cima... ó...
- 805 AL: dez anos é pouco...
Inf: você já possui toda essa infra-estrutura... então... você já
avançou... então... você poderia me dizer... "bom... mas esse
camarada parou... bom... se ele parou é porque não teve
nenhuma visão administrativa" ... aí... é porque ele tinha a
competição... e o crescimento dos outros... mas...
difícilmente isso vai acontecer... dificilmente isso vai
ocorrer... é lógico que o fenômeno se... ch... repete
exatamente... ((ruído)) em termos de empresa... em termos
empresariais... é a mesma coisa... se eu tenho uma empresa...
já posso uma infra-estrutura... já tenho um tamanho... já
tenho recurso... já tenho um determinado potencial... é óbvio
que essa outra... até atingir um tamanho... se vai se conseguir
atingir... a outra já tá muito longe... há uma distância
enorme... até mesmo entre empresas... de grande porte como

- 750 operacional mais baixo... por que? porque ela já tem equipe...
ela já tem centro de processamento de dados... ela tem todo
um sistema de controle implantado... ela tem equipe pra
selecionar... treinar pessoal... enquanto que você... tá fazendo
tudo isso sozinho... então... quanto tempo você duraria?
(vozes) você pode durar a vida inteira desde que você se
conforme... a permanecer no seu tamanho... mas... seria
praticamente impossível... que você tivesse condições de
enfrentá-las... é... dentro de alguns anos atingir o mesmo
porte... que ela... já possuem agora... fica muito difícil...
fala...
- 755 AL: fica... eu acho o seguinte... a... a empresa de pequeno porte
não ia exercer uma certa atividade... um pouco limitada...
- 760 Inf: claro...
AL: do que a multinacional... quer dizer... ela não ia se aguentar
durante muito tempo...
- 765 Inf: não...
AL: e ia ter prejuízo porque ia ser impossível ela manter uma
concorrência... não é isso?
- Inf: a não ser que ela conseguisse pegar uma pequena faixa do
mercado e ficar ali... é claro...
- 770 AL: ah... entendi...
Inf: o armazém não funciona até hoje?
AL: de uma determinada... até hoje...
AL: nas cidades não funciona mais...
Inf: aqui... no Rio... você ainda encontra armazéns...
AL: não...
Inf: em grandes cidades (vo)çê ainda encontra...
AL: em Friburgo... assim...
Inf: nas zonas sul? (vo)çê ainda encontra...
AL: ()
AL: armazém não... merceria...
780 Inf: tá bom... merceria...
AL: é um nome mais bonitinho...
Inf: pra que que serve a merceria?
AL: quebra-galho...

- 820 as multinacionais... vocês se recordam que eu dizia aqui que o... Henry Ford segundo... quando recebeu... há... em mil novecentos e setenta e quatro... o título de... há... o homem... há... de negócios de maior visão nos Estados Unidos naquele ano... ele dizia que a Ford atingira já tamanho que... seis anos antes... a General Motors já conseguira atingir... portanto... a busca pela... pelo primeiro lugar... pra chegar na frente... continua... mas é difícil... é lento... o negócio... você não consegue mudar rapidamente... não é?
- 825 AL: só com alguma estratégia... não é?
- 830 Inf: só com uma estratégia... pela quebra de... há... de uma outra empresa... é feito uma corrida de Fórmula Um... há... dois carros disputam o primeiro lugar... aquele que sair em primeiro... na "Pole Position" levou a vantagem... esse aqui saiu... por hipótese... quatro segundos depois... o carro B... quantas voltas eu vou precisar pra poder tirar essa diferença de quatro segundos... se o carro número um continuar tendo um bom desempenho? ele passa... assim na hora? quantas voltas ele leva pra poder atingir?
- 835 AL: depende do piloto...
- 840 Inf: depende do piloto... depende de quem está administrando... mas depende do carro também...
- AL: é claro...
- Inf: ninguém discute que o Fittipaldi é um excelente piloto... todos continuam... há... acreditando tecnicamente no Fittipaldi... mas o carro não ajuda né? o carro não passa ninguém... passa quando os outros quebram...
- 845 AL: o carro é bom...
- Inf: o carro é bom?
- AL: é lógico...
- Inf: é bom?
- AL: o problema... o problema é o motor...
- AL: quando está correndo várias corridas...
- Inf: então o carro não é bom... pô...
- AL: o carro é bom...
- 855 Inf: se (vo) está dizendo que o carro é bom... o problema é o

- motor... o carro não é bom...
- AL: é que tem desviado no motor... (risos) não... porque todo carro de F1 de Fórmula Um tem o mesmo motor...
- 860 Inf: hum? só que o dele ele não conseguiu ajustar?
- AL: é... por causa do...
- Inf: enfim...
- AL: é... não interessa...
- Inf: existe alguma coisa que ele não consegue disputar nada... agora... os dois carros estão correndo... e você observa isso numa... numa corrida de Fórmula Um o que acontece? mais ou menos... de um segundo por volta... você consegue ganhar a diferença... então... tem assim... diferença entre primeiro e segundo colocado... é de cinco segundos... você vê que o segundo tá desenvolvendo mais... na... outra volta... a diferença vai cair pra quatro segundos... então... a expectativa é de que... daqui a quatro voltas eles comecem a disputar... porque esse primeiro não parou... agora... se o primeiro quebra... aí... aquele pegou a posição primeira... é a mesma coisa que em termos de empresa... a diferença... pra ser tirada... de cada segundo... de cada percentual do mercado... é uma diferença que demora... custa... você sofre... é que você corre risco... se esse aqui... primeiro... tá correndo a uma velocidade MÉDIA de... duzentos quilômetros a hora e tá em primeiro lugar... e vem o camarada que vem em segundo lugar... e que tem... portanto... uma distância de quatro segundos entre o primeiro e o segundo...
- AL: se ele continuar com a mesma velocidade...
- 865 Inf: se ele continuar com duzentos quilômetros... ele vai manter essa diferença de quatro segundos sempre... então... ele vai ter que imprimir uma maior velocidade... ele não pode ter duzentos quilômetros... ele vai ter que ter duzentos e vinte... tá? agora... duzentos e vinte... o risco que ele tá correndo é muito maior do que duzentos... porque... talvez... duzentos seja... seja o limite... é... máximo de segurança... a partir
- 870
- 875
- 880
- 885
- 890

895 dali... o risco já é muito maior... então... você vê a grande dificuldade... que é... a... etapa... eh... vencer essa etapa... ganhar cada segundo... cada instante... cada minuto... isso realmente é muito difícil... por isso é que é indispensável que você... se situe bem... que você conheça o seu carro... que você conheça sua empresa... a sua potência... qual é a velocidade... que você pode imprimir à sua empresa... ao seu carro... que você pode crescer... que você pode ganhar ou vai perder... dentro do exemplo que você dizia... de pequena empresa e uma multinacional... é a mesma coisa que você entrar com um Volkswagen numa corrida de Fórmula Um... quais são as suas possibilidades?

AL: nenhuma... nenhuma...

905 Inf: nenhuma? certo... mas não significa que você não chegue lá...

AL: é... porque eu posso até ganhar de um carro de Fórmula Um que quebrar... entendeu... se quebrar...

AL: mas aí... vai ter que quebrar todos...

Inf: se... não é? se... se... se... no terreno dos "ses"

910 AL: é... eu vou quebrar...

Inf: não significa que o Volkswagen vá quebrar...

AL: ele chega na frente...

Inf: ele pode... ele vai na "velocidadezinha dele... tá? haverá lugar na pista pra ele... ((vozes)) não vai ser eliminado da pista... a não ser que ele queira correr demais... competir... aí... a coisa é complicada... mas ele pode andar ali... ó... nos seus cem quilômetros... no máximo... e o Fórmula Um vai passando por ele... tranquilamente... ele não vai ser eliminado... mas ele não vai conseguir superar todos os Fórmula Um... é exatamente o problema da pequena empresa em relação à grande empresa...

74

PROJETO NURC/RJ

INQUÉRITO 379 - BOBNA 120 - INF 469

Tipo de entrevista: elocução formal (EF)

Duração: 35 minutos

Data do registro: 28/04/78

Tema: Aula de Geografia Econômica, Industrialização Japonesa

Informante: sexo feminino, 39 anos, professora, formação universitária: Economia, carioca, filha de pais cariocas, área residencial: Zona Norte e Zona Sul.

1 Inf: bom... a gente vai ver hoje... Andréa... o problema da industrialização do Japão... como? Vocês vão ver pelo livro... né... que vai dar bem mais detalhes desse tipo de curso... o que eu vou tentar fazer hoje não vai ser só na aula de hoje... que Japão merece mais... hoje vou dar uma introdução... tentando localizar as principais diferenças práticas do início da industrialização no Japão... e dos Estados Unidos

5 Atualmente... Bom... então... voltando um pouquinho atrás... nós vimos que o início da industrialização nos Estados Unidos... se deu de uma maneira direta... né... decorrente... de uma aplicação de excedente... europeu... no início da industrialização dele... encontramos lá... no território... dos Estados Unidos... condições geográficas favoráveis... condições de população... favoráveis... quer dizer... constituindo uma força de trabalho... GRANDE e na medida... necessária... ao desenvolvimento... harmonioso que... desenvolvia nos setores... e os capitais... como nós já vimos... tanto equipamentos como capital estrangeiro... eles foram... eh... quase que linearmente aplicados... na economia americana... e conseguiu então essa trínca dos recursos favoráveis... de uma força de trabalho... preparada... e de... uma injeção de capital... grande... com que a economia realmente conseguisse... se desenvolver normalmente e então por isso é difícil... a gente não entender... como a economia americana chegou assim... quer dizer é muito claro porque ela

75

PROJETO NURC/SP

INQUÉRITO Nº 124 —BOBINA Nº 43 —INF. Nº 150

Tipo de entrevista: elocução formal (EF). *Duração:*

45 minutos.

Data do registro: 28/11/72.

Tema: Influência da língua na personalidade do indivíduo
(aula universitária).

Informante: homem de 51 anos, casado, professor universitário,
paulistano, filho de pais paulistanos.
2ª faixa etária.

- 1 *Inf.* (...) relacional... não é?... que está subjacente no
comportamento... e de certa forma... influencia esse
comportamento... na última parte... das das aulas de
5 terça-feira passada tinha muito pouca gente ... mas
você não viram então um texto que eu analisei... de
Benjamin Whorf sobre os *hopi* - - quem estava aqui?
((vozes)) então quem me diz alguma coisa vamos
ajudar os colegas -- ... qual é a diferença entre a forma
de pensar dos *hopi* e a forma de pensar dos
10 indivíduos que pertencem... a grupos integrados na
tradição cultural do ocidente... ((vozes)) ham?...
((vozes))
Loc. accidental éh... éh que os... parece que os *hopi*... eles
aceitam as... regras sociais... como se fosse coisas
15 deles... e no ocidente a gente medita mais como uma
coisa que... que tem histórico...
Inf. você já está saltando sobre o aspecto lingüístico para
chegar nas conseqüências não é?... mas...
Loc. accidental eles não têm passado nem futuro... ((vozes))
20 *Inf.* certo... não existe passado presente e futuro... agora
me diga uma coisa... eles não têm idéia então
ninguém se casa por exemplo marca a data do
casamento e não se casa porque não tem idéia do
futuro?... ((vozes)) como é a his/... como é a história?...
25 *Loc. accidental* a forma de expressão deles... é pelo
presente... se por exemplo uma... uma planta está::
verde... isso tem relação assim está se referindo ao
passado a planta está verde... ou ela vai () amadurecer
Inf. certo
30 *Loc. accidental* mas tem uma denominação especial para
aqueles casos... no naquele momento... e não um

estado referindo () passado

Inf. exato... a o *hopi* diz... não há idéia então... de um
 35 *CONTINUUM*... compreendem?... isto é alguma
 coisa que se perde numa perspectiva infinita às nossas
 costas... que é o passado... alguma coisa que é um
 ponto onde nós estamos... certo?... e alguma coisa
 que se dirige... para um horizonte e se perde no fim
 do horizonte... que nós chamamos de futuro...
 40 certo?... isto é... como eu disse a vocês... uma das
 idéias fundamentais no ocidente... é a idéia de
 viagem... a idéia de peregrinação... nós podemos
 aproximar isto então... da literatura religiosa do
 ocidente... “nossa vida é uma via/... é uma viagem
 45 pelo vale de lágrimas”...-- vocês já não ouviram
 isso? - - tem alguns católicos que... vão à igreja ao
 domingo... e ouvem sermões não é? esta idéia de
 viagem eu creio que tenha uma importância imensa...
 em todas as mitologias que influenciaram... isto este
 50 todo extremamente complexo... que se chama...
 a civilização ocidental... uma das primeiras ... obras
 literárias... que se conhece da humanidade ... é a
 epopéia de *Gulgamesh* que... foi escrita em língua
 síria... se não me engano ou siberiana não sei em que
 55 diabo de língua foi escrita... e que aliás até hoje se lê
 com agrado... ((tossiu)) em que a:: *Gulgamesh* tem
 um amigo que chama-se () esse amigo... era imortal...
 e ela tinha a simplicidade dos animais... de repente
 ele conhece a mulher e através da mulher... a doença
 60 a morte são lendas... que PREexistiram à elaboração
 da Bíblia... e tiveram uma influência muito grande
 sobre a Bíblia... daí chega a serpente ele vai em
 busca da imortalidade *Gulgamesh*... e a serpente
 rouba a imortalidade dele a serpente se torna imortal...
 65 mas enfim... a estrutura da narrativa é uma estrutura
 de uma viagem... cheia de percalços cheias de aventuras...
 vocês pegam a literatura do Ocidente toda... *Odisséia*
 por exemplo... a *Eneida* ... não é?... há toda esta
 idéia de viagem... isto tem uma influência muito
 70 grande eu creio... - - eu poderia estar chutando aqui
 um pouco - - ((tossiu)) ... isto tem um:: uns
 resquícios desta teoria ((tossiu)) nalguns autores...
 mas em suma eu acho uma coisa muito interessante
 como sugestão como hipótese de trabalho... a idéia de
 75 que a viagem os povos do ocidente... que viveram...

em constantes ... andanças... Europa é uma península
 da Ásia que sofreu todas as invasões possíveis...
 então esta mobilidade deu uma certa idéia de
 mobilidade social ... e de mobilidade no tempo e o
 80 espaço... até nós chegarmos às idéias de tempo e
 espaço... que existem na nossa cultura...
 e que são o fruto da elaboração milenar do
 pensamento... chegou a uma forma precisa... por
 exemplo em relação ao espaço... num homem que se
 85 chamava René Descartes... compreendeu? mas antes
 de René Descartes houve um outro que chamava-se
 Leonardo da Vinci... e que deu a forma final a uma
 noção de pers-pec-ti-va... certo? todos vocês conhecem
 a Santa Ceia pelo menos... para não falar na
 90 Gioconda não é?... a Gioconda... segundo Claude
 Valery... foi o pedaço de tela tecida que mais asneiras
 ouviu no mundo... todo mundo em Paris chega
 frente à Gioconda ... e diz asneiras... mas na
 Gioconda... mas especialmente na Ceia há essa...
 95 perspectiva... vocês aprenderam ainda desenho nas
 escolas na minha época ... havia as famosas
 perspectivas de ponto de fuga vocês aprenderam
 isso...nas aulas de Desenho?... os pontos de fuga... as
 coisas que vêm do fundo... até nós... esta idéia de
 100 espaço... não é universal... por exemplo... em toda
 pintura egípcia não havia essa noção de espaço...
 para se representar... o exército do faraó...
 punha-se a primeira fileira do exército ... num plano...
 em seguida... acima desta fileira... outra fileira...
 105 compreende? e assim por diante... na na plástica nas
 artes plásticas no Oriente e na China ... e no Japão...
 a perspectiva é diversa... é uma perspectiva em que
 há um primeiro plano mais nítido e um outro plano
 que é sempre superior ao primeiro... hipótese de
 110 trabalho que eu acho um pouco infantil... o fato...
 dos japoneses e chineses... estarem sempre sentados ou
 ajoelhados e verem as pessoas numa certa
 perspectiva... não não funciona isso isto é muito...
 uma hipótese derivada... de uma psicologia de um
 115 reforço de situações que eu acho que não explica toda
 a questão... mas em suma... o que é fundamental
 é o seguinte as noções de espaço e de tempo as noções
 de causabilidade... as noções relativas aos problemas
 fundamentais da existência... que guiam que põem...

120 direções que dão (portas) à ação dos grupos... são
derivadas de conceitos... que... radicam vamos dizer
que... saem... se não se se não são totalmente
determinados são em grande parte determinados...
por... hábitos lingüísticos... certo? isto é... voltando
125 aos *hopi* ... existe... na mitologia *hopi* ... a idéia
é o coração do universo... desta força central derivam...
forças parciais... que animam ... tudo o que existe no
universo... então... não existe nada de
130 é o coração do universo... então... não existe nada de
inanimado... vocês encontram em certos manuais
sobretudo manuais brasileiros... que estão quarenta
ou cinquenta anos em retardo sobre a... os avanços
da ciência... vocês encontram a palavra animismo - -
já ouviram falar nisso? - -... é uma concepção
135 falsa... porque supôs-se... a princípio nos primeiros
contatos entre... muitas vezes missionários
exploradores e povos de outra tradição que não o
ocidental... que eles atribuíam uma ALma...
a objetos e a plantas... mas a noção de alma é uma
140 noção complexa... é uma noção que foi refinada...
através ... da tradição judaica... ahn da filosofia
grega... que foi um dos componentes essenciais... do
Cristianismo compreendem?... não há uma atribuição
de alma a objetos ou a plantas... supõe-se que estas
145 plantas... os objetos e o mundo inteiro... é animado
de certas forças compreendem?... forças... éh que se
revelam em certo momento então elas existem em
estado latente ... compreendem?... então há uma
espécie de eterno presente... que é um presente
150 mitológico... o mito... não é um acontecimento do
passado... o mito é algo que aconteceu... segundo...
um esquema narrativo... que pode obedecer
a variações mas há uma história no mito... mas::...
uma vez que se desenvolve este drama do mito... este
155 drama não tem fim... porque ele se repete sempre ele
é um presente eterno... - - isto ficou claro? - -... isto
não é só característico dos *hopi*... é característico de
todo grupo... que... tenha () da existência...
baseado em mitos ou seja todo grupo humano...
160 praticamente... mas alguns... põem ÊNfase... nesse
eterno presente... em que ... há forças... ocultas que
de repente se manifestam... como diz... ahn
Whorf... “não se pode dizer que as coisas vão

165 acontecer... que elas aconteceram... ou que elas
 acontecem agora as coisas sempre... se
 E-VEN-TU-AM''... () ... - eu procurei no
Pequeno dicionário... da língua portuguesa e não
 encontrei a palavra eventuar... e em inglês é palavra
 170 rara eu vi lá ... termo raro... mas ele diz para o *hopi* ...
 a coisa não surge a existência porque houve um
 passado que levou a certas... ah ações determinadas...
 há um presente... em que as coisas então são::
 contemporâneas... e depois o futuro...hum... certo?
 há um conjunto... de indícios que é necessário
 175 interpretar... donde a importância da magia... e da
 religião... e esses indícios mostram que de repente ...
 uma força... hum num determinado momento...
 ((tossiu)) se manifesta... Lévi-Strauss em *La pensée*
sauvage... diz o seguinte... "por que nós supomos
 180 que o nosso modo... de interpretar o mundo... é o
 modo verdadeiro?"... e ele encontra no
 pensamento... de certos grupos... ahn selvagens...
 alguma coisa que está mais de acordo... com a física
 atômica... compreende?... porque eu acho...eu não
 185 não estou de acordo com isto -- eu não andei
 pixando muito Lévi-Strauss para vocês porque
 senão... vocês não conhecem mas eu há anos que eu...
 me bato contra o Estruturalismo --... em todo o
 caso... neste nível de análise... eu creio que nós
 190 podemos utilizarmos desta reflexão... para um
 grande número... de grupos humanos... existem
 então... forças que surgem... que se manifestam
 então... o verbo entre os *hopi*... tem duas categorias...
 segundo Whorf... notem que eu não sei... se isto não
 195 foi completamente transformado pela lingüística
 moderna... na época em que eu estive nos Estados
 Unidos... Sapir tinha morrido há pouco tempo e esta
 corrente... Edward Sapir () era gente que tinha uma
 importância muito grande na Lingüística ...isto
 200 ((tossiu)) antes de Jakobson... começar a visitar os
 Estados Unidos e depois o Estruturalismo lingüístico
 dominou... acho que a Lingüística de um modo
 geral... mas::... o que eu quero salientar é que...
 sem entrarmos em hipóteses... porque a hipótese de
 205 Whorf... e de ()... como eu disse a vocês... é a
 hipótese... que a importância soberana da língua...
 deriva... talvez de um modo mais claro exis/... no

- século dezoito existiram... indivíduos que ...
 defenderam esta idéia ()... e outros... quem deu uma
 210 feição mais científica foi... Humboldt... a idéia de
 que o indivíduo PEN-SA... por meio de símbolos
 lingüísticos... a estrutura da língua... então dita a
 forma do pensamento... o indivíduo vê ... o universo...
 215 através dos rótulos que a língua coloca sobre o universo...
 a ação do indivíduo é norteadada pela língua... há então
 ... uma influência ... da língua... que é DEcisiva na
 formação do pensamento... mas... a começar pela
 própria percepção ... o indivíduo não percebe -- aí
 220 nós estamos no terreno de vocês -- quem diz alguma
 coisa sobre percepção?... vocês já tiveram curso sobre
 percepção?... ((vozes))) ninguém teve?...
- Loc. accidental* segundo ano
Inf. segundo ano...
Loc. accidental teve...
- 225 *Inf.* cadê o segundo ano? tem alguém do segundo ano?...
 bom... mas em todo caso *gestalt* vocês sabem o que
 é? ... *gestalt*... teoria da *gestalt*... quem me diz o que
 é *gestalt*... ((vozes)) ahn?... ((vozes)) ahn?...
- Loc. accidental* só o segundo ano
- 230 *Inf.* só o segundo ano? ahn... tem tem alguns do segundo
 ano que ficaram não é? que... resolveram topar na
 o o curso ou não? ((vozes)) ahn...
- Loc. accidental* eles estão fazendo prova agora...
Inf. ah hoje tem prova?... ah mas porque não não
- 235 avisaram a a gente podia fazer mais um dia então
 bom... a coisa está tão atrapalhada que não vale a pena
 atrapalhar mais né?... em suma... vocês todos têm
 uma idéia geral... do organismo... que é a base e o
 conceito-chave para o estudo da Psicologia...
- 240 organismo... não é... uma máquina... dotada... de
 órgão de recepção passiva... de estímulos... e que
 responde a esses estímulos com passividade vocês
 sabem disso... o organismo é essencialmente atividade
 ... então... a percepção não se faz... por uma série de
- 245 sensações que ferem o organismo... todas elas se
 juntam e dão a percepção... a percepção é aTiva...
 a percepção... é o dirigir-se... de certas...
 possibilidades de dar-se conta do universo que existe
 no organismo... para o mundo exterior... a SE-LE-ÇÃO
- 250 ... ((tosse)) daqueles estímulos que têm importância
 para o organismo... vocês compreendem isso?...

por exemplo... bom... deixe eu dar um exemplo...
 bom... um exemplo clássico... um índio... que foi
 trazido ... de uma reserva... do norte do Canadá...
 255 para Ottawa se não me engano... uma das cidades
 canadenses ... levaram este índio a ver tudo pela
 primeira vez que ele tinha contato com uma cidade...
 do mundo do Ocidente... quer dizer ele passou por
 aquilo olhando... de repente ele parou embasbacado...
 260 ficou olhando... o quê?... um indivíduo subindo num
 poste elétrico... para consertar... fios... coisa
 equivalente... esse indivíduo tinha um cinturão de
 couro ... não sei se vocês já viram isso nas ruas de São
 Paulo?... não é?... tem um cinturão de couro que
 265 tem nos calcanhares uma espécie de esporão... então
 ... ele finca o esporão no... no -- eu acho que isso
 não há mais em São Paulo porque não há mais postes
 de madeira os postes todos são de cimento não é?...
 de concreto... e... vez em quando... vocês
 270 percebem que eu sou um indivíduo de outra
 geração já... sou um quadrado mesmo não é?... mas
 enfim isso também é um::... é um exemplo bastante
 antigo... é de Franz Boas não é?... digamos mil
 novecentos e vinte... - - ((risos)) então havia o poste
 275 de madeira com esse esporão... foi isso que o índio
 percebeu... vocês compreendem?... porque... na cidade
 de Ottawa... tudo o que existia... era de tal modo
 novo... que não podia ser relacionado com a
 experiência anterior desse índio certo?... quer dizer
 280 imagine que ele visse pela primeira vez a locomotiva...
 aquela coisa imensa que se move... com que ele
 relaciona? com nada de preciso ... a máquina... é um
 universo estranho a ele... mas ele viu um indivíduo
 subindo num poste de uma maneira muito fácil ora...
 285 em toda esta região os índios sobem em certas
 árvores... por exemplo... certas formas de ()... que
 chama-se... em português chama-se boldo parece
 é uma planta que dá uma seiva açucarada... da qual
 se faz uma rapadura que aliás é deliciosa e um ...
 290 uma espécie de melado... então eles sobem até certa
 altura da árvore e talham... subir numa árvore por
 meios relativamente simples como seja esporão... de
 furo... e uma correia de couro passada na cintura que
 o indivíduo se apóia na árvore... foi qualquer coisa
 295 que a experiência anterior do índio permitiu... que ele

compreendesse ele tinha um esquema anterior no qual os estímulos novos podiam ser enquadrados certo?... isto é... para que haja percepção... é necessário antes... que já haja uma organização do

300 campo perceptivo... claro?... quer dizer... é preciso... que haja... um certo modo de estruturar este mundo porque senão as coisas não fazem sentido ... não sei se vocês... ahn conheceram na época em que eu era

305 estudante nos Estados Unidos havia uma voga muito grande de certas coisas... certas piadas ... o que é isto?... alguém me diz?

Loc. accidental uma ave...

Inf. uma ave?... quem me dá outro palpite? o que é isto?... ((vozes)) vamos fazer mais... é assim... ((vozes)) é

310 uma cantora de ópera italiana vista da caixa do ponto... ((risos e vozes)) a caixa do ponto... ((vozes)) quer ver havia uma outra que era uma girafa passando na janela de uma catedral como era? ... bom mas enfim... há uma série de coisas desta ordem

315 não é?... se nós... não sei se vocês já tiveram ocasião... de pegar... uma fotografia por exemplo... uma fotografia de jornal... vocês PEGam o jornal correm a notícia... correm os olhos sobre as manchetes... as notícias... de repente há uma

320 fotografia vocês olham... e à primeira vista parece um embaralhado de massas... de repente vocês olham e percebem as coisas... já tiveram essa experiência?...

Loc. accidental já ((vozes))

Inf. o:: ()... no Canadá também ()... antes de começar... a aplicar os testes de rocha com esse grupo... ele

325 começou por mostrar fotografias eles nunca tinham visto fotografias na vida... mas de repente ele dizia E ISTO... os índios olhavam viam a coisa ficavam LOUcos de alegria mas gargalhavam de alegria... de

330 PERceberem compreendem?... é necessário então haver antes... uma noção de que é possível representar... objetos tridimensionais em duas dimensões... para a pessoa aceitar a fotografia... e organizar o campo perceptivo... muito bem...

335 voltamos à Lingüística... segundo esta corrente... que alguns chamam escola humboldiana ou escola... ahn Sapir-Whorf ou () ... o principal NExo que liga as coisas... no mundo... a principal maneira de chamar a atenção para os objetos... é o estímulo lingüístico...

340 compreendem?... nós não podemos desenvolver isto
 muito aqui que este curso é introdutório... eu quero
 apenas dizer que evidentemente... esta orientação...
 pode comportar... exageros... eu não acredito... que
 a língua... tenha um papel... TÃO decisivo... na
 345 formação... de toda a estrutura... de percepção
 cognição da própria personalidade do indivíduo...
 que nós cairíamos aí numa dificuldade lógica que eu
 já tinha falado a vocês... nas primeiras aulas que eu
 dei... que é a seguinte... se a língua é tão decisiva...
 350 na formação da mentalidade... como é possível...
 passar-se de um universo lingüístico a outro?...
 compreendem?... eu falo... uma língua... de derivação
 indo-européia... possivelmente eu me entendo com
 um francês... eu me entendo com um alemão... com
 355 um russo... um italiano... como eu vou me entender
 com um árabe?... em que tem uma outra estrutura
 lingüística completamente diversa... ou com um...
 o judeu que fala só hebraico... quer dizer há línguas
 semitas que têm uma outra estrutura uma estrutura
 360 em que há... ahn... formas vazias triliterais... são...
 sempre consoantes... e as vogais são representadas
 por pontos... vocês sabem que ninguém conhece o
 nome de Deus... diz-se... Iavé... Jeová ... mas é... o
 correspondente ao... na nossa... no nosso alfabeto a
 365 um i... ao h e a um v... como se pronunciava isto... há
 várias tentativas de reconstrução... vocês sabem que
 as línguas... têm estruturas muito diferentes eu falei...
 no caraíba... no no caraíba das Antilhas que eu
 cheguei a conhecer um pouco... essas... línguas...
 370 polissintéticas aglutinantes... em que a palavra
 desaparece como palavra-palavra... e inclui aquilo que
 nós chamamos comumente de verbo... inclui...
 variantes de local... de tempo de privação... ou de
 adjunção... enfim a palavra é uma frase em si
 375 própria... lembram-se daquela frase que eu disse não
 é? o... meu amigo Sabago... onde está ele ele esteve
 procurando o senhor por toda parte... se deveria
 traduzir... o... estão procurando DEle... pelo senhor
 ... está em em toda parte... quer dizer a frase
 380 inteirinha eram duas palavras só em caraíba... não sei
 se cheguei a pôr isso na pedra... não eu dei uma
 outra coisa SEM que se pudesse ter previsto antes
 eu acho não é?... então... vocês vêem... que... existe

385 uma importância muito grande ... da estrutura lingüística
 subjacente à ação por quê?... porque a língua...
 designa certos aspectos da natureza... ela articula
 ações... a língua... organiza... o mundo dos atos
 humanos significativos... mas não se pode dizer... que
 390 a língua transmite todo o sentido profundo de uma
 cultura... eu não vou entrar nesses
 argumentos é uma coisa que há vinte anos eu vejo
 discutido eu acho apaixonante... mas... apenas eu
 coloquei para vocês a questão lógica... lembram-se
 disso?... Equimênedes de Creta dizia “todos os
 395 cretenses são mentirosos”... certo?... ele estava dizendo
 a verdade ou a mentira?... quem me diz?...
Loc. accidental a mentira...
Inf. a mentIRA?... mas se ele dizia todos os cretenses são
 mentirosos ele estava mentindo portanto estava
 400 dizendo a verdade... se ele dizia a verdade mentia
 e se mentia dizia a verdade... como é que nós vamos
 destrinçar isto ... de Creta e Equimênedes e tudo o
 mais?... compreendem? ... não se pode construir uma
 lógica... em que as proposições lógicas... se referem...
 405 a SI PRÓ-prias... comPREENdem?... você não pode
 dizer... eu estou mentindo ou ISTO é mentira...
 isto é mentira... o quê?... isto que eu disse é mentira...
 o quê?... isto que eu disse anteriormente é mentira
 bem... é uma espécie de dízima periódica
 410 compreendem?... uma classe lógica tem que ser
 construída... por critérios estranhos À PRÓpria classe
 lógica certo?... você não pode referir... Equimênedes
 de Creta cretense... que diz alguma coisa sobre Creta
 que é decisiva sobre Creta... e que alguém fora de
 415 Creta dizia qualquer coisa compreendem?... uma
 classe lógica se constrói com critérios sempre
 exteriores à própria classe lógica... se não... há uma
 espécie de... isto no Oriente há um símbolo clássico...
 a serpente que morde a própria cauda... se alimenta
 420 da cauda cresce... então a boca da serpente vai
 comendo a própria cauda e a cauda vai crescendo
 porque ela se alimenta da cauda... então... é um
 círculo fechado em si mesmo... que é um dos:...
 símbolos que eu conheço... mais interessante sob
 425 certas formas... de conhecimento místico... mas nós
 estamos aqui não tratando da mística...mas da
 ciência... então... eu diria o seguinte... a língua...

articula de fato a ação... a língua...designa pontos do
 universo para os quais se dirige a ação humana...
 430 certos casos são muito claros... lembram-se do que eu
 disse também na última vez... no que toca ao
 vocabulário... o fato de existirem... trinta e seis ou
 trinta e sete palavras na língua esquimó... para
 designar gelo... isto é evidente não precisa...
 435 comentar com vocês... ahn que o vocabulário... de
 um determinado grupo social é determinado por suas
 atividades... depois nós passamos a este plano mais
 profundo da organização mental coletiva de um
 grupo... que deriva da estrutura lingüística... mas ...
 440 o ponto é o seguinte... a língua... tem esse efeito
 decisivo?... meu amigo Joseph (Winter)... uma vez
 teve um argumento... me pareceu na hora de... muito
 contundente... ele estava conversando com um
 lingüista francês... e disse o seguinte... “eu acredito
 445 que os franceses... estão ainda na fase... do chamado
 animismo”... os franceses acreditam que cadeiras e
 mesas têm sexo talvez até namorem (o que) eu não
 admiro nada dos franceses... porque um francês diz...
la chaise... e quando se refere... a a cadeira ele diz
 450 *elle*... portanto esta cadeira... para o francês... é
 alguma coisa dotada de sexo... porque em inglês
 NÓS que falamos a língua inglesa... nós somos
 plenamente... racionalistas... porque nós temos o
 gênero neutro... e temos então a cadeira para nós é
 455 *it*... é um objeto inanimado ninguém jamais chamou
 a cadeira vejam... aí mesmo há certas coisas
 curiosas... em inglês... a palavra... *ship*... navio... é
 re/... não é *seheep* -- lembram-se disso não lembram?
 problema não vamos voltar a isto não --... a palavra
 460 *ship* navio... pertence ao sexo feminino... por quê? eu
 creio que a:: língua inglesa é uma língua de
 marinheiros... e... um navio... para o marinheiro não
 tem a impersonalidade do *it*... é alguma coisa de
 afetivo e evidentemente vai para o sexo... feminino...
 465 bom isto me lembra também um exame de alemão que
 eu fiz... na universidade em () ... em que...
 alguém foi perguntado sobre... isto é clássico depois
 eu me () a palavra *mädchen*... em alemão...
mädchen ... que significa moça... menina... como é
 470 diminutivo vai para o gênero neutro em alemão mas...
 ele diz que gênero é esse? respondeu o candidato...

neutro... por que neutro?... ele pensou então disse eu
 acho que as meninas alemãs pertencem ao gênero
 neutro... ((risos)) o que eu quero dizer com tudo
 475 isto... é que existem hábitos lingüísticos... mas::...
 a língua não encerra dentro de si... todos os processos
 do pensamento... por exemplo... nós vamos entrar
 na próxima aula na análise de mitos e símbolos...
 parece-me que o pensamento mítico transcende... do
 480 mundo... que está contido dentro dos significados
 lingüísticos compreende? toda língua tende... a dar
 como significado alguma coisa a mais do que está
 contido... dentro da estrita estrutura lingüística... isto
 que dá a possibilidade... de se traduzir qualquer coisa
 485 de uma língua para outra... eu já ouvi... esta
 afirmação... “não há tradução... ninguém traduz
 nada”... na verdade... o que se pode dizer... é que...
 em cada língua cada palavra tem um sentido especial
 ... ela desperta existe em torno dela... uma série de
 490 significados... claros... e latentes... o que se chama
 conotação e denotação... de modo como cada em
 cada língua essas palavras são um pouco diferentes...
 cada sentido de uma palavra em cada língua é único...
 ahn se eu digo a uma criança mauzinha... por
 495 exemplo... não é a mesma coisa que o italiano que diz
 a uma criança *cattivo*... *cattivo* significa mau...
 é curioso a transformação lingüística que houve...
 mas há um... um halo semântico que chamava-se
 antigamente isto... e que eu esqueci porque eu estou
 500 com duas lingüistas na sala e eu estou me arriscando
 num assunto que eu não trato há muitos anos... mas
 então... existe um modo peculiar de conceber
 a palavra... que é característico de cada língua...
 e não passa à outra compreende?... mas a tradução...
 505 é uma reconstrução da outra língua... mas é capaz de
 transmitir... o essencial que está num texto da língua
 a ser traduzida... sem isso não seria possível
 a comunicação entre os homens... certo?... então...
 eu estou supondo o seguinte... a língua faz o
 510 pensamento?... de certa forma... vocês vejam que
 ciências humanas... Psicologia está mais... um pouco
 mais ligada às ciências biológicas por exemplo...
 mas em ciências humanas... uma das coisas terríveis é
 que... nenhuma afirmação é totalmente errônea...
 515 é muito uma questão de matizes de precisar bem o

sentido... que não se possa pensar SEM a linguagem...
 é uma verdade ou não?... eu acredito que não se pode
 pensar CLaramente... que não se pode articular
 o pensamento... sem o uso de categorias gramaticais
 520 que levam... de um PAssso do pensamento a outro...
 mas existem as formas mais obscuras de pensar...
 existe o pensamento emergente de um fundo
 conativo-afetivo ... que ainda não atingiu a clareza da
 cognição... eu não estou dizendo nada de místico
 525 para vocês porque eu sei que há isto... porque existe
 em todas as línguas... uma coisa que se chama
 poesia... e o que é a poesia? é exatamente...
 a apreensão... de sentidos NOvos às palavras
 ... compreendem? poesia e... muitas vezes a prosa...
 530 num escrito de Eça de Queirós da juventude ele dizia
 que: "... os prados estavam revestidos de uma erva...
 tão louçã... de um verde tão moço" ... um crítico
 disse os absurdos da pseudo da escola
 pseudo-científica que saiu de Coimbra... um verde
 535 moço moço é um adjetivo que só se pode aplicar a
 coisas humanas... ora eu acho admirável eu vejo
 mais o verde do Eça do que outros verdes românticos...
 compreendem? ... ele usou uma palavra... que
 designa qualquer coisa de exclusivamente humano...
 540 para alguma coisa da natureza... e nos deu então a
 noção quer dizer o verde... loução o verde... ahn::
 viçoso e tudo mais eram coisas gastas... ele usou
 a palavra verde... moço... quer dizer em toda língua
 há... uma parte cristalizada no sistema... e há a
 545 língua que se elabora... que está se fazendo... uma
 língua que lança mão de recursos expressivos da
 linguagem... para criar novas aplicações de termos...
 existe... na concepção estruturalista... uma idéia de
 estrutura lingüística que demasiado rígida... para
 550 meu gosto... porque... o característico... de todo
 organismo de todo sistema vivo... é o contínuo devir é
 a mudança ...contínua... então ... há sempre
 possibilidade de transcender o esquema lingüístico...
 então nós cairíamos nalguma coisa que... se chama
 555 CRIatividade humana... vocês compreendem?... que
 se nós admitirmos ... que uma estrutura... seja
 lingüística ou seja social ... se impõe... aos membros
 do grupo... e que essa estrutura... cria... cérebros
 pensantes... com hábitos lingüísticos inteiramente

560 estabilizados... à imagem e semelhança da sua própria
 estrutura... nós estamos negando a História... nós
 estamos negando esta renovação conti/ na língua...
 se transforma como a sociedade se transforma... o meu
 maior interesse neste momento da minha carreira...
 565 não é a estrutura... e todas as explicações... que se
 podem fundar na estrutura... eu estou interessado
 especialmente... em saber COmo se explica a
 estrutura... a estrutura surgiu num certo momento...
 como?... como de uma estrutura sai outra estrutura?...
 570 e eu creio que há uma... Ênfase... que dura muitas
 décadas... nas ciências sociais... uma ênfase...
 posta na estrutura em que... a mudança da
 estrutura... é concebida como algo de anômalo uma
 CRise e muda a estrutura... ora nós podemos... em
 575 Psicologia... em Psicologia... em Sociologia deixe de
 lado a Lingüística ...que eu tive alguns cursos há
 muitos anos meu último curso formal de Lingüística...
 foi... em mil novecentos e quarenta e oito não é?...
 portanto vocês vêem isto é pré-histórico não é?...
 580 então... nestas ciências do comportamento humano...
 nós podemos adotar um outro ponto de vista que é o
 seguinte... o movimento... a transformação são
 contínuos... a transformação a dinâmica não é tanto
 um problema... certas transformações se cristalizam
 585 e entram a fazer parte de estruturas... e este é um
 problema ... certo?... (...)

PROJETO NURC/SP

INQUÉRITO Nº 377 — BOBINA Nº 123 — INF. Nº 416

Tipo de entrevista: elocução formal (EF). *Duração:* 32 minutos.

Data do registro: 8/10/76.

Tema: Os instrumentos da vida intelectual (aula universitária).

Informante: mulher de 32 anos, solteira, professora universitária, paulistana, pai nascido em Santos (SP) e mãe em São Paulo (SP).

1ª faixa etária.

- 1 *Inf.* (...) certo?... então os testes (que medir) que medem a capacidade são testes que dão... mais (restrito) o prognóstico do indivíduo... então por exemplo...
5 *Inf.* éh:: em seleção de pessoal:: são adotados testes::... que medem a capacidade do indivíduo... então eu quero ver em que medida esse sujeito consegue trabalhar em determinada seção... então eu dou um teste de capacidade... e verifico que ele:: não vai se dar muito bem porque::... as:: tarefas do teste são
10 semelhantes às tarefas... da situação de trabalho...então eu fico mais (tranquila) então eu estou percebendo a CAPAcidade dele... agora eu posso... querer medir a realização dele... o momento então por exemplo aquele teste que vocês fizeram... com aquela (outra)
15 professora... (se lembram?)... o teste (tal)...então ela mediu a (realização do momento)... certo? ao MESmo tempo em que ela mediu a (realização do momento) é cla::ro... que eu posso extrapolar (para) uma situação de cultura... e:: chegar à conclusão de que certos
20 indivíduos vão realizá-(lo em cima daquilo) MAS::... AS situações que ela trouxe no tes::te são situações reais::... no momento... ela mediu no momento... certo?... então o indivíduo aí no momento realizou (até::) aquele tipo de tarefas... certo?... então veja
25 bem... ahn:: os testes têm como objetivo... verificar a situação real:: do indivíduo... eu quero saber REalmente do que que esse indivíduo é capaz... então o tes::te já pressupõe::... que ele tem uma medida objetiva... né? então... ehn:: quem u/ quem utiliza
30 tes::te já parte do princípio de que ele POde ter essa medida REAL::... é claro que isso é extremamente discutido... então em Psicologia há modelos::... que::

NÃO aceitam os testes de modo algum porque:...
 é difícil você realmente ter... a:: medida REal do
 35 indivíduo a capacidade ou (realização)... REal do
 indivíduo... porque:... o indivíduo no momento pode
 estar:: (ah com problemas)...né?... pode estar doen::te
 pode estar (impressiona::do)... pode não se sentir
 BEM::... com o material do tes::te... pode não conhecer
 40 certas questões por um motivo qualquer ele simplesmente
 nunca viu aqui::lo... certo? OU o teste pode estar...
 ahn:: falso ah::... dirigido mais para certos tipos
 de conhecimento de que ele não tem::... né?... e::
 45 então a pa/ o próprio limite do instruMENTo que é o
 teste... e o limite das condições do indivíduo que são
 diFíceis de se controlar... éh::... não possibilitam que
 a gente acredite assim CEM por cento nos testes...
 percebem?... não dá para a gente acreditar cem por
 cento... a gente tem uma meDIDA... (recebe lá) uma
 50 medida certo?... MAS::: com muita cautela que
 a gente pode::... éh:: utilizar aquela medida certo?
 então... o que se vê e o que se faz normalmente é:: se
 aplicar assim uma bateria de testes... uma porção
 de testes para a gente ter uma constân::cia... éh:: e daí
 55 se tirar o tra::ço do indiví::duo realmen::te se
 persis::te aquela caracterís::tica ou não... mas o teste
 Isolado ou apenas um teste... não dá:: uma (aptidão)
 MUITo segura... bom... como teste de realização...
 nós temos... testes de velocidade... é para ver se
 60 o indivíduo... realiza:: as tarefas... num determinado
 ritmo por exemplo... se ele varia ou se ele é muito
 len::to::... quando ele está emocionado se ele realiza
 com muita::... rapidez::... se ele não está emocionado
 se ele realiza... devagar:: né?... para se verificar
 65 inclusive éh:: (faz:: usa esse teste em comparação)...
 com ou::tro por exemplo... e vocês:: FOram (comigo
 eu já distribuí) testes... se vocês tiverem que realizar...
 umas fazer umas continhas né? e::... se... vai
 comparar... a realização de vocês... dentro daquele
 70 TEMpo::... que vocês tiveram... para fazer aquelas
 conTinhas... em relação àquela escala de ansiedade
 ... então vai se verificar se aqueles altos ansiosos...
 ou os baixos ansiosos... vão realizar... ah:: MAIS
 continhas... num determinado tempo padrão...
 75 certo? e:: por exemplo se::... os indivíduos vão realizar
 as continhas... numa seqüência determinada...

isso também é importante... então (aqui) no caso
 de sequência determiNada... nós (iríamos)
 verificar::... éh:: em termos de exatidão... não é?
 80 então nós temos um PAdrão::... de exatidão... e
 vamos verificar em que medidas o indivíduo se
 distanciam... e se aproximam desse padrão... de
 exatidão... então por exemplo nós temos um padrão
 de que:: os indivíduos... éh:: baixo ansiOsos...
 85 realizam as continhas sempre no mesmo sentido eles
 não a não pulam... certo? eles vão sempre... umas em
 seguida das outras e SEguem as instruções... já os
 alto ansiosos não eles não seguem as instruções...
 90 realizam as continhas assim alternadamente sem uma
 ordem determinada... certo?... então o que nós
 estamos verificando aí?... qual... a distân::cia vamos
 dizer qual a posição do resultado desses testes... em
 relação... a um:: padrão... de exatidão... certo?...
 bom... um outro tipo de teste seriam testes de
 95 dificuldades... né? então um teste apresenta várias::
 tarefas::... em graus diferente de dificuldades
 ele tem dificuldades crescentes por exemplo... né?
 então... as primeiras tarefas são tarefas fá::ceis... os
 indivíduos conseguem realizá-las e as outras tarefas
 100 vão se tornando mais:: complexas... mais difi::ceis...
 então se verifica... em que medida o indivíduo
 conse::gue... chegar até os níveis mais al::tos... de
 de... de realização... não é? então vê através... das
 dificuldades das tarefas... se verifica em que grau o
 105 indivíduo se encontra... então por exemplo teste de
 Binet... teste de inteligência de Binet... ele faz de
 tarefas bem fáceis... que uma criança de três anos
 pode realizar... até as tarefas de adulto... né? então
 no início o indivíduo fez () ... e depois ele vai
 110 terminar no segundo (caso) né?... bom seriam todos
 testes de realização que eu quero verificar...
 a realização do momento daquele indivíduo... como
 que ele se sai::... naquela situação::... que o teste
 apresenta... bom os testes de (aptidão) que eu falei
 115 para vocês né?... têm que (predizer a realização) do
 indivíduo... na realidade os testes de () são testes de
 de realização... só que::... esta realização se
 asseme::lha por exemplo... a::: uma:: situação ()
 ... né?... determinadas tarefas que vão exigir::...
 120 certos aptidões:: certas outras tarefas... né?

secunDÁrias... então (então) o que é?... então daí...
podemos verificar em que medida o indivíduo pode...
realizar (determinadas funções... assumir certas
funções) ... vocês verificam que esses testes...
125 surgi::ram... a partir:: de necessidades... PRÁticas
certo?... para atender problemas práticos... esse foi o
motivo do surgimento dos testes... por um lado...
para selecionar indivíduos... para o trabalho... por
outro lado para selecionar crianças:... eh::...
130 problemáticas... crianças que:... não:: conseguiam
acompanhar a escola... certo? então se procurou ter...
uma medida mais ou menos... seGUra... pra:: se
verificar em que em que ponto aonde estaria aí...
a/ o erro certo? a dificuldade... dessas crianças não
135 conseguem... éh:: realizar as tarefas normais da
escola... em... em que medida... éh:: nós poderíamos::
colocar certos indivíduos em certas funções... NÃO
prejudicando a produção... então foi na época da
industrialização né? no surgimento da revolução
140 industrial:... que:... os testes foram muito úteis e se
desenvolveram... certo? então nós tínhamos por um
lado naquela época muitas crianças com problemas...
e havia uma necessidade... de se pegar essas
crianças... e adaptá-las à escola co-mum né? porque...
145 quanto mais uma criança possa (se) adaptar a uma
escola comum... melhor... não há necessidade de
formação... especial:: para educador:: e nada disso
né? ... e por outro lado uma necessidade de de:: de
desenvolvimento da indústria... e a indústria o que
150 que precisa? maior produção... maior rendimento...
né?... o indivíduo certo para a tarefa certa... -- não
sei se alguém aqui já ouviu falar no Taylor ... né? --
então em () em termos de traBAlho nós temos os
testes de Taylor... né? que ele:... se propôs:... a...
155 ahn... racionalizar o trabalho... a colocar indivíduos
... adequados... em determinadas tarefas... para que
houvesse uma maior produção... e na escola nós
temos os testes... de Binet... e de Simon e depois
adaptados por (STANford)... pra:: pegar essas
160 crianças... né?... que não conseguiam acompanhar o
ritmo normal da esCOLa ... e::... verificar AONde
estava esse erro? aonde estava essa dificuldade?...
em que medida? COmo se poderia corrigir... então...
esse teste de dificuldade de AU::todificuldade surgiu

165 com Binet e Simon... que ele inicialmente... ele partiu
 de:: uma tarefa comum... né? uma tarefa difícil...
 para todo mundo... depois ele verificou que::... éh::
 o certo seria... uma gradação:: de dificuldades
 porque::... a inteligência segundo Binet... ela vai se...
 170 se se (desenvolvendo) certo?... então ela é... é ()
 (tarefas) mais simples no sentido de::... o indivíduo
 realizar... tarefas mais simples... né? resolver
 primeiro os mais simples... indo assim de uma forma
 gradativa até conseguir resolver problemas mais
 175 complexos... então ele seguiu... essa seqüên::cia... em
 níveis de::... de resolução do problema né? do mais
 simples ao mais complexo... éh::... em testes:: né?
 então os testes deles possuem assim... éh GRAUS de
 dificuldades... crescentes... éh ... ehn::... bom... o
 180 que seria então... éh:: uma nota bruta... num teste?
 seria aquela nota total... de erros... e acertos então
 cada indivíduo... realiza o seu teste e:: obtém uma
 nota... que é o total de erros... e acertos... MAS...
 essa nota simplesmente... não diz muita coisa...
 185 então nós precisamos ter... éh um NÍvel de
 significância É significativo esse número de acerto
 (esse número) de erros?... é significativo em termos
 estatísticos... em termos QUANTitativos?... né?
 então::... o que nós fazemos? nós compaRA::mos::...
 190 esses resultados... com padrões... determinados
 padrões então na hora de se confeccionar um teste...
 éh:: se estabelece... um determinado padrão... por
 exemplo () é com uma determinada ida::de por
 exemplo né? ... consegue realizar... a::: as tarefas até
 195 o nível cinco por exemplo... né? indivíduos... de::
 dez anos conseguem realizar tarefas... até o nível
 cinco o nível seis já se torna um pouquinho difícil...
 com algu::mas exceções... então nós temos... que
 comparar essa nota bruta... com esses padrões... é
 200 cla::ro que::... para chegar nesses padrões... que que
 nós (temos) que fazer?... tivemos que::... aplicar
 VÁrias vezes esses testes em grupos diferentes...
 certo?... e verificar... qual seria a ... normalidade... a
 MÉdia desses resultados... em relação a esses níveis...
 205 então vamos supor... em vários grupos que foram
 aplicados... se verificou:: que::... éh::... pessoas...
 com quinze anos por exemplo atingiam o nível oito...
 né? sujeitos... com:: três anos atingiam o nível dois

210 por exemplo... então de várias amos::tras... de vários
 grupos que se submete::ram a esse teste... né?... ah::
 verificou-se que:: () uma regularidade... desses
 resultados... então... se pôde éh::... construir...
 padrões... né? pôde se estabelecer padrões... e as
 215 notas brutas dos outros indivíduos que vão se submeter
 aos testes... serão comparados... né?... as notas
 brutas serão comparadas... a esses padrões... então
 por exemplo se eu utilizo um teste ...éh sueco... no
 Brasil... eu tenho que primeiro... Adaptar essa
 220 mostra... sueca... ese paDRÃO::... Ao padrão::
 brasileiro então primeiro se aplica em vários grupos...
 quantos grupos... a estatística disser que é
 necessário... não é?... (e) então... passa-se a seguir a::
 225 fazer um diagnóstico... dos indivíduos... né?...
 comparando-se a um paDRÃO:: significativo dos
 brasileiros... isto é:: a parte mais difícil do teste...
 é se adaptar... esses padrões que foram construídos a
 partir de uma amostra representaTiva... para uma
 outra mostra... né? porque:: aí vai influir meio
 230 cultural::: social::: né?... o tipo de vida do indivíduo
 o COhecimento que eles têm... né? (se) pode ter
 menos ou mais conhecimentos... e o teste pode ser
 construído... ou É construído a partir de
 conhecimentos... né? então... esses padrões (tem sua
 235 ação) DIretamente... e:: comprometem os
 instrumentos né? isto já é um fatorzi::nho:: negati::vo...
 éh:: difi::cil que::... éh:: perturba assim a::... a
 utilização de () teste... bom... nós podemos então
 240 comparar com padrões e também comparar com
 OUtros sujeitos... com notas... de OUtros sujeitos...
 para ver se por exemplo o resultado... a nota bruta
 de um indivíduo... se distancia mui::to dos outros
 ... é MUIto diferente dos outros... ou se está mais ou
 245 menos...próximo do resultado dos outros né?...
 bom... estas notas significativas elas se distriBUEM::
 numa CURva... que se chama cur::va de
 distribuição... esta curva de distribuição ela
 representa... todas as notas obtidas... a partir da
 aplicação dum teste... num determinado grupo... essa
 250 curva de distribuição... éh:: como é que ela é
 característica?... ela se caracteriza... por aqui ó...na
 própria ()... certo? ... os valores mé::dios... a
 a maioria né? os valores MÉdios... se concentram

255 mais no centro da curva... e os valores de menor
 ((vozes)) CAUda... ((vozes)) ()... certo?... então
 aqui eu tenho... uma taxa de maior (concentração)...
 dos resultados... né? e aqui eu tenho... menor
 (concentração) dos resultados (menor frequência)
 260 de resultados... se situa... nos extremos... certo?...
 bom... agora o que existe por exemplo... éh:: nessa
 curva... é::... é que os valores são precisos... não
 existe assim... um limi::te...né?... um limite mas
 existe uma gradação... então o indivíduo se situa mais
 ou menos nesse nessa posição... mais ou menos nessa
 265 posição extre::ma... e::... numa faixa média (comum)
 está dentro de uma faixa média... mas não existe
 assim dentro de um limite ex/ PREciso... não existe
 assim:: um sal::to por exemplo né? () não é uma
 coisa de saltos... é coisa ()... né? então ela é uma
 270 curva... é uma curva éh contí::nua... certo? mas não
 uma curva... interrompida em saltos uma curva
 (contínua)... mas (a gente não pode) se lembrar::
 que esta curva é obtida através::... de tes::tes né?...
 em que PAR::tem do princípio de que a inteligência é
 275 contínua... é um desenvolver CON::tínuo (da
 inteligência) por isso que... se obtém Essa curva...
 então por exemplo quando se vai programar... um
 tes::te... se parte do princípio de que... aquilo que eu
 quero medir é tal tal coisa... então existe um concei::to
 280 aí... a respeito do que eu quero medir... e ESté
 conceito esta idéia essa::... éh:: essa rotulação
 do que eu quero medir... éh:: vai... determinar o tipo
 de teste... um tipo de avaliação... o tipo de tarefa
 que o indivíduo vai ter que resolver... então é lógico
 285 que a curva obtida... ela está liGAda... a:: o que o
 indivíduo vai ter que medir... agora se eu partir do
 princípio por exemplo de um outro modelo... de que a
 inteligência não é algo CONTínuo... mas:: tem::...
 290 ua uma::... uma subida ou uma descii::da um:: umas
 cri::ses por exemplo como é o desenvolvimento
 certo? que nós vimos () até agora... é lógico que::...
 a curva não vai dar essa... porque os instrumentos de
 avaliação (não constam do quadro)... vão ser
 295 OUtros... os instrumentos de avaliação ... então os
 instrumentos da de avaliação CARREgam... os
 princípios... ahn:: da de quem confeccionou::... o

instrumento né?... o indivíduo acredita... que::... tal
 coisa significa tal coisa certo? inteligência é algo
 contínuo... é o uso do intelecto... é o uso É finalis::ta...
 300 então ele vai confeccionar um instruMENto... de
 acordo com esse conceito... e ele vai postular certas
 hiPÓteses... para verificar os (seus) DAdos de
 aCORdo com esse conceito... então qualquer pesquisa
 que o indivíduo faz... por exemplo se ele escolhe...
 305 éh::: entrevistar uma pessoa por exemplo... ele parte
 do princípio de quê? de que aquele instrumento é
 vá::lido... e porque que é válido? porque ele acredita
 que... aquilo que ele está (perguntando) PO::de ser
 (avaliado) através de uma pesquisa...
 310 (questionário)... então QUAL-QUER tipo de pesquisa
 traz... com e::la TOda uma filosofi::a... um
 concei::to ()... pressupostos teó::ricos daquilo
 certo?... então... (NA na:: a metodologia) ()... então
 por exemplo esses testes trazem consigo todo o
 315 conceito... do funcionamento... agora se nós
 tivéssemos... éh:: por exemplo no mode::lo:::
 behaviorista... nós confeccionaríamos os instrumentos
 de outra FORMa... faríamos por exemplo uma
 experiência controlada... em laboratório... na base
 320 de estímulo e (resposta)... ((tossiu)) que é?... então aí
 o resultado seria de (outra FORMa) e partiria de um
 conceito diferente de inteligência... alguma coisa
 (para ve/ para verificar::) ou algum () ... de acordo
 (com a abordagem do que que seria)... a::: a
 325 inteligência... certo?... o que me interessa no
 behaviorismo é o comportamento (do aparelho)...
 o que ele... o que ele (está desenvolvendo ali) em
 termos de estímulos... e (reforço) em termos de
 (estímulos) e (reforço) certo? então aquilo em
 330 determinadas () revelam o conceito... do modelo...
 no modelo... eh *gestalt* por exemplo... já teria um
 outro instrumento... no modelo psicogenético teria
 uma OUtra forma de:: de (se) estudar a inteligência...
 seria mais uma frase de ... de:: evolução:: da
 335 inteligência... FA::ses da inteligência... como nós
 estamos estudando o desenvolvimento ... as fa::ses da
 inteligência então aí no caso a inteligência ... ela
 estaria... liga::da a TO::do o desenvolvimento do
 indivíduo ela (ia ia) estar JUN::to... ela é TOdo o
 340 desempenho do indivíduo ela não é simplesmente...

o uso do intelecto... mas ela é:: éh:: tudo TOda a
 realização do indivíduo em qualquer momento...
 então nesse caso... ela tem uma curva... (signóide)...
 e ela tem saltos... ela não é contínua... por exemplo...
 345 se eu vou estudar a inteligência na época da
 puberDAde... em que o indivíduo está... com um
 metabolismo totalmente alteRAdo... qual vai ser (a
 realização do indivíduo)... como é que... como é que
 vai ser o desempenho dele?... então o desempenho
 350 dele vai estar muito mais ligado às funções
 neuro-vegetativas... porque nesta época da puberdade...
 essas funções têm maior pe::so... então a inteligência
 no () (psico/psicogenético) ela não (impe::de o
 desenvolvimento de nada disso) ... e::... () ... ela vai
 355 sendo::... é um uma::... uma curva assim... éh
 conTÍ::nua... de acumulação:: de conhecimen::tos
 simplesmente... sem éh... sem QUE::das... sem
 SAL::tos... (quer dizer) é conTÍnua... então no
 modelo funcionalista... o desenvolvimento É::
 360 contínuo... no modelo psicogenético não é contínuo...
 é::... feito:: em CRIses... em SALtos... (entende?)...
 queda e saltos... ((intervenção de locutor
 acidental))... bom aí depende do modelo...
 ((intervenção de locutor acidental))... depende do
 365 modelo em termos funcionalistas como eles acreditam
 que a inteligência é con::TÍnua... então eles (eles)
 verificaram nos testes deles... que o indivíduo
 atinge... éh:: o MÁ::ximo do desenvolvimento da
 inteligência aos vinte e poucos anos... MAIS:: do que
 370 isso ele vai (el/) ele não consegue atingir... certo?...
 isso porque... eles eles (acreditam) eles têm verificado
 de acordo com os instrumen::tos... (que é esses)
 né?... de que os::... ah:: a inteligência é contínua...
 e ela vai até certo ponto e depois pára agora no
 375 modelo psicogenético... em que se verifica (que)
 CAda fase... o indivíduo dá de SI... aquilo que a fase
 está tendo como prepondeRANte... não existe isso...
 não existe... não não existe por exemplo esse marco...
 que por exemplo se o indivíduo está numa fase...
 380 em que::... éh::... o organismo... em termos de::
 sistema nervo/ sistema:: glandular... é mais
 inTENso... a inteligência dele vai ser mais glandular
 (vamos dizer) vai ter muito mais um desempenho ...
 mais ligado ao organismo... então ele vai (receber)

385 muito MAIS... taREfas... DIretamente ligadas::...
 ao:: sistema vegetativo dele... (quem) não tiver::...
 (ah) não vai perceber mas não porque ele não é
 inteligente é porque naquela fase (começam) ()... na
 puberdade é um exemplo... né? depois na
 390 adolescência o que que acontece?... o indivíduo está
 muito mais... liga::do a::... investigações intelectuais
 para (contestar)... então ele (está querendo discutir...)
 () ALto (mais de base de::) e não de:: de
 argumentação::... de diÁlogo mas está muito mais
 395 ligado à discussão... então... todo aquele teste... que
 provocar esse tipo de discussão ele vai gostar e vai
 realizar... e vai () ... () ... agora se por exemplo...
 o indivíduo (entrar) na adolescência... mas se estiver
 doente... então aí há um (rebaixamento) desse:: Tipo
 400 de indivíduo... então ele vai... vai procurar...
 desenvolver TUdo MAIS::... em termos orgânicos...
 então ele vai ter respostas... mais emocionais... então
 a inteligência dele está mais emocional... porque a
 inteligência () (psicogenético) mais para o
 405 desempenho geral (do que)... é o desempenho geral
 dele não é simplesmente... o intele::cto... certo?
 separado assim do organismo... resolução de
 problemas abstratos (tudo mais) () não é isso ela
 está ligada ao...ao organismo como um todo... tanto é
 410 que na psicogenética a gente FAla em inteligência
 animal... né? o animal TEM inteligência mas é uma
 inteligência... num:: nível em que o homem já superou...
 o homem já superou aquele nível... um nível mais assim::...
 éh menos (flexível)... mais assim::... éh:: repetitivo né?
 415 (um nível) mais repetitivo () determinadas tarefas...
 então ele está num nível mais automati::vo... então
 o homem superou () ele não está SÓ:: no
 nível automativo ele já:: atingiu por exemplo o
 420 aDULto... já atingiu um nível mais flexível em que se
 adapta às situações mais::... éh:: novas possíveis...
 mas se ele tiver algum problema algum disTÚRbio ele
 cai para um::... um nível mais fixo né?... (uma)
 inteligência mais fixa... então aí a gente vai (obter)
 resultados diferentes::... e:: os instrumentos utilizados
 425 são instrumentos diferentes nós não podemos utilizar
 por exemplo ... numa linha psicogenética... o mesmo
 instrumento para qualquer indivíduo... né? nós temos
 que inclusive... éh:: observar mais... observar assim...

430 mais de forma natural... como é que o indivíduo (tem)
o seu desempenho como é como é que ele se
desempenha... é mais na base da observação:... e
também:... não assim... (em) situações:... éh:... em
determinadas situações separadas de um contexto...
435 mas se procura... verificar:... a evolução::
daquele... (da) () ... a evolução do comportamento
inteligente... uma das suas realizações ()... e a::
FAse respeitando muito as fases...né? ()...

PROJETO NURC/SP

INQUÉRITO Nº 405 — BOBINA Nº 141 — INF. Nº 489

Tipo de entrevista: elocução formal (EF). *Duração:*
35 minutos.

Data do registro: 2/5/77.

Tema: A arte pré-histórica: o paleolítico (aula de curso secundário).

Informante: mulher de 36 anos, desquitada, professora secundária, paulistana, filha de pais brasileiros. 2ª faixa etária.

- 1 *Inf.* (...) então nós vamos começar pela Pré-História...
hoje exatamente pelo período... do paleolítico... a
arte... no período paleolítico... o paleolítico é
5 todos sabem... não é?... e... tem uma duração de
aproximadamente de seiscentos mil anos... seria
exatamente... pegando a (fase) da evolução do
homem... quando o homem *sapiens*... que já deixou
de ser (macaco)... passou a usar a inteligência... a
10 conseguir fazer coisas... e como a gente vê é um
período... eNORme () a o que a gente conhece da
história humana... seiscentos mil anos é MUIto
tempo... as:: manifestações artísticas começaram a
aparecer no paleolítico superior... especificamente no
15 período () que é o último período do paleolítico...
e que vai abranger ... aproximadamente de vinte
mil... a doze mil antes de Cristo... então a gente já
limitou bastan::te nesse período extremamente vasto
de seiscentos mil anos... embora... de vinte mil a
20 doze mil... (quer dizer) praticamente oito mil anos...
ainda seja... um período MUIto maiOR do que... o
que nós conhecemos... historicamente... que
abrange por volta de cinco mil antes de Cristo até
hoje portanto... por volta de sete mil anos... certo?...
25 então tudo o que a gente vai dizer a respeito desse
período... é baseado em pesquisas ... arqueológicas...
é baseado em pesquisas... etnográficas... em
pesquisas... no campo da ARte... mas uma série de
coisas são suposições... se nós não podemos
30 afirmar... categoricamente que as coisas se passaram
assim... a gente tem uma série de dados... levantados

especialmente pela Arqueologia que a gente
 interpreta... de um determinada forma... mas com...
 35 iMENsOs... buracos em branco... então... não é uma
 história ligadinha com todos os elos que a gente
 possa dizer olha... se desenvolveu NESTe sentido...
 muitas vezes a gente supõe ... que as coisas tenham
 ocorrido assim... e por isso eu vou precisar que
 40 vocês... se dispunham a usar da imaginação... para se
 transportar para essa época e tentar entender...
 dentro de que cntexto... pôde se desenvolver uma
 manifestação artística... então... primeiro nós vamos
 localizar onde foram encontrados esses vestígios
 artísticos... vou fazer um mapa aqui bastante rude...
 45 isto seria a Espanha... e aqui... a França
 ((vozes))...certo? então nós vamos (ter)... Altamira...
 que é um nome que vocês... vão encontrar em muitos
 lugares... aqui no norte da Espanha... e depois...
 () ... no sudoeste da França... e ainda aqui em toda
 50 essa região abrangendo o sudoeste da França... e
 sudeste da Espanha... com vários... cavernas... vários
 vestígios da arte pré-histórica paleolítica... -- nos
 slides na próxima aula nós vamos ver Basicamente
 Altamira e () - ... BEM... então vamos tentar
 55 reconstruir a maneira de vida desse POvo para depois
 poder entender como surgiu a arte... e... porque
 surgiu um determinado estilo de arte... a gente vai
 pensar no homem do paleolítico superiOR... como
 um homem que ainda não conseguiu se organizar
 60 socialmente nem politicamente... eles ainda vivem em
 BANDos... ainda existe... o individualismo
 marcado... (e) ainda não existe o sentido de
 comunidade... ainda é:: cada um por si e Deus por
 todos... (quer dizer) cada homem vai cuidar de seu
 65 grupo mais próximo que a gente poderia talvez
 denominar de grupo familiar:: já... mas... aquele
 grupo mais próximo dele... e eles viviam
 basicamente da coleta eram caçadores... e viviam
 da coleta... isto é levava a um tipo de vida nômade...
 70 por quê?... porque na medida... em que acabava a
 caça do lugar OU (que) em virtude da da época do
 ano no inverno por exemplo... os animais iam
 hibernar outros... imigravam para lugares mais
 quentes eles também precisavam acompanhar... o a
 75 migração da caça se não eles iam ficar sem comer...

quanto à coleta se eles dependiam... da colheita...
 de... frutos...raízes... que eles NÃO plantavam... que
 estava à disposição deles na natuREza... eles também
 tinham que obedecer o ciclo:... vegetativo... então
 80 existe uma época para ter uma maçã outra época para
 ter laranja outra época para ter banana... existem
 CERTas regiões onde há determinados frutos OUTras
 regiões... com OUTros frutos...então eles tinham
 que acompanhar este movimento também:: e por isso
 85 eram nômades e não se fixavam ... a lugar nenhum...
 então numa vida deste tipo... a preocupação
 PRINCipal está centrada na sobrevivência... não dá
 tempo assim para minhocar coisas muito esotéricas...
 de ficar pensando no sentido da vi::da... se o *rock*
 90 é melhor do que o chori::nho::... se:::... meu Deus
 do céu como eu vou educar meu filho para ele estar
 preparado para a sociedade de amanhã:: que está em
 tão rápida transforma/ não tem tempo para fazer
 isso... eles precisam pegar pele para se esquentar...
 95 e ter comida... para comer e se defender dos outros
 animais... então as preocupações são MUITO...
 ahn::... de todo (o) DIA:: levanta tem que procurar
 comida... não tem ninguém para servir o café para ele
 na hora que ele levanta... então::... toda e qualquer
 100 manifestação que a gente for procurar vai ter que
 estar necessariamente ligada... a esta preocupação
 vital... do homem pré-histórico de... se conservar
 vivo... vocês:: se lembram que naquele primeiro texto
 que nós vimos aqui a respeito do estilo... há::...
 105 havia... três ou quatro citações que faziam referência
 exatamente a isso que estilo mudava... com... a
 mudança... de vida... e que o estilo e que a arte
 SEMpre vão refletir uma determinada ma-NEI-ra...
 de considerar o mundo e a natureza... ora a maneira
 110 do homem pré-histórico era... BASICamente eu
 preciso comer...e eu preciso::... me defender dos
 animais e eu preciso me esquentar na medida do
 possível... certo?... então a arte pré-histórica só vai
 poder refletir::...então a arte vai nascer:: em função
 115 dessa NEcessidade... de se manter vivo... necessidade
 que vai se caracterizar de forma PRINCipal:: em
 termos de comida... isto é de caça... que é o que
 oferece... uma resistência porque a:: fruta está na
 então eles não precisavam se preocupar... certo? se a::

120 fruta... éh se eles iam conseguir a fruta ou não...
mas a caça pode fugir:: a caça pode atacar... então
a preocupação central... vai ser em torno da caça...
então vai... nós vamos ver isso refletido desde os
temas... OU:: se a gente se reportar... ao problema
125 da análise iconográfica... DES::de... o::tema
pré-iconográfico... que nós vamos reconhecer... até
... ao iconográfico propriamente ainda não existe...
não... seria pré-iconográfico só... porque ainda não
existe o problema da composição vocês se lembram
130 que o tema... pré-iconográfico a imagem é uma
composição de motivos... a que nós só vamos... fazer
uma leitura em nível PRÉ-iconográfico nós vamos
reconhecer as formas... então que tipo de formas
que nós vamos reconhecer?... nós vamos reconhecer
135 bisontes... ((vozes))... bisonte é o bisavô... do
touro... tem o touro o búfalo:: e o bisonte MAIS
lá em cima ainda... nós vamos reconhecer ahn::
cavalos... nós vamos reconhecer veados... -- sem
qualquer (em nível) conotativo aí --... e algumas
140 vezes MUIto poucas... alguma figura humana...
aí na parte ... de estatuária que a gente vai reconhecer
a figura humana mas é muito raro... neste período...
por que o bisonte e não o touro? por que a gente está
falando em bisonte especificamente e não o touro?...
145 ((interferência de locutor acidental))... exatamente
porque naquela época... o que existia eram os bisontes
e os mamutes também... alguns mamutes...
mamute... vem a ser... o bisavô... do elefante...
((risos))... - - Betina... ((vozes))... já resolveu? tudo
bem -- ... bom... então primeiro em nível de tema...
150 a seguir... qual seRIA... o motivo pelo qual... eles::
... começaram... a pintar ou a esculpir... estas
formas... ((vozes))... Betina... ((vozes))
eXAtamente... nós vamos chegar aí... e hoje quando
155 a gente senta... e:: para fazer uma obra de arte...
mais ou menos... a gente se dispõe... a gente pára
aquela vida cotidiana da gente... a gente se tranca em
algum ambiente se possível põe um aventalão:: e se
fantasia de artista... é algo desligado de nossa vida
160 quer dizer é uma faceta que a gente assume um papel
novo... agora neste momento eu vou trabalhar com
barro vou fazer minhas criações ou eu vou pintar um
quadro... ou eu vou fazer ahn uma::... JÓia... certo?

165 mas é:: uma faceta... MUIto especial da vida da
 gente... da qual a gente tem que desligar todos os
 interesses práticos... certo?... não é só porque eu
 preciso me vestir que eu vou fazer um vestido::
 maravilhoso... ou que eu vou bordar... uma:: tela
 para pendurar em casa porque eu preciso de aquecer
 170 a casa... NÃO... é porque eu acho bonito... mas...
 se a gente está num nível de vida... em que a
 preocupação principal é se manter vivo... qualquer
 atividade nossa vai estar relacionada com:: com essa
 preocupação... então a arte SURge não em função::
 175 de uma necessidade de auto-expressão... nem em
 função de uma necessiDAde... de::...embelezar o
 ambiente em que eu vivo... deveria ser uma
 necessidade estética de ver coisas bonitas... mas
 Unicamente... em função da necessidade de eu
 180 assegurar... a caça... e continuar podendo comer e me
 manter vivo... então vejamos... no momento em
 que o homem... pré-histórico por uma razão qualquer
 mexeu... no carvão mexeu nos ossos carbonizados
 ficou com a mão... suja preta... e encostou as mãos
 185 na parede... ele percebeu que ele era capaz de
 CRIAR::... e criar uma imagem::... que TANTa
 semelhança... com o objeto real... que era a mão
 dele... neste momento ... as coisas para eles ainda
 estão muito confusas quer dizer... criar uma pessoa...
 190 ou criar uma imagem é mais ou menos a mesma
 coisa... no sentido de que nós estamos criando uma
 coisa nova... do nada... eu não tinha nada
 aqui passo a ter a imagem da minha mão... e esta
 idéia de criação é que ainda () e representação...
 195 não foi aINDa... estabelecido... na medida em que
 as duas coisas são reais... que as duas coisas fazem
 parte do mundo e têm e passam a ter uma existência...
 eles ainda não se preocuparam... com o problema
 de um se::r... a representação do outro... e isto
 200 DEve ter dado uma sensação de poder... uma
 sensação... de poder... uma sensação ... de domínio
 sobre a natureza... que no final das contas toda a
 evolução humana... não deixa de ser exatamente a
 evolução do domínio que o homem tem sobre a
 205 natureza... a possibilidade que ele tem de manipular
 as coisas em seu próprio proveito ... certo?...
 está claro até aqui?... então:: ele vai tentar usar

esta criação... que ele é capaz de fazer... para
 garantir a caça... pois ele é capaz de criar algo...
 210 que se pareça MUITO... com aquele animal que está
 correndo lá FORA... ora... isso dá a ele... então
 um poder sobre aquele animal... e no momento
 que ele é capaz:: de desenhar... -- aqui a única
 coisa que eu sei fazer é um gato -- ... a hora que
 215 ele é capaz... de desenhar este animal... ele é capaz...
 de desenhar este animal... ele vai ter poder sobre a
 vida dele... então isto vai garantir... que ele traga
 este animal de volta para casa (sem) ser comido...
 220 COMO... que nós chegamos a es::ta?... teoria... não
 deixa de ser uma teoria... como que nós chegamos
 a ela?... por alguns fatos... primero... alguns desses
 animais eram representados com:: uma flecha...
 cravada neles... o QUE:: enquanto representação
 enquanto imagem não tem sentido eu matar uma
 225 imagem... que a imagem não tem vida nem sentido...
 ela existe:: mas ela não é vivente... certo?
 ((vozes))... outras vezes não dá para comer olha O::
 Carlitos conseguiu comer um par de sapatos né?...
 mas comer a:: a imagem na pedra ia ser bem mais
 230 difi/ precisava de dentes MUITO mais fortes que eu
 acho que não havia não... e também não tinha sal::
 temperinho porque às vezes agora a gente precisa
 tomar sopa de pedregulho né?... mas a gente põe
 algumas outras coisas para melhorar o gosto... naquele
 235 tempo ia ser muito (difícil)... outras vezes... em
 vez da representação da flecha então da morte
 simBÓlica não? representada... nós íamos encontrar
 MARcas aqui de que flechas reais foram atiradas...
 contra a imagem... então esta seria uma das razões...
 240 a segunda razão... seria o fato que nos leva a pensar...
 na:: na arte nascendo ligada à magia... é o fato
 de que essas representações eram feitas sempre na
 parte escura das cavernas... MUITO no FUNdo...
 de maneira que não era de maneira alguma para ser
 245 vista... no escuro a gente não pode ver... a própria
 COR... depende da luz... ou... é... um problema de
 luz... de iluminação... certo?... então não havendo a
 luz... não pode haver a refração diferente aí dos
 raios luminosos e portanto não existe a cor... então
 250 não haveria sentido em pinTAR... iMAgens:: num
 lugar escuro... há ainda uma terceira razão...

((interferência de locutor acidental))...por ser no
 escuro... demonstra... que a imagem não foi feita...
 para decorar a caverna... ou para ser vista por outras
 255 pessoas... certo? por exemplo numa igreja hoje você
 tem imagens que representam... uma idéia religiosa
 uma série de coisas mas que estão lá para ser vistas
 também... a igreja é clara... no fundo da caverna
 nem isso eles não poderiam ir lá:: orar:: digamos...
 260 porque eles não veriam a:: as imagens... certo?
 então... não foi feita para ser vista...uma terceira...
 razão:: é que eles sobrepunham as imagens... então
 nós vamos encontrar... em cima de um bisonte
 a imagem de um veado... então não tem
 265 importância que aquela que aquele espaço já tivesse
 sido ocupado por uma imagem... se o próximo
 animal (que eu) preciso caçar é um cavalo eu vou
 desenhar um cavalo em cima daquilo... não tem
 importância... ficar uma sobreposição de imagens...
 270 porque não é para ser visto... certo? agora a
 fi-na-li-da-de com que ela foi feita não impede...
 que elas tenham um valor estético quer dizer que
 elas se mantenham até hoje... que a gente Olhe
 e ache que é obra de arte... porque hoje para
 275 nós... não influi mais o fato... delas terem sido feitas
 com uma finalidade mágica porque nós não
 dependemos da caça mais... mas é possível a gente
 olhar para elas e ainda se espantar com a QUALidade
 da representação então são dois fatos diferentes...
 280 a finalidade (para o que) ela foi feita... e a
 ca-pa-ci-da-de artística de quem a fez... certo? porque
 se eu (fizer) este gato e deixasse durante doze mil
 anos... ele vai continuar sendo um gato sem valor...
 não tem:: nenhuma... um valor artístico esta
 285 representação mesmo porque:: é usada por todas as
 crianças acho que quase que do mundo inteiro para
 desenhar gatos... então não estou colocando nadinha
 de novo (no tema)... nada de original... certo?...
 bem... então::... a partir disto olha nós vamos poder
 290 entender ... qual o tipo de arte que se desenvolveu
 porque se eu quero criar... uma réplica da realidade...
 um DUplo do animal que eu quero caçar qual é o
 único estilo que eu posso usar?... ((vozes))...
 naturalista... ((interferência de locutor acidental))...
 295 não não... aí:: a gente vê essa obra hoje com outros

olhos com os nossos critérios... de beleza... e os
 nossos critérios de valor estético... eles têm... esse
 valor também a gente pode ver segundo outros
 critérios...além daquele pelo qual ele foi criado...
 300 então nós vamos fazer uma diferença aqui olha...
 uma coisa é dizer que a arte na época... tinha
 função... pragmática... porque é isso que a gente
 vem dizendo até agora certo? se ela foi criada...
 para um FIM... OUtro... que NÃO... a contemplação
 305 estética... ela é pragmática... então ela foi criada
 com uma função pragmática... outra coisa... é eu
 falar em es-TI-lo... naturalista... e naturalista aqui
 realista... isto é:: não é a realidade a a a... a
 realidade idealizada MAS a realidade de FAto...
 310 que vai ser retratada... ((interferência de locutor
 acidental))... ela mistura uma coisa com a outra...
 ((interferência de locutor acidental))... com outro tipo
 de realidade... continua sendo realidade (o desenho)
 é um outro tipo... ((interferência de locutor
 315 acidental))...mas ... o que ele... pintou ou
 desenhou... é dentro de um estilo naturalista-realista
 ele não vai esquematizar... ele não vai estilizar...
 por quê?... por causa (dessa) necessidade de criar
 algo tão parecido com com a realidade quanto
 320 possível... para poder substituir... a realidade...
 -- Betina -- ((interferência de locutor acidental))
 ... não... não... no no:: no paleolítico... não no
 paleolítico e nós vamos ver... que inclusive é é
 u::/ u::ma arte extremamente visuAL ... em que
 325 sentido?... no sentido de que só entra na figura
 aquilo que ele pode concretamente ver no animal...
 então se ele está vendo de uma determinada
 perspectiva... em que ele não enxerga as duas patas
 do outro LAto... ele vai pintar ahn desenhar o animal
 330 só com duas patas porque é só o que ele podia
 ver... certo? quando depois a gente chegar no neolítico
 a gente vai... ver... a comparação que nós vamos
 ter uma arte muito mais conceitual... ele vai desenhar
 aQUilo ... que ele sabe que o objeto TEM... e
 335 não aquilo que ele pode ver do objeto... ((interferência
 de locutor acidental)) ... eXatamente não só a
 imaginação... (quanto) o conCEito do objeto que
 ele tem... então vocês ahn:: têm irmãos pequenos?
 quem tem irmão pequeno?... Lúcia... você também

340 Valdério?... como é quando você pede para desenhar
 uma mesa:: como é que a criança desenha?...
 ((vozes))... ah:: então é muito pequenininho Valdério
 seu irmão... irmão ou irmã?... ((vozes))... desenha
 uma mesa?... ((risos))... como ela desenha?...
 345 ((vozes))... será?... pede que idade ela tem? ((risos))...
 normalmente quando a gente pede para uma criança
 de por volta de quatro a cinco anos desenhar uma
 mesa... ela põe o TAMPO:: que ela sabe que
 existe...ela põe as PERnas para todos os lados...
 350 por quê? ora... se ela olhar de um determinado
 ela vê duas pernas se ela... andar meio metro ela
 vê outras duas pernas então ela põe pernas para todos os
 lados... por quê? porque ela SAbe que a mesa
 tem um tampo que é onde ela põe as coisas... e que
 355 a mesa está apoiada em cima de pernas... agora isso
 aqui... ela jamais vai poder... VER essa imagem...
 da mesa... então isso aqui é o que ela sabe ela
 está desenhando o que ela tem na cabeça... e não
 o que ela está vendo... então Olha a gente
 360 poder... hoje parece assim meio... incrível mas...
 hoje para nós... extremamente racionalistas e com
 um::... um aparelho conceitual altamente
 desenvolvido é MUIto difícil a gente desenhar
 estritamente o que a gente vê a gente separar a
 365 percepção... da... do conceito que nós fazemos do
 objeto... isso vai ser feito outra vez na arte moderna
 () aqui... pelos impressionistas... desenhar Única
 e exclusivamente o que eles estão enxergando..
 ((interferência de locutor acidental))... eu acho que
 370 sim eu acho que a arte do retrato é MUIto difícil
 porque aí você exige a semelhança...enquanto se você
 está criando você não precisa colocar nenhum padrão
 ... a não ser o padrão da própria obra... certo?
 quando você cria um retrato... você está dentro da
 375 função naturalista você quer CRIAR uma semelhança...
 que todo mundo olhe e diga o::lha a:: Elisabete Segunda
 da Inglaterra... COmo está parecida... certo?... então é
 MAIS difícil do que você criar... uma figura de mulher
 qualquer que você pode distorcer da maneira que você
 380 bem:: entender... que você pode pintar de vermelho...
 não precisa se manter... a a cor da tez... uma
 rosa porque é muito difícil exatamente você chegar...
 a esse tom de pele...inclusive de pele de um para

385 outro...BOM... então chegamos aqui eles vão criar
 uma arte... naturalista realista... em:: virtude da
 função pragmática desempenhada por essa mesma
 arte dentro da sociedade... ou dentro do grupo...
 em que eles vivem... bom... outra coisa que nós
 vamos ver... nos *slides* na na aula que vem... é a...
 390 extrema precisão do desenho ... eles conseguem
 chegar a uma fidelidade linear... da natureza...
 a extrema exatidão do desenho... ou precisão...
 e eles conseguem chegar... a é óbvio uma evolução
 certo? mas em alguns dos desenhos das cavernas
 395 principalmente em Altamira... há uma fidelidade...
 linear à natureza... que consegue mostrar os animais::
 em pleno movimento... então o animal saltando... e
 conseguem transmitir para a gente eXAtamente essa
 idéia de movimento... através:: exclusivamente de
 400 linhas... bem... uma última coisa que eu gostaria
 de dizer é o fato de que nessa época ainda não
 existe preocupação com composição... o que a gente
 encontra são desenhos... individuais... então nós
 vamos terminar aqui hoje... e a aula que vem com
 405 a ajuda dos *slides* ... se as cortinas chegarem
 estiverem instaladas... vocês vão poder perceber...
 tudo isso (do) que a gente está falando... a a ao::
 ao ver as imagens vai ficar muito mais fácil da
 gente perceber essas categorias...

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)